

# DOS VÍCIOS às VIRTUDES

*a transformação  
da humanidade*

*autor*

ANTONIO  
PIMENTEL



1ª edição

**ISBN 978-85-68582-02-2**

Copyright © 2017 by Antonio Pimentel Francisco *Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, total ou parcialmente, por quaisquer meios, sem autorização, por escrito, da editora.*

**Capa e Diagramação** Cesar Oliveira **Digitação** Luciana Mercadante **Revisão** Cris Denik **APOIO**

Sociedade Espírita dos Apóstolos Missionários a Serviço do Senhor



**ARTE & OPÇÃO EDIÇÕES LITERÁRIAS**

Mesquita - RJ - Brasil e-mail: [taqui@matrix.com.br](mailto:taqui@matrix.com.br) [www.osmissionarios.com.br](http://www.osmissionarios.com.br) | [www.arteeopcao.com.br](http://www.arteeopcao.com.br)

*Impresso no Brasil – Printed in Brazil*

“Amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, com toda a tua alma, com todas as forças e com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.”

*LUCAS CAPÍTULO 10 VERSÍCULOS 26,27*

Jesus

“Fora da caridade não há salvação.”

Allan Kardec

“Aqueles que não aprendem nada sobre os fatos desagradáveis de suas vidas, forçam a consciência cósmica que os produza tantas vezes quanto seja necessário, para aprender o que ensina o drama do que aconteceu. O que negas te submete. O que aceitas te transforma.”

Carl Jung

“Se as dores e o sofrimento enobrecem a alma, os vícios de imperfeição como egoísmo, ódio e orgulho, entre outros, trazem a experiência de vida necessária ao ser humano na transformação de sua percepção para sentimentos mais nobres e virtudes mais equilibradas, como a compreensão, o perdão e a solidariedade humana.

A partir da depuração desses sentimentos, o homem alcança a verdadeira caridade, podendo desenvolver a abnegação, a generosidade e a bondade, que na continuidade transformam-se em sensatez, justiça e sabedoria, denotando uma trajetória de sua sensibilidade para amar ao próximo e a si mesmo.”

Antonio Pimentel

## Agradecimentos

Agradeço aos amigos espirituais que nos intuíram com o propósito de trazer conceitos de ordem moral para melhor identificar os desregramentos e as qualidades que o homem deve ter ao desenvolver o amor.

Assim, dedico esta obra à minha esposa, Analígia; aos meus filhos Adriana e Marcelo, destacando o meu neto Pedro Henrique que poderá ser, no futuro, um dos sucessores de nosso trabalho como missionário de Jesus a serviço da evolução do ser humano para Deus.

## Sumário

01. Os vícios como manifestações instintivas do homem primitivo 02. As virtudes como qualidades adquiridas pelas experiências vividas 03. O egoísmo gerado pela lei de conservação do homem 04. A ganância como necessidade de ganhar mais do que o necessário 05. A avareza determinada pela fraqueza em lidar com a perda 06. O ódio, o rancor e a raiva como vícios extremos 07. A inveja e o ciúme pela falta de capacidade de conquista do ser humano 08. O bullying na provocação de deboches e zombarias pela fraqueza humana 09. A sexualidade como energia gerada pelo instinto animal 10. A paixão como emoção intensa gerada pelo desejo sobre qualquer coisa 11. O orgulho como exagero dos próprios valores superestimados 12. A vaidade como o desejo de atrair a admiração de outras pessoas 13. A luxúria gerando a emoção de intenso desejo aos prazeres carnavais 14. A corrupção como ato de oferenda para obtenção de vantagem para si 15. A prostituição como troca consciente do ato sexual por uma remuneração 16. A calúnia como desonra pela afirmação falsa a respeito de alguém 17. A negligência enquanto inobservância em uma ocorrência 18. A preguiça, a ociosidade e a apatia como vícios de desmotivação do ser humano 19. A gula enquanto desejo descontrolado do consumo de alimentos 20. A fé enquanto confiança em uma ideia ou religião 21. A resignação como capacidade de suportar determinadas situações 22. A humildade no ato de reconhecimento

dos erros e fraquezas 23. A tolerância como capacidade de aceitação de valores contrários 24. A ponderação como ato de prudência e bom senso diante da vida 25. O perdão como ato de mudar o sentimento de ódio ou rancor por alguém 26. A compreensão como capacidade de entender atitudes e emoções alheias 27. A compaixão como ação de buscar ajudar aqueles pelos quais se compadece 28. A fraternidade como ação de viver em união pelo desejo de um mesmo propósito 29. A solidariedade como ato de sensibilidade e compartilhamento do sofrimento alheio 30. A perseverança enquanto força de vontade na conclusão de uma tarefa 31. O altruísmo como ação onde as pessoas dedicam-se a outras despretensiosamente 32. A lealdade como capacidade de fidelidade, dedicação e confiabilidade 33. A honestidade como ação de pensar e agir com honradez e dignidade 34. A sinceridade como qualidade de uma pessoa naquilo que fala a outra 35. A modéstia como moderação na ação ou aparência, evitando a atenção imprópria para si 36. A abnegação como ação de renúncia e desprendimento a uma causa ou ideologia 37. A bondade como disposição permanente de se fazer o bem 38. A generosidade como capacidade de uma pessoa dividir o que tem com alguém 39. A caridade como um sentimento de ajuda a alguém sem busca de qualquer recompensa 40. A convicção como a crença de uma causa ou ideia baseada na razão 41. A prudência como capacidade para dispor a razão com cautela na solução de um assunto 42. A sensatez como característica de um equilíbrio e bom senso para definir um assunto 43. A organização como capacidade de estruturação de vida do ser humano 44. A assiduidade como fator

preponderante a regularidade do ser humano 45. A responsabilidade como capacidade de responder por seus próprios atos 46. A coragem como capacidade de confrontar o medo sem se intimidar 47. A justiça como equilíbrio do direito imparcial, moral ou material 48. A sabedoria como capacidade de julgamento com justiça e bondade 49. O desenvolvimento do amor pelas virtudes e os sentimentos do ser humano 50. Entre os vícios e as virtudes, a transformação da humanidade

## APRESENTAÇÃO

Mais uma obra que tem por finalidade levar o conhecimento ético, cultural e moral presente no fundamento da revelação espírita para auxiliar as pessoas em seu aprendizado, no conhecimento de seus vícios de imperfeição, bem como das virtudes e qualidades que podem adquirir.

Pelo fundamento das obras anteriores, percebemos o empenho que o escritor Antonio Pimentel teve no desenvolvimento deste livro. Seu comprometimento com a obra pode ser observado na qualidade e seriedade dos temas abordados, destacando-se o profundo conhecimento com o qual apresenta o assunto, tratando-o com uma linguagem simples, ao alcance de qualquer pessoa que se disponha a aprender um pouco sobre as sensibilidades do ser humano. E agora, nesta obra, pontua as qualidades que podem ser desenvolvidas por todos na reforma interior do caminho para Deus.

Para cada um de nós que deseja conhecer um pouco do que fomos, de como estamos e do que poderemos ser, certamente encontraremos caminhos nesta obra que apresentam todos os requisitos necessários a nossa orientação e transformação em pessoas melhores, preparando-nos para um mundo renovado que está chegando, onde nós, como espíritos, estamos nos aproximando da maior idade, por estarmos nos tornando esclarecidos diante do conhecimento moral e da modernidade tecnológica.

ADRIANA FRANCISCO

*Diretora da Sociedade Espírita Os Missionários*

## PREFÁCIO

Esta obra discorre sobre o desenvolvimento de uma caminhada que passa pelos vícios de imperfeição, mostrando a sua origem no egoísmo, pela lei de conservação, onde o homem torna-se ganancioso e avarento. Estando ele arraigado por esta lei, passa a gerar o ódio - resultado do rancor e da raiva que sente por aqueles que se interpõem em seu caminho, e com o passar do tempo, começa a sentir inveja e ciúme das pessoas a sua volta.

Na continuidade de tão importante assunto, é mostrado pelo instinto animal, que o homem desenvolve a sensualidade e se torna vítima da paixão. E, por meio do orgulho e da sua vaidade, envolve-se com a luxúria e a corrupção, acabando por comprometer-se com a prostituição, degenerando assim toda a sua vida.

Ao serem descritas as virtudes, o leitor passará a compreender que o homem, ao arrepender-se em função das dores e do sofrimento identificados na passagem de várias existências, encontra a fé e se torna resignado e humilde perante a vida, passando a ser tolerante, e ponderado em suas atitudes, aprendendo a perdoar e compreender aquele que foi o seu opressor.

Na continuidade do relato, é mostrado o desenvolvimento da compaixão, onde o homem torna-se fraterno e solidário, e pela perseverança aprende a ser leal, honesto e sincero.

Assim, a obra denota que, ao descrever as virtudes e as capacidades que o homem pode conquistar, pode ser visto o altruísmo, tornando-se uma ação de

abnegação pelo desprendimento a uma causa.

Nessa altura do desenvolvimento, é observado que na continuidade da evolução do homem pelas virtudes, ele passa a ter dentro de si a bondade, a generosidade e a convicção do que deve fazer, podendo assim desenvolver a justiça pela prudência, sensatez e a coragem que o tornará uma pessoa de sabedoria.

Ao descrever o desenvolvimento dos vícios às virtudes, esta obra assevera que pela caridade, pode-se chegar ao desenvolvimento do amor pela humanidade.

TEREZINHA DE OLIVEIRA DE SOUZA

*Diretora Fundadora – Presidente da Instituição Espírita Joanna de Ângelis*

# 1 - OS VÍCIOS COMO MANIFESTAÇÕES INSTINTIVAS DO HOMEM PRIMITIVO

A história da humanidade, segundo alguns estudiosos, tem mostrado que o homem primitivo, por meio do instinto de conservação, se obrigou a lutar pela sua sobrevivência da mesma forma que fazem os animais nas florestas. O homem, em prol de sua defesa, desenvolveu o egoísmo tomando posse do que podia para si, atendendo a sua necessidade maior – manter-se vivo. Para isso, se viu obrigado a lutar por seu alimento, defendendo o seu habitat, a sua companheira, os seus filhos. Mais adiante passou a defender os seus deuses, a sua religião, a terra que era sua, e assim por diante.

Por essas razões o homem primitivo era instintivo, pois via a violência como algo natural à sua sobrevivência. Assim passou a desenvolver o ódio por seu semelhante na defesa de sua vida e na proteção do que era seu.

Predominavam os mais fortes. Os sentimentos de orgulho e vaidade eram desenvolvidos a partir de suas conquistas, onde torturavam o inimigo como forma de autoafirmação. A morte do adversário representava superioridade ao vencedor, que recebia um troféu como forma de premiação. A inveja se desenvolveu entre os homens pela vontade que tinham de ser melhores, mais atraentes ou mais fortes do que os outros. Não conseguindo o seu intento, ficavam despeitados pela derrota, por sua incapacidade perante o inimigo.

Na luta pela sua sobrevivência, o homem primitivo passou a guardar o que podia para si, desenvolvendo o egoísmo e a ganância, desejando mais do que precisava, passou a desenvolver a avareza como uma forma de garantia para toda a sua vida.

A sexualidade faz parte do homem primitivo. Manifestação gerada pelo instinto animal, tinha o objetivo inicial de obedecer à lei da procriação, garantindo a continuidade da vida humana, como acontece com todos os animais.

O egoísmo, o ódio, o orgulho, a vaidade foram se desenvolvendo no homem de tal sorte que na luta pela sobrevivência, em algumas civilizações, os filhos matavam os pais quando eles ficavam velhos e inúteis para que o alimento pudesse ser suficiente aos mais novos. Os que não faziam uso dessa prática eram criticados pela sociedade em que viviam, como falta de cumprimento do amor e do dever filial.

No Japão, por exemplo, na antiguidade, se um homem fosse ofendido por outro, o ofensor era mutilado ou até morto. Se fugisse e não fosse encontrado, a vingança revertia-se a alguém de sua família, como seu pai, irmão ou filho. Se a pessoa ofendida não procedesse dessa forma, era transformado em um pária e expulso do grupo a que pertencia.

O que se percebe é que os vícios produzidos por esses sentimentos menores, são manifestações instintivas que se desenvolveram a partir do homem

primitivo, necessárias ao seu progresso, dando-lhe base para que chegue ao homem do futuro, da mesma forma que a árvore cresce a partir de sua raiz, podendo oferecer bons frutos após o seu desenvolvimento. O joio que é uma erva daninha, foi plantado no meio da boa semente do trigo, e só depois do desenvolvimento de ambos é que se pode separar o joio do trigo.

O homem se desenvolve por meio dos vícios de imperfeição e, mais adiante, por intermédio do seu aprendizado e pelas experiências que a vida lhe impõe pelo sofrimento, as expiações e as provações que tem de suportar, começa a amadurecer e desenvolver as virtudes que irão transformá-lo, no futuro, em um homem melhor.

## 2 - AS VIRTUDES COMO QUALIDADES

### ADQUIRIDAS PELAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS

As virtudes, de acordo com o que se tem nas literaturas, são qualidades morais que podem ser desenvolvidas a partir de hábitos constantes que levam o ser humano a agir de acordo com as noções de bem, dentro da ética, sempre com prudência, na busca da justiça e do amor, por meio da prática do bem que pode fazer a si mesmo, ao próximo e à humanidade.

Os vícios se apresentam para o ser humano como defesas naturais geradas pelo instinto de conservação, que por meio das várias encarnações, no decorrer da evolução do espírito, vão se transformando em virtudes.

Essa transformação se dá com o decorrer do tempo, havendo a intervenção de vários acontecimentos, seja pela vinda de espíritos de escol que vem à Terra trazer ensinamentos morais, como foi o caso do advento de Jesus, ou pelo sofrimento que o ser humano passa em função de suas atitudes, geradas pelo seu livre arbítrio. O espírito vai se amoldando e começa a perceber que enquanto permanecer no mal, terá como resposta o sofrimento, a provação e o ódio de seus oponentes.

Cansado de sofrer pelas vicissitudes da vida, o ser humano procura um alento praticando comportamentos que não lhe causem sofrimentos maiores, e com essa mudança encontra caminhos que lhe poderão ajudar no desenvolvimento de

virtudes, onde passará a conviver com o bem. Essas experiências, no futuro, farão com que no decorrer de suas encarnações se torne uma pessoa boa, digna e acima de tudo virtuosa.

Emmanuel no livro “O Consolador” psicografado por Chico Xavier, afirma na questão 253, que a virtude é sempre sublime e imorredoura aquisição do espírito nas estradas da vida, incorporada eternamente aos seus valores, conquistados pelo trabalho no esforço próprio.

Allan Kardec em “O Livro dos Espíritos”, questões 919 e 919-a, inquiriu ao espírito de Santo Agostinho sobre qual o meio prático mais eficaz para se melhorar nesta vida e resistir ao arrastamento do mal. Como resposta obteve a máxima “Conhece-te a ti mesmo”.

Na questão seguinte, Allan Kardec perguntou sobre de que forma poderia chegar a conhecer a si próprio. Então, Santo Agostinho esclareceu-lhe que as pessoas deveriam ter por hábito uma prática que usava bastante quando encarnado na Terra: no fim de cada dia, interrogava a sua consciência, passava em revista o que havia feito e perguntava a si mesmo se não tinha faltado ao cumprimento de algum dever, se ninguém teria tido motivo de se queixar dele. Foi esse o caminho que o levou ao autoconhecimento e a clareza de que precisava fazer sua reforma íntima.

Na pergunta 893 em “O Livro dos Espíritos”, Allan Kardec querendo saber dos espíritos qual é a mais meritória de todas as virtudes, obteve como resposta

que todas as virtudes têm o seu mérito, porque todas são indícios de progresso no caminho do bem. Há virtude sempre que há resistência voluntária ao arrastamento das más tendências; mas a sublimidade da virtude consiste no sacrifício do interesse pessoal para o bem do próximo, sem segunda intenção. A mais meritória é aquela que se baseia na caridade mais desinteressada.

A humanidade está em processo evolutivo, de forma que o aprendizado é em parte determinado por sua própria escolha, por meio das atitudes de cada um, de seus atos. A Terra é a escola da vida em um aglomerado de acontecimentos que trazem ensinamentos contínuos, tendo o ser humano, ao seu dispor, lições a todo o tempo imprescindíveis no processo de sua transformação interior. Todo o sofrimento, toda a dor, toda a provação, converte-se em aprendizado, onde as ações praticadas com caridade e amor podem transpor montanhas, porque somos todos irmãos e nosso pai ou criador é Deus. A grande transformação do ser humano deve ter início no íntimo de cada um, a partir de pequenos gestos, para o desenvolvimento de grandes ações, fruto de uma trajetória de aprendizados no decorrer do tempo pelas experiências vividas nas inúmeras existências no mundo terrestre.

### 3 - O EGOÍSMO GERADO PELA LEI DE CONSERVAÇÃO DO HOMEM

O egoísmo, visto por pessoas que estudam o assunto, é o hábito ou a ação do ser humano para que seja colocado em primeiro plano tudo o que lhe interessa, sejam opiniões, desejos ou até necessidades em detrimento do local onde está, com relação à outras pessoas, íntimas ou não.

O vício do egoísmo leva as pessoas a se colocarem no centro do universo, acreditando terem mais valor do que as outras sem, no entanto, desprezá-las. É muito comum na personalidade dessas pessoas a centralização dos benefícios. Ao possuírem alguma propriedade, objeto ou comida, não dividem nem deixam que façam uso do que lhes pertence.

Os seres humanos, homens ou mulheres, têm o hábito de proteger os seus lares ou a família por instinto de conservação, tornando-se naturalmente egoístas. Em princípio tomam conta de si próprios. Ao conquistar um lar passam a ter toda a atenção e os seus interesses voltados para a família em detrimento de terceiros. E é esse instinto de conservação que faz com que o ser humano só pense em si e assim passa a viver mergulhado no vício do egoísmo.

É possível perceber que o egoísmo em determinadas circunstâncias de proteção é necessário, mas com o desenvolvimento das virtudes ele se torna supérfluo tendo que ser eliminado ou aproveitado no aprimoramento de novas

qualidades que vão aparecendo no decorrer das existências do ser humano.

Allan Kardec no livro “Obras Póstumas”, ao descrever o egoísmo, diz ser fato que a maior parte das misérias da vida provém do egoísmo dos homens. Uma vez que cada um só pensa em si, sem pensar nos outros e ainda só querendo a satisfação dos próprios desejos, é natural que procure este contentamento a todo preço, sacrificando embora os interesses alheios, quer nas pequenas ou nas maiores coisas, tanto na ordem moral, quanto na material. Daí todo o antagonismo social, todas as lutas, conflitos e misérias. Diz ainda Allan Kardec que o egoísmo e o orgulho têm origem num sentimento natural: o instinto de conservação. Todos os instintos têm razão de ser e utilidade, pois que Deus não faz coisa inútil. Deus não criou o mal; é o homem que o produz por abuso dos dons divinos, em virtude do livre arbítrio.

Em outro trecho, Allan Kardec ilustra que o essencial, portanto, é fazer com que a exceção passe a ser regra e para isso incumbe destruir as causas produtoras do mal. A principal é, evidentemente, a ideia equivocada que o homem tem da sua natureza, da sua condição de ser espiritual encarnado transitoriamente na Terra. Não sabe de onde vem, julga-se mais do que é; não sabendo para onde vai, concentra todos os pensamentos na vida terrestre. Deseja viver o mais agradavelmente possível, procurando a realização de todas as satisfações, de todos os gozos. É por isso que investe contra o vizinho, se este lhe opõe obstáculo; então entende que deve dominar, porque a igualdade daria aos outros o direito que ele quer só para si; a fraternidade lhe imporá sacrifícios em

detrimento do próprio bem-estar, e a liberdade, deseja só para si. Se todos têm essas pretensões, hão de surgir perpétuos conflitos, que farão comprar bem caro o pouco gozo que conseguem obter.

Mais à frente Allan Kardec diz que se o homem considerar somente a vida corporal, perpetuará as desigualdades sociais, mas se lançar seu olhar ao prolongamento da vida espiritual, para o passado e o futuro, desde o ponto de partida até o terminal, todas aquelas desigualdades se desmancharão perante os olhos e reconhecerá que Deus não deu a nenhum de seus filhos vantagens; que o mais atrasado de hoje, dedicando-se ao seu aperfeiçoamento, pode ser amanhã mais adiantado; enfim, reconhece que, não se elevando ninguém a não ser pelos esforços pessoais, o princípio da igualdade tem o caráter de um princípio de justiça e de lei natural, diante das quais não prevalece o orgulho dos privilégios.

Allan Kardec conclui que a reencarnação, provando que espíritos podem renascer em diferentes condições sociais, quer como expiação, quer como prova, faz-nos saber que muitas vezes tratamos desdenhosamente uma pessoa que foi noutra existência nosso superior ou igual, amigo ou parente. Se disso soubéssemos, trataríamos com atenção, mas neste caso não haveria nenhum mérito; e, por outro lado, se soubéssemos que o amigo de hoje fora antes um inimigo, um servo, um escravo, correríamos o risco de o repelir. Deus não quis que fosse assim e, por isso, lançou um véu sobre o passado para que em todos víssemos irmãos e iguais, como é essencial para se estabelecer a fraternidade; sabendo que poderemos ser tratados como houvermos tratado os outros,

firmaremos o princípio da caridade como dever e necessidade, fundados nas leis da natureza.

Em “O Livro dos Espíritos”, questão 913, Allan Kardec faz uma pergunta sobre os vícios, desejando saber qual deles poderia ser considerado radical. O espírito interrogado lhe disse que já o tinha dito muitas vezes; o egoísmo. Dele se deriva todo o mal. Pediu que fossem estudados todos os vícios, e disse que seria identificado no fundo de todos o egoísmo. Por mais que lutem contra esses vícios, não chegam a extirpá-los enquanto não atacam a raiz, enquanto não lhes houver destruído a causa. Que todos os esforços tendam para esse fim, porque nele se encontra a verdadeira chaga da sociedade. Quem nesta vida quiser se aproximar da perfeição moral deve extirpar do seu coração todo o sentimento de egoísmo porque ele é incompatível com a justiça, o amor e a caridade: o egoísmo neutraliza todas as outras qualidades.

Mais adiante, na questão 917, Allan Kardec interpela os espíritos para conhecer por qual meio se pode destruir o egoísmo. Foi-lhe respondido que de todas as imperfeições humanas, a mais difícil de desenraizar é o egoísmo, porque se liga à influência da matéria da qual o homem, ainda muito próximo de sua origem, não pode libertar-se. Tudo concorre para entreter essa influência; suas leis, sua organização social, sua educação. O egoísmo se enfraquecerá com a predominância da vida moral sobre a vida material e, sobretudo, com a compreensão que o espiritismo dá quanto ao estado futuro real do homem e não desfigurado pelas ficções alegóricas. O espiritismo bem compreendido, quando

estiver identificado com os costumes e as crenças, transformará os hábitos, os usos e as relações sociais. O egoísmo se funda na importância da personalidade; ora, o espiritismo bem compreendido, repito-o, faz ver as coisas de tão alto que o sentimento da personalidade desaparece de alguma forma. Ao destruir essa importância, ou pelo menos ao ver a personalidade naquilo que de fato ela é, ele combate necessariamente o egoísmo.

No livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo XI, item 11, nas Instruções dos Espíritos, Emmanuel ressalta que o egoísmo, chaga da humanidade, deve desaparecer da Terra, cujo progresso moral retarda; ao espiritismo será reservada a tarefa de fazê-la subir na hierarquia dos mundos. O egoísmo é, pois, o objetivo para o qual todos os verdadeiros crentes devem dirigir suas armas, suas forças e sua coragem; porque é preciso mais coragem para vencer a si mesmo do que para vencer os outros. Que cada um coloque todos os seus cuidados para combatê-lo em si, porque esse monstro devorador de todas as inteligências, esse filho do orgulho, é a fonte de todas as misérias deste mundo. É a negação da caridade e, por conseguinte, o maior obstáculo à felicidade dos homens.

Estávamos conversando com um senhor sobre o egoísmo, quando ele lembrou-se de uma história. Disse tê-la escutado em uma palestra que tinha assistido há um tempo, e que nunca a esquecera. Contou-me que uma garota segurava em suas mãos duas maçãs. Sua mãe, chegando-se perto dela, com uma voz doce, pediu-lhe: “Querida, você poderia dar uma de suas maçãs para a

mamãe?” Em resposta, a menina levantou os olhos para sua mãe durante alguns segundos, mordeu subitamente uma das maçãs e em seguida a outra. A mãe sentiu seu rosto se esfriar e perdeu o sorriso. Tentava não mostrar sua decepção, quando a pequena olhando sua mãe com um sorriso de anjo, dá-lhe uma de suas maçãs e diz: «É essa a mais doce!».

Contou-me o senhor que o palestrante concluiu a história com a seguinte afirmação “Não importa quem você é, se tem experiência de vida, competência ou sabedoria. Retarde sempre o seu julgamento sobre tudo e todos. Dê aos outros o privilégio de poder se explicar, mesmo que a ação pareça estar errada, pois o motivo pode ser bom”.

No “O Livro dos Espíritos”, questão 916, é dito pelos instrutores espirituais que, quando os homens se tiverem despedido do egoísmo que os domina, viverão como irmãos, não se fazendo o mal, e se ajudarão reciprocamente pelo sentimento fraterno de solidariedade. Então, o forte será o apoio e não o opressor do fraco, e não mais se verão homens desprovidos do necessário porque todos praticarão a lei da justiça. Esse é o reino do bem que os espíritos estão encarregados de preparar.

Dito isto, fez-nos voltar a uma pergunta de Allan Kardec na questão 784 do mesmo livro, quando inquiriu sobre a perversidade do homem, que, de tão intensa, parece estar recuando em lugar de avançar, pelo menos do ponto de vista moral.

Sobre esse ponto, o espírito indagado disse a Allan Kardec que ele estava equivocado com sua conclusão. Pediu que observasse bem o conjunto e que tentasse ver o quanto avançara, pois vai compreendendo melhor o que é o mal, e dia a dia corrige os seus abusos. É preciso que haja excesso do mal para lhe fazer compreender a necessidade do bem e das reformas.

É importante perceber após os esclarecimentos dos espíritos e de Allan Kardec, que é necessário cada um de nós ter forças para vencer o egoísmo que existe em nosso interior, combatê-lo, podendo eliminá-lo ou transformá-lo em qualidades melhores a partir do que aprendemos ao passar por este vício, modificando os nossos pensamentos, fazendo uma autocrítica de nossas atitudes perante a vida e ao próximo, tendo certeza que o egoísmo é o causador de todas as misérias que existem na face do planeta, dificultando a evolução da humanidade para um mundo melhor.

Lembramo-nos de uma história que já nos contaram por diversas vezes. O primeiro ministro da Dinastia Tang, um herói nacional por seu sucesso tanto como homem de estado, como líder militar, que se considerava um humilde e devoto budista, apesar de sua fama de poder e riqueza. Com frequência o ministro visitava seu mestre Zen, favorito para estudar com ele assuntos de ordem moral, onde pareciam se dar muito bem. O fato de ele ser o primeiro ministro, aparentemente não alterava em nada a sua relação, que parecia ser simplesmente a de um reverendo mestre e seu respeitoso discípulo.

Certo dia, durante sua visita habitual, o primeiro ministro perguntou ao seu

mestre: “O que é o egoísmo na visão do budismo?”. O rosto do mestre ficou rubro, e num tom de voz extremamente desdenhoso e insultuoso gritou: “Que tipo de pergunta estúpida é essa?”.

A resposta inesperada do mestre chocou de tal forma o primeiro ministro, que imediatamente tornou-se arrogante, e num momento extremo de raiva desabafou dizendo: “Como ousa me tratar assim?”.

O mestre Zen, conservando a sua serenidade, sorriu-lhe e disse: “Isso, Sua Excelência, é o egoísmo.”.

## 4 - A GANÂNCIA COMO NECESSIDADE DE GANHAR MAIS DO QUE O NECESSÁRIO

A ganância, segundo se tem visto nas literaturas, é um sentimento que o ser humano adquire pela vontade de querer para si próprio tudo aquilo à que tem grande admiração. É a vontade exagerada de ter em seu poder qualquer coisa. É o desejo desenfreado de ganhar mais do que precisa, principalmente quando se trata de riqueza material.

A ganância é o mesmo que a ambição sem limites, onde a pessoa deseja alcançar tudo que valoriza, os bens materiais ou o amor próprio, como a riqueza, o poder, a glória, a posição social, entre outros quereres. Dessa forma, o ser humano acometido por esse vício, não hesita em utilizar-se de qualquer meio para alcançar o seu objetivo, obtendo vantagem sobre alguma situação ou de seu próximo.

Na verdade, não há nada de errado quando o ser humano aspira uma vida melhor na busca de seu bem-estar. Isso faz parte do progresso, onde homens, mulheres, famílias ou sociedades almejam melhores condições de sobrevivência, promovendo estruturas familiares, empresariais e sociais, trazendo resultados na evolução humana, como também para o planeta em que habitam.

Quando o homem tiver um conhecimento mais aprofundado de sua verdadeira vida e perceber o grande objetivo de sua estada na Terra, que é o

aprendizado que pode alcançar por meio das experiências na vida corpórea, não mais se utilizará da ganância, que tem como consequência a ambição de ganho ou a ambição desmedida.

Chegará o momento onde a humanidade compreenderá que o bem-estar de cada pessoa deverá acontecer de maneira natural, sem prejuízo de ninguém, e que tudo o que for conquistado será o resultado direto de seu trabalho.

Na Bíblia encontramos muitas descrições sobre a ganância. No Novo Testamento, em Lucas, capítulo 12, versículos 13 a 21, quando Jesus falava a uma multidão, disse-lhe alguém dentro do povo: “Mestre, dize a meu irmão que reparta comigo a herança”. Jesus lhe respondeu: “Moço, quem me colocou como juiz ou partidador entre vós?” E lhes disse em seguida: “Cuidado com qualquer tipo de cobiça, porque mesmo que se tenha muito, a vida não está no que se possui”.

Contou-lhes então uma parábola mostrando que havia um homem rico, cujas terras lhe deram grande colheita. Ele pensava consigo mesmo: “O que vou fazer? Não tenho onde guardar a colheita!”. Disse então: “Já sei o que vou fazer; vou derrubar os celeiros e construir maiores para ali guardar todo o trigo e os meus bens. Então poderei dizer a mim mesmo: ‘Meu caro tens muitos bens armazenados para muitos anos. Descansa, come, bebe, festeja’”. Deus, porém, lhe disse: “Insensato! Ainda nesta mesma noite tirarão a tua vida, e para quem ficará tudo que acumulastes?”. Concluiu então Jesus dizendo à multidão que isso é o que acontece com quem ajunta tesouros para si e não é rico diante de Deus.

Em Mateus, capítulo 6, versículos 19 a 24, percorrendo Jesus toda a Galileia, em determinado local, subiu ao monte e falou à multidão que o cercava, entre outros ensinamentos, sobre a busca à verdadeira riqueza. Disse ele: “Não ajunteis riquezas na Terra, onde a traça e a ferrugem as corroem e os ladrões assaltam e roubam. Ajuntai riquezas no céu, onde nem traça nem ferrugem as corrói, onde os ladrões não arrombam nem roubam. Pois onde estiver vosso tesouro, aí também estará o coração”.

“O olho é a lâmpada do corpo. Se o teu olho for sadio, todo o corpo ficará iluminado. Mas se teu olho estiver doente, todo o corpo ficará na escuridão. Pois, se a luz que está em ti for escuridão, como não será a escuridão?”.

“Ninguém pode servir a dois senhores. Pois ou odiará um e amará o outro, ou será fiel a um e abandonará o outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas.”.

Allan Kardec no livro “Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo XVI, item 7, ao dissertar sobre a utilidade providencial da riqueza, descreveu que se esta fosse um obstáculo absoluto à salvação daqueles que a possuem, como se poderia inferir de certas palavras de Jesus, interpretadas segundo a letra que não pelo espírito, Deus, que a concede, teria posto nas mãos de alguns homens um instrumento de perdição, sem vantagens – o que repugna à razão admitir.

Diz Allan Kardec em continuidade ao assunto que, sem dúvida, a riqueza é uma prova bem arriscada, muito mais perigosa do que a miséria, pelos seus arrastamentos, pela tentação que provoca e pela fascinação que exerce. Supremo

excitante do orgulho, do egoísmo e da luxúria, é o mais poderoso laço que liga o homem a Terra e lhe desvia o pensamento do céu. Produz tal vertigem que se vê muitas vezes aquele que passou da miséria à fortuna esquecer rapidamente a sua primitiva posição e aqueles que o auxiliaram, tornando-se insensível, egoísta e fútil. Mas porque torna difícil o caminho, não se segue que o deixe intransponível e não se converta em um meio de salvamento nas mãos de quem saiba servir-se dela, como certos venenos podem restituir a saúde quando empregados com discernimento.

No mesmo capítulo, item 8, Allan Kardec fala da desigualdade das riquezas, esclarecendo que ela é um dos problemas que em vão se procura resolver, ao considerar-se apenas a vida atual. A primeira questão que se oferece é a seguinte: por que motivo não são todos os homens igualmente ricos? Não o são pelo fato muito simples de não serem igualmente inteligentes, ativos e laboriosos para a adquirirem, nem sóbrios e previdentes para a conservarem.

Diz ainda que, ademais, está matematicamente demonstrando que a fortuna igualmente repartida daria a cada pessoa bem pequena e insuficiente parcela; que, feita essa divisão, seria desfeito o equilíbrio econômico em pouco tempo pela diversidade de caracteres e aptidões que, supondo-se que fosse possível e duradoura, cada qual, tendo com que viver, ocasionaria o aniquilamento dos grandes trabalhos concernentes ao progresso e bem-estar da humanidade; que, suposto desse ela a cada um o necessário, não haveria mais o aguilhão que impulsiona as grandes descobertas e empreendimentos úteis. Se Deus a

concentra em certo número de pessoas é para aí espalhar-se em suficiente quantidade, conforme as necessidades.

A partir dos esclarecimentos de Allan Kardec pode se chegar ao entendimento da verdadeira propriedade, quando o espírito de Pascal, dando as suas instruções, descreveu que o homem não possui de próprio senão o que pode levar desse mundo. O que ele acha ao chegar e deixa quando parte, só pode gozar durante a sua estada aqui. Mas, desde que é forçado a abandonar a coisa, cabe-lhe apenas o seu usufruto e não a posse real. Que deve então possuir? Nada do que somente seja prestável ao corpo e sim tudo quanto aproveite à alma – inteligência, os conhecimentos, as qualidades morais. Eis aí o que ele traz e torna a levar o que ninguém lhe poderá subtrair e há de servir-lhe mais no outro mundo do que neste. Dele depende ser mais rico na partida que na chegada, visto que, do que houver adquirido em benefícios, depende a sua futura posição. Quando um homem vai para longínquas terras, arruma as suas bagagens e os objetos que tenham utilidade nesse lugar, deixando de carregar os que julguem inúteis. Que os homens desta terra façam o mesmo quanto à vida futura, provisionando-se do que nela lhes possa servir.

Tomamos conhecimento de um fato curioso ocorrido em uma determinada casa espírita, onde, na ocasião, estava acontecendo uma reunião mediúnica, e, contrariando os procedimentos habituais da equipe de médiuns, manifestou-se um espírito em um médium e, logo a seguir, outro espírito fez o mesmo em um médium que estava ao lado, dando início a um grande falatório, com trocas de

acusações.

Apesar de inusitada, a discussão acontecia com o consentimento e a supervisão do orientador espiritual do grupo. Todos os participantes se colocaram diante do fato, de acordo com a exigência da situação, deixando ao dirigente da reunião a incumbência de intermediar o desentendimento que tinha relação com uma caixa que supostamente continha valores que cada um dos opositores reclamava para si, acusando o outro de furto.

A conversação entre os dois prosseguiu por alguns minutos enquanto o dirigente tomava conhecimento dos detalhes desse diálogo pouco amigável, passando a ter maiores informações do assunto por meio da intuição que teve dos mentores espirituais. Num certo momento, o dirigente intervindo na conversa, pediu-lhes que ficassem em silêncio em respeito ao local em que estavam, como também às pessoas presentes. Solicitou então que os dois se explicassem com mais calma. Após, o dirigente recebeu a orientação dos mentores espirituais para “confiscar” provisoriamente a tal caixa, informando aos dois sobre esse procedimento, até que fosse apurado a quem de fato pertenciam os valores que estavam no objeto.

Num ímpeto de reflexão, os dois espíritos envolvidos aceitaram o suposto confisco, dando oportunidade a repensar sobre a sua própria situação. O dirigente recomendou-lhes que olhassem à sua volta e ouvissem com atenção o que era dito pelos participantes da reunião mediúnica, como também que procurassem reconhecer o ambiente em que se encontravam e, finalmente,

descrevessem tudo o que podiam perceber. Feito isto, os dois mencionaram que o ambiente, antes nublado para eles, iluminava-se um pouco mais, tendo o dirigente pedido que prestassem atenção porque pessoas amigas, já desencarnadas, aproximaram-se deles para falar-lhes. Com isso, tiveram a certeza de que não viviam mais na matéria, percebendo a sua condição de desencarnados, sendo o desentendimento entre eles superado.

Ao final do processo, o dirigente perguntou-lhes se queriam a caixa de volta. Olhando para um ponto fora dos olhos do dirigente, perguntaram: “Por que a caixa se transformou em um amontoado de lama?”. Foi explicado pelo dirigente que se tratava de uma fixação mental na qual ambos alimentaram-se por longo tempo na disputa da riqueza que tinha ficado na Terra. Constrangidos, agradeceram e despediram-se do dirigente e de todo o grupo, sendo encaminhados para a companhia de enfermeiros espirituais que os conduziram a locais de recuperação e esclarecimento de que tanto tinham necessidade.

A ganância, ou seja, a ambição desmedida, gera a cobiça pelos valores materiais, trazendo, na maioria das vezes, o desentendimento entre as pessoas, e na verdade, o homem pode ser enganado pelo desejo que possui, trazendo muitas vezes atribulações, seja pelo poder ou pela riqueza descontrolada. É preciso que haja equilíbrio em tudo na vida, tendo ciência de que mais cedo ou mais tarde o homem passa pelo fenômeno da morte. Daí a importância do desapego aos bens materiais, sejam objetos ou valores, lembrando sempre que o que é da Terra fica na terra, e que a vida terrena é transitória. O que se leva é o que se aprende, que

de preferência devem ser as coisas boas.

## 5 - A AVAREZA DETERMINADA PELA FRAQUEZA EM LIDAR COM A PERDA

A avareza, de acordo com o que é dito nos meios sociais ou religiosos, é um vício que tem origem no egoísmo, que algumas pessoas possuem ao terem um apego excessivo e descontrolado pelos bens materiais, priorizando-o de maneira a deixar Deus em segundo plano.

A pessoa avarenta é extremamente apegada à matéria. A usura faz com que ela tenha medo de perder tudo o que possui. Há nisso, a dificuldade de abrir mão do que tem, mesmo que receba algo em troca. Tem um excessivo cuidado com os seus pertences denotando um grande sentimento de egoísmo. Prefere abrir mão daquilo que tem menor valor para preservar o que lhe é mais valioso. No dito popular, o avarento é uma pessoa “mão fechada”.

Na Bíblia, no Novo Testamento, em Mateus, capítulo 25, versículos 14 a 30, em uma de suas exortações, Jesus falou da Parábola dos Talentos, mostrando o seu sentido quando descreveu um homem que tendo de viajar para o exterior, chamou os seus escravos e lhes confiou os bens.

A um deu cinco talentos, a outro dois e ao terceiro um, segundo a capacidade de cada um deles. Depois partiu. Imediatamente, o que recebeu cinco talentos saiu e negociou com eles, ganhando outros cinco. Do mesmo modo, o escravo que recebeu dois talentos ganhou outros dois. Mas o que recebeu um, saiu, cavou

um buraco na terra e escondeu o dinheiro do seu senhor. Passado muito tempo, voltou o senhor daqueles escravos e lhes pediu as contas. O que tinha recebido cinco talentos aproximou-se e apresentou outros cinco: “Senhor, confiastes-me cinco talentos; aqui tens outros cinco que ganhei”. O senhor disse-lhe: “Muito bem, escravo bom e fiel; fostes fiel no pouco, eu te confiarei muito; vem alegrar-te com o teu senhor”. Chegou o escravo de dois talentos e disse: “Senhor, dois talentos me destes, aqui tens outros dois que ganhei”. O senhor lhe disse: “Muito bem, escravo bom e fiel; fostes fiel no pouco, eu te confiarei muito; vem alegrar-te com o teu senhor”.

Aproximou-se também o que tinha recebido apenas um talento e disse: “Senhor, sei que és um homem duro, que colhes onde não semeastes e recolhes onde não espalhastes. Por isso tive medo e fui esconder o teu talento na terra; aqui tens o que é teu”. Respondeu o senhor: “Escravo mau e preguiçoso, sabias que colho onde não semeei e recolho onde não espalhei. Devias, pois, depositar meu dinheiro num banco para, na volta, eu receber com juros o que é meu. Tirai-lhe o talento e dai-o ao que tem dez. Pois ao que tem muito, mais lhe será dado e ele terá em abundância. Mas ao que não tem até mesmo o que tem lhe será tirado. Quanto a este escravo inútil, jogai-o lá fora na escuridão. Ali haverá choro e ranger de dentes”.

Realmente a avareza faz com que o homem tenha medo de perder o que tem independente se ele possui muito ou não possui nada, mas agarra-se ao pouco que tem impedindo-o de investir e gradativamente melhorar a sua posição no

progresso da vida.

Há algum tempo, estava assistindo uma palestra sobre avareza em uma casa espírita na cidade do Rio de Janeiro, quando ao final, conversando com um senhor, contou-me uma história que achei interessante. Disse ele que uma pessoa muito avarenta tinha enterrado num lugar secreto de seu jardim, um pote com moedas de ouro. Todo o dia antes de dormir ia até o local, desenterrava o pote e contava cada moeda para ver se estavam todas lá. Ocorreu que, de tanto repetir aquela ação, fazendo o mesmo trajeto todos os dias, um ladrão que o vinha observando há algum tempo, na curiosidade de saber o que o avarento estava escondendo, veio na calada da noite e secretamente desenterrou o tesouro levando-o consigo.

No dia seguinte, quando o avarento descobriu sua grande perda, foi tomado de aflição e desespero, caindo em prantos, onde gemia e chorava, enquanto puxava os poucos cabelos que ainda lhe restavam, maltratados pela absoluta falta de cuidados. Uma pessoa que passava pelo local, ao escutar os lamentos do avarento, quis saber o que acontecera. Ele então disse-lhe que o seu ouro, que estava ali, havia sido roubado. A pessoa que o acudiu perguntou-lhe porque ele tinha guardado o ouro ali e não em um lugar seguro, como por exemplo, dentro de sua casa, onde poderia com facilidade pegá-lo quando precisasse comprar alguma coisa. O avarento ficou furioso, dizendo que jamais usaria as moedas de ouro para comprar qualquer coisa, já que nunca tinha pensado em gastar dele uma peça sequer.

Então o estranho pegou uma grande pedra que estava próxima ao local e jogando-a dentro do buraco vazio, disse-lhe: “Se esse é o caso, que seja enterrada esta pedra, que com certeza terá o mesmo valor que o tesouro que perdeu.”

Terminando de me contar esse história, o senhor comentou-me que a moral dessa história, é que o bom cultivo, ou a posse de alguma coisa, só tem valor quando dele fazemos uso.

O avarento não tem a ambição do ganancioso porque não investe no que tem, mas tem a cobiça da usura, tornando-se um grande egoísta na divisão de alguma coisa que almeja só para si, mas na verdade só a quer para guardar em algum lugar seguro. O avarento é capaz de passar fome para não gastar. Não é preciso ser rico para ser usurário, podendo até viver na miséria para acumular algum valor.

Em histórias tradicionais da avareza, lembramo-nos de uma, onde o homem que tem esse vício escondia todo o seu dinheiro dentro do colchão achando que ali guardava uma riqueza. Ao final de sua vida, quando os herdeiros descobriram o dinheiro, perceberam que ele já não valia mais nada, tendo desvalorizado porque não estava depositado numa poupança, em um banco. Este é o maior exemplo de usura.

## 6 - O ÓDIO, O RANCOR E A RAIVA COMO VÍCIOS EXTREMOS

O ódio, visto nas literaturas de forma geral, é um vício traduzido por um intenso sentimento de aversão, que traz consigo uma forma de antipatia, resultando em um desgosto que pode gerar rancor, raiva ou ira, criando uma inimizade ou repulsa contra outra pessoa.

O rancor é a permanência do ódio por meio das promessas de revidar feitas entre opositores. A raiva, produzida pelo ódio, sugere um comportamento passageiro ou de grande duração, podendo resultar na agressão a outra pessoa, gerando fúria ou cólera. A agressividade, por sua vez, é a manifestação externa gerada por um estado íntimo decorrente do rancor produzido pela raiva, a qual tem a sua origem, muitas vezes, no ressentimento entre as pessoas.

O ódio, assim como o egoísmo, é um vício que se manifesta no homem desde o tempo primitivo, quando era resultado do instinto de conservação. O vício do ódio apresenta-se como um sentimento que decorre de uma emoção incontida, trazendo um impulso, que ao dominar aquele que o possui, passa a se expressar por meio de ofensas. Ao se envolver nessa sintonia, o indivíduo pode ser instigado a cometer ações mais indignas de violência e agressividade, que podem causar grandes dissensões, tal como a morte do oponente, contraindo por essa causa, na maioria das vezes, penosas expiações naquela existência ou em outra

posterior.

De forma geral, o ódio se manifesta pelas humilhações sofridas ou quando o homem é maltratado, traído em seu afeto, injustiçado ou ofendido. Muitas vezes, são encontradas entre pessoas antipáticas indecifráveis, frutos de desavenças ou paixões de existências anteriores. O homem, por meio do ódio, promove a vingança como uma reação carregada de calorosa emoção, fruto de uma ofensa a ele dirigida. Essa reação também acontece como forma de revide em discussões desenfreadas, pela troca de grosserias que têm propósitos violentos de vingança, que a partir de fortes emoções de ódio levam as pessoas a ações criminosas contra os seus semelhantes.

O que acontece, na verdade, é que a paixão e o ódio são sentimentos opostos. Grandes sentimentos de ódio podem refletir uma paixão desenfreada, expressões de pessoas que foram preteridas nos seus afetos mais profundos, onde aquele que odeia reclama os seus direitos e o que ama dá de si sem esperar recompensas.

A reencarnação de grupos familiares ligados por afinidades, bem como envolvidos pelo ódio e pela paixão, muitas vezes, traz a solução para os desencadeamentos, onde o homem traído em uma vida, desenvolvendo o ódio por essa causa, retorna em outra vida recebendo a sua amada como filha. Homens que se digladiaram pelo sentimento de ódio gerado por uma traição ou por ofensas recebidas, retornam em outra existência como irmãos em uma mesma família. Mulheres que se desentenderam por ações de vingança reencarnam em vida mais a frente como mãe e filha.

Nesse rodízio de posições familiares, a mãe nutre o amor maternal pelo filho, espírito odiado em vida anterior. Irmãos são obrigados a conviver na tentativa de apaziguar o ódio de outras vidas.

Assim vão se desfazendo as manifestações de ódio, que aos poucos vão se transformando em amor e afeto paternal, maternal e fraterno, por meio da solução dada por Deus. Nesse caso, a providência divina auxilia as pessoas no desenvolvimento de suas virtudes, proporcionando o convívio desses espíritos com uma sociedade que evolui, pela introdução gradativa de elementos positivos, gerados pelos ensinamentos do bem, trazidos por homens de grande evolução como Jesus.

Pode-se ter uma ideia do que significa ‘amar os nossos inimigos’ ao se observar a Bíblia no Novo Testamento, em Mateus, capítulo 5, versículos 43 a 47, quando Jesus, falando ao povo, fez a seguinte colocação: “Tendes ouvido o que foi dito: amarás ao teu próximo e aborrecerás o teu inimigo. – Mas eu vos digo: amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos tem ódio e orai pelos que vos perseguem e caluniam. – Para serdes filhos de vosso pai, que estás nos céus: o qual faz nascer o seu sol sobre bons e maus e vir chuva sobre justos e injustos. – Porque se vós não amais senão os que vos amam, que recompensa haveis de ter? Não fazem os republicanos também o mesmo? – E se vos saudardes somente aos vossos irmãos, que fazeis nisso de especial? Não fazem também assim os gentios? Porque eu vos digo que se a vossa justiça não for maior e mais perfeita do que a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino dos céus”.

Sobre este assunto, Allan Kardec no livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo XII, item 3, descreve que se o amor ao próximo é o princípio da caridade, amar os inimigos tem magnífica aplicação, pois esta virtude é uma das grandes vitórias conquistadas sobre o orgulho.

Diz Allan Kardec que, entretanto, geralmente há quem se equivoque sobre o sentido da palavra amar nessa passagem. Jesus não queria dizer com esses termos que se deva ter por um inimigo a ternura que se tem por um irmão ou um amigo. A ternura pressupõe a confiança. Ora, não se pode ter confiança em quem se sabe que nos quer mal, nem se pode ter com ele expansões de amizade, porque será capaz de abusar dela. Entre pessoas que se desconfiam, não pode haver laços de simpatia como os existentes entre os que possuem os mesmos pensamentos. Finalmente, é impossível ter o mesmo prazer em estar com um inimigo como com um amigo.

Continua Allan Kardec dizendo que esse sentimento resulta de uma lei física – a da assimilação e repulsa dos fluídos, ou seja, do campo magnético. O pensamento malévolo dirige uma corrente fluídica, cuja impressão é penosa, ao passo que o pensamento benéfico nos envolve em agradável eflúvio. Daí a diferença das sensações que se experimenta à aproximação de um amigo ou inimigo. O preceito de amar os inimigos não pode, portanto, significar que não se deva fazer alguma diferença entre uns e outros. Tal preceito parece-nos difícil, impossível mesmo de praticar, somente porque se crê falsamente que ele prescreve, devamos conceder a ambos o mesmo lugar do coração. Se a pobreza

das línguas humanas obriga-nos a servir-nos de igual vocábulo para exprimir diversas faces de sentimentos, a razão deve descobrir as diferenças consoante os casos.

Conclui então, Allan Kardec, que amar os vossos inimigos não é, portanto, ter por eles uma afeição que não está na natureza, pois o contato de um inimigo faz palpitar o coração bem diversamente do que o de um amigo; é não guardar contra eles nenhum ódio, nem rancor, nem desejos de vingança; é perdoar-lhes sem pensamento preconcebido e incondicionalmente o mal que nos fizerem; é desejar-lhes o bem em vez do mal; é regozijar-nos em lugar de nos afligir com o bem que lhes sobrevenha; é estender-lhes a mão em socorro quando disso careçam; é abster-nos por palavras e atos, de tudo quanto lhes possa prejudicar; é finalmente pagar-lhes o bem pelo mal, sem intenção de humilhá-los. Aquele que cumprir isso irá ao encontro do mandamento: amai os vossos inimigos.

No mesmo capítulo, item 6, Allan Kardec fala dos inimigos desencarnados fazendo a colocação que pode-se pois ter inimigos entre os encarnados e entre os desencarnados; os inimigos do mundo invisível manifestam sua malevolência pelas obsessões e pelas subjugações, das quais tantas pessoas são alvo, e que são uma variedade das provas da vida; essas provas, como as outras, ajudam ao adiantamento e devem ser aceitas com resignação, e como consequência da natureza inferior do globo terrestre; se não houvesse homens maus na Terra, não haveria espíritos maus ao redor dela. Se, pois deve-se ter indulgência e benevolência para com os inimigos encarnados, devemos tê-las igualmente para

com aqueles que estão desencarnados.

Tivemos o conhecimento de uma história que nos foi contada por uma senhora que a tinha lido no livro “Cânticos do Coração”, volume II, de Yvonne A. Pereira, onde a autora disse se tratar de um fato presenciado por ela quando tinha por volta de 15 anos de idade, na cidade de Ouro Preto, onde residiam os seus pais por essa época.

A história relatava que um espírito cheio de ódio procurava vingar-se de alguém que tinha reencarnado na cidade de Ouro Preto, com a tarefa da mediunidade de cura, servindo de instrumento a veneráveis espíritos, entre eles o Dr. Bezerra de Menezes. O espírito obsessivo, dando posteriormente o seu próprio depoimento, disse que na época de D. Maria I, quando Ouro Preto ainda era Vila Rica, o médium de cura, por essa época, era um promotor público de quem ele era subalterno. O promotor a quem ele perseguia agora, ordenava-lhe retiradas de bens públicos para uso pessoal. E quando descobriram o escândalo o promotor para se ocultar acusou seu funcionário que foi julgado e condenado a forca em praça pública.

Disse o espírito obsessivo, no seu depoimento, que apesar de rogar clemência e dizer que tinha oito filhos, o verdadeiro criminoso não confessou o seu crime, deixando-o que pagasse por algo que não tinha culpa, sendo então enforcado e tendo o corpo exposto durante todo o dia para observação pública. O antigo promotor, depois de sofrer no mundo espiritual, onde lhe adveio o arrependimento, voltou a Terra comprometido com os benfeitores para ajudar no

alívio do sofrimento humano por meio da mediunidade. O caso é que ele não era regular nos trabalhos de auxílio e que mais se dedicava à política do que frequentava o grupo espírita, de forma que os benfeitores foram perdendo a sintonia com o médium e o espírito obsessivo o alcançou, colocando sua vida várias vezes em perigo.

Um dia, tendo ele comparecido à sessão que a escritora também frequentava, o espírito do Dr. Bezerra, servindo-se de outro médium, falou particularmente a ele: “Deus é testemunha de que tudo fiz para conduzir-te a um caminho sensato onde poderias te reformar. Fostes dotado de uma faculdade preciosa que te auxiliaria a resgatar erros passados por meio do amor e do trabalho ao próximo. Mas tens sido rebelde. Nunca levastes a sério o compromisso com Deus, nem com a faculdade mediúnica que poderia fazer a tua redenção. Agora peço-te pela última vez: Compadece-te de ti mesmo! Ora e pede perdão ao teu adversário que sofre, pois é tão rebelde como tu próprio. Ajuda-o, pois nunca o fizestes! Modera o teu gênio. E, acima de tudo, nestes próximos vinte dias não te permitas reuniões com amigos, não te intrometas em política e não discutas com quem quer que seja. Se venceres esta etapa, estarás salvo.”.

Embora o médium tenha prometido em lágrimas, quinze ou vinte dias depois viu-se discutindo com adversários políticos, quando um deles o ofendeu. Ele então encolerizado esbofeteou o rosto do inimigo. Um policial, amigo deste último, entrou em sua defesa. O dono do bar colocou todos para fora e fechou o recinto. E ali, em meio à praça pública em Ouro Preto, a mesma que outrora fora

palco do enforcamento do espírito que o perseguia, o soldado sacou o seu revólver e descarregou sua arma sobre o médium que, caindo ferido, ainda teve tempo para dizer: “Não me mate, pelo amor de Deus! Tenho oito filhos pequenos para criar!”. O que chamou a atenção, embora a vítima de agora fosse um funcionário público muito conhecido, por motivo não explicado seu corpo ficou ali, naquela praça, exposto das dez da manhã, hora do crime, até às dezessete horas.

O que muitas vezes acontece é que os impulsos da agressividade brotam no campo das emoções como reflexos de ódio e de rancor, e isso pode se transformar num estado permanente, podendo ocorrer com uma pessoa com relação a todos e consecutivamente a tudo que a rodeia, aparecendo como um sintoma de cólera, trazendo como consequência o endurecimento do sentimento no seu estado mais íntimo e de maneira penosa.

O ódio tem uma grande abrangência, manifestando-se desde uma leve irritação, por meio de palavras e ações, até chegar a uma paixão violenta, onde muitas vezes a culpa se confunde com o medo. Uma reforma interior, a partir do desenvolvimento do amor e do perdão, poderá auxiliar o ser humano que está deteriorado por esse vício, a vencê-lo, assim como todas as emoções que lhe arrastam para o magnetismo negativo.

## 7 - A INVEJA E O CIÚME PELA FALTA DE CAPACIDADE DE CONQUISTA DO SER HUMANO

A inveja, em consonância com o que é exposto por alguns estudiosos do assunto, é um sentimento de tristeza que denota um complexo de inferioridade perante o desejo de possuir aquilo que o outro tem, seja objeto, posição ou uma qualidade das quais não é portador, dando mostras de uma incapacidade de ser como o outro, ou possuir alguma coisa que pertença a ele.

Sendo considerado um dos sentimentos mais difusos dentro da humanidade, o ser humano tem grande dificuldade em admitir o vício da inveja, o qual está ligado ao ciúme - reação complexa a uma ameaça em determinada relação entre uma ou mais pessoas, estando ligado intimamente a uma delas ou não, como também a possessão por coisas ou objetos que lhe são valorosos, sentindo-se dono absoluto da pessoa na qual se relaciona ou das coisas ou objetos que possui.

A inveja não gera o sentimento de perda presente no ciúme, apesar de, tanto um quanto outro, trazer certo desconforto, gerando um sentimento de raiva, atormentando aquele que cobiça alguma coisa de outrem. Nesta equação, quanto mais baixa for a autoestima daquele que tem ciúmes ou inveja, mais apto está para sofrer com estes sentimentos.

Tanto a inveja quanto a raiva podem gerar aos seres humanos que as possuem, sentimentos de tristeza e dor, por se sentirem incapazes de conquistar as coisas pertencentes aos outros, como também criar um estado de raiva por sentirem que os outros são melhores do que ele. Por outro lado, podem se debilitar pela sensação de medo, gerando depressão temporária ou se sentirem humilhados por terem sido feridos no seu orgulho e sua vaidade.

Muitas coisas podem acontecer pelos pensamentos, quando se trata de pessoas invejosas e ciumentas. Pelo complexo de culpa, por se acharem muitas vezes responsáveis pela situação criada. Também pelo ressentimento provocado pelo mal-estar do sentimento de desconfiança. Podem ocorrer, por outro lado, pela comparação que as pessoas fazem com seu rival, como também pela preocupação com a sua imagem perante as pessoas ou a sociedade, ou então a autocomiseração produzida pela ameaça de perda por aquilo que lhes tem valor.

Todo esse desequilíbrio de pensamentos provoca uma mudança na forma de agir dessas pessoas, podendo gerar ações de violência que trazem resultados, na maioria das vezes, trágicos.

Uma pessoa que vive na pobreza pode invejar a fortuna de um rico, enquanto este pode ter inveja das qualidades de uma pessoa pobre. Um indivíduo pode ser vítima da possessão de outra por ciúmes, e pode também sofrer um ataque ciumento ocasionado por um complexo de inferioridade . Um homem ou uma mulher pode ter ciúmes de tudo o que lhes pertence. Para algumas pessoas, se alguém usa algo que é seu, perde todo o valor para eles, despojando-se daquilo

que tinham verdadeira possessão, e isto acontece muito onde o ciúme se manifesta de maneira patológica.

O que acontece realmente é que o invejoso e o ciumento são inseguros, tornando-se supersensíveis e se irritando facilmente. É desconfiado de tudo, observando minuciosamente o que se passa na vida alheia como um detetive. Fica sempre armado e alerta contra tudo o que acontece e contra os que estão na proximidade. Mostra-se com superioridade para ocultar a sua inferioridade, sendo o sarcasmo e a ironia as suas defesas, utilizando esses sentimentos de forma que as pessoas com quem se comunica não percebam a sua fragilidade para conviver com a felicidade de outrem.

Allan Kardec em “O Livro dos Espíritos”, questão 933, apresenta uma explicação sobre a inveja e o ciúme, quando os espíritos explicam que são felizes os que não conhecem esses dois vermes vorazes. Com a inveja e o ciúme não há calma, não há repouso possível. Para aquele que sofre desses males, os objetos da sua cobiça, do seu ódio e do seu despeito, se erguem diante dele como fantasmas que não os deixam em paz e os perseguem até no sono. O invejoso e o ciumento vivem num estado de febre contínua. É essa uma situação desejável? Será que não se pode compreender que, com essas paixões, o homem cria para si mesmo suplícios voluntários e que a Terra se transforma para ele num verdadeiro inferno?

Acrescentam eles, então, que muitas expressões figuram energeticamente os efeitos de algumas paixões. Diz-se: estar inchado de orgulho, morrer de inveja,

secar de ciúmes ou despeito, perder o apetite por ciúmes, *etc.* Esse quadro nos dá bem a verdade. Às vezes, mesmo o ciúme não tem objeto determinado. Há pessoas que se mostram naturalmente ciumentas em relação a qualquer pessoa que consiga crescer, que saia da vulgaridade, unicamente por não poderem atingir o mesmo plano. Tudo aquilo que parece acima do horizonte comum as ofusca e, se formassem a maioria da sociedade, tudo desejariam rebaixar ao seu próprio nível. Temos nesses casos o ciúme aliado à mediocridade.

Essa explicação passada pelos espíritos nos dá uma ideia de como a inveja e o ciúme promovem muitas vezes situações de despeito e infelicidade. Contaram-me uma história sobre a inveja, que fora publicada no “Jornal do Espiritismo”, onde me foi dito que um homem, trabalhando em uma empresa, há vinte anos, era um funcionário sério, dedicado e cumpridor de suas obrigações. Um dia ele entrou na sala do dono da empresa para fazer uma reclamação. Disse que trabalhava ali há duas décadas com toda a dedicação, mas sentia-se injustiçado porque seu colega de trabalho, estando na empresa há apenas três anos, ganhava mais do que ele.

O patrão fingiu não ouvir e lhe pediu que fosse à rua até a barraca de frutas localizada na esquina, dizendo-lhe que estava pensando em oferecer frutas como sobremesa aos funcionários após o almoço daquele dia, assim queria que ele verificasse se naquela barraca havia abacaxi. O funcionário ficou sem entender direito, mas obedeceu. Voltando rapidamente, trouxe a informação de que na barraca tinha abacaxi. O dono da empresa, então, perguntou-lhe qual era o preço

do produto. Disse ele que não havia perguntado ao barraqueiro. Como também não sabia responder se lá havia quantidade suficiente para atender todos os funcionários da empresa. Muito menos se ali havia outra fruta que substituísse o abacaxi na sua falta.

O patrão pediu ao funcionário que se sentasse em sua sala e chamou o seu colega de trabalho, que tinha menos tempo de casa, dando-lhe a mesma missão que tinha dado ao primeiro funcionário, dizendo-lhe que estava querendo dar frutas como sobremesa ao pessoal da casa hoje e que na esquina havia uma barraca. Que ele fosse até lá e verificasse se eles tinham abacaxi.

Passado alguns minutos, o funcionário voltou dizendo-lhe que tinha abacaxi na barraca e em quantidade suficiente para todo o pessoal. Havendo preferência, ele também tem laranja, banana, melão e mamão. Dizendo o preço do abacaxi informou também o preço de todas as outras frutas, ressaltando que, como a compra seria de grande quantidade, ele negociou um desconto junto ao barraqueiro, deixando tudo reservado, de forma que se a decisão do chefe fosse a compra, ele voltaria lá para confirmar a aquisição das frutas.

Agradecendo pelas informações, o patrão dispensou o empregado que lhe tinha trazido todas as informações a respeito da encomenda, e voltando-se para o funcionário mais antigo, perguntou-lhe: “O que estava querendo falar comigo antes?”. O funcionário, levantando-se, encaminhou-se para a porta onde falou: “Não é nada sério, esqueça patrão!”. E pedindo-lhe licença, saiu da sala. A história nos leva a refletir que muitas vezes são invejadas as posições alheias,

sem se notar que as pessoas estão onde estão e têm o que têm porque fizeram esforços para isso.

Se o homem trabalhar a inveja e o ciúme que existem dentro de si, sentimentos causadores de sofrimento, verá a grande transformação que poderá fazer. Perceberá que tem valor perante a vida, elevando-se acima do círculo estreito do mundo material, podendo fazer com que o seu pensamento possa chegar ao infinito, que é o seu destino, superando as vicissitudes mesquinhas para alcançar a felicidade desejada.

## 8 - O BULLYING NA PROVOCAÇÃO DE DEBOCHES E ZOMBARIAS PELA FRAQUEZA HUMANA

O bullying, segundo a interpretação de acadêmicos em geral, é um termo utilizado pela sociedade moderna para identificar atos de violência física ou ações psicológicas repetidas e intencionais que são praticadas por uma pessoa ou um grupo delas, trazendo como consequência o sofrimento da vítima pela dor ou a angústia, sendo essa ação realizada em conformidade com uma desigualdade de poder.

O deboche é uma ação de zombaria feita com insistência a uma pessoa, menosprezando-a por meio de atitudes ou palavras irônicas, desdenhando dela, de forma que ela se torne ridícula, ou mesmo oferecendo-lhe desprezo. Essa ação denota uma má conduta pelo proponente que age assim para satisfazer o seu ego. Isso ocorre na maioria das vezes por ele não ter tido uma boa estrutura em sua educação. Certamente, faltou-lhe conselhos, atitudes e exemplos, o que facilitou sua imersão numa vida depravada, cujas características são baseadas na devassidão a que se acostumou, nos vícios que se envolveu e na libertinagem a que se entregou. Nas escolas, os casos de bullying, deboches ou zombarias são extremamente frequentes. Ocorrem pela necessidade de autoafirmação de alguns alunos, que fazem uso desse tipo de atitude para serem admitidos no grupo de

amigos mais espertos e ardilosos, escondendo assim suas próprias fragilidades, provocando medo em seus colegas.

Fora das escolas, a prática do bullying aparece a todo instante, por meio de rótulos que são criados, os quais decorrem normalmente de preconceitos, padrões de poder, saber ou de beleza, onde esses se constroem a partir de diferentes situações, como o excesso de delicadeza de uma pessoa, o fracasso de outra, na tentativa de se lançar comentários maldosos sem piedade, na depreciação do ser humano.

Também no local de trabalho, o bullying envolve com frequência o abuso de poder, onde a sua prática faz uso de comportamentos que intimidam o colega ou subalterno, muitas vezes denegrindo a sua imagem. Há casos em que a situação é tão séria, que o trabalhador é ofendido ou humilhado na frente de outros colegas, criando um grande sentimento de impotência para lidar com o problema, diminuindo, assim, o direito daquele indivíduo à dignidade no ambiente de trabalho.

Não se pode esquecer que com o avanço da tecnologia, o bullying tem chegado as casas dos cidadãos por intermédio da internet, onde a agressão digital ocorre nas redes sociais, por meio de blogs, vlogs, chats e e-mails, tornando-se uma ferramenta de ataque. Como exemplo, podemos citar casos em que as mídias sociais lançam ideias consistentes e até coerentes, e no meio dessa ação surge uma sucessão de mensagens quase que instantâneas, que nos parecem estar ligadas a movimentos organizados que têm por objetivo promover a

desmoralização daquelas ideias, surpreendendo pelo sarcasmo e a agressividade, humilhando o autor das ideias iniciais, e isso tudo ocorre de maneira a parecer ter sido combinado por um grupo de internautas, possivelmente liderados por pessoas que possuem dentro de si, todas as características daquelas que tem o vício de provocar a zombaria e o deboche à distância, por intermédio da rede computacional.

Para que possamos ter uma ideia de como o bullying acontece, vamos relatar o caso de uma aluna que publicou a sua história em um site de comunidades. Contou que ao frequentar uma determinada escola, viu-se vítima de bullying, onde através de ofensas, de palavras que a magoaram, ultrapassaram limites.

Toda a história começou numa aula em que a professora saiu de sala para ir à secretaria buscar um documento, e autorizou os alunos a sentar nos lugares que quisessem. A menina relata que um colega sentara em seu lugar, de forma que, ao perceber o ocorrido, comunicou-lhe que o lugar era dela. Diante da fala da menina, o rapaz começou a agredi-la verbalmente, zombando de sua aparência física. Após o ocorrido, ela passou a ser seguida, rejeitada e acusada de mentirosa por dizer algumas verdades, chegando ao ponto de ser ameaçada até em sua residência, tendo que enfrentar essa situação durante todo o ano letivo.

Após muito assédio, fora hospitalizada em função de crise nervosa. Ao retornar ao colégio, conseguiu mudar de turma, superando o trauma com a ajuda de seus pais e de sua família. Ao denunciar o seu agressor, conseguiu resolver a situação rapidamente, ficando o seu carrasco com uma grande possibilidade de

responder à justiça por bullying.

A partir de então, ela sempre que podia, por intermédio de diversos meios de comunicação, aconselhava às pessoas vítimas de bullying a tornar público tudo o que lhes acontece. Chamou a atenção dos pais e profissionais da educação para que tenham atenção ao comportamento de seus filhos ou educandos, já que muitas vítimas de zombarias e escárnios sofrem em silêncio, mas manifestam-se por comportamentos percebidos na maioria das vezes pela alteração nas suas notas e por um estado de medo perante determinadas situações.

Ela percebeu então, que quase todas as pessoas são vítimas da perturbação de alguém com quem não há muita afinidade, e que sendo a puberdade uma fase de muitas transformações, com mudança no aspecto físico, mental e cultural, seria várias vezes discriminada pelas suas características de mulher, diferentes da maioria das moças da sua idade, deixando transparecer um mal-estar entre elas. Muitas vezes, foi discriminada e marginalizada pelos colegas de turma, na maioria, as moças. Ao mudar de residência e de cidade, começou a superar o bullying.

Muitos anos após, ela ainda considera a agressão verbal mais perigosa do que a agressão física, por deixar marcas profundas e muitas vezes irreparáveis. Aconselha a quem passa pela situação levante a cabeça e olhe para o mundo de frente.

Por esse relato, pode-se entender um pouco mais sobre o bullying, sendo

observado que pessoas solitárias, muitas vezes, têm dificuldades de interação social, isolando-se dos outros e se tornando presas fáceis para os intimidadores. Outros são vítimas de deboches e zombarias por causa da aparência, raça, religião ou até por uma deficiência. Na maioria das vezes, os intimidadores identificam quando alguém tem pouca confiança. Nesse caso, essas pessoas provavelmente serão alvos fáceis, e de alguma forma, se sentem incapazes para reagir ao bullying.

O bullying aos poucos vem sendo combatido. No Brasil, no estado de Santa Catarina, já existe uma lei específica para isso, punindo esse tipo de agressão. Algum tempo atrás, o Conselho Nacional de Justiça lançou uma cartilha de combate ao bullying que vem sendo distribuída em escolas da rede pública e particular.

Nos Estados Unidos, o presidente da república, Barack Obama, fez um pronunciamento em favor da campanha contra o bullying. Todas essas ações vêm em favorecimento à criação de leis, protegendo à sociedade contra o bullying.

## 9 - A SEXUALIDADE COMO ENERGIA GERADA PELO INSTINTO ANIMAL

De acordo com o que se estuda no espiritismo, a energia sexual tem a sua origem no ser espiritual, estruturando-se com o passar do tempo, por meio de uma longa caminhada evolutiva, do princípio vital, no mineral, passando pelo vegetal, avançando para o reino animal, que ganhando novas dimensões com base no instinto, manifesta-se por meio de mecanismos hormonais, dando formas ao macho e à fêmea, alcançando o homem, ganhando uma nova amplitude que se manifesta por emoções que o levam por meio da razão a um nível moral, atingindo assim a sua finalidade perante a evolução no caminho da perfeição.

O grande objetivo da sexualidade, seja no homem ou no animal, é assegurar a continuidade da vida, a estruturação do corpo físico e a constituição de uma família, que no caso do animal ainda ocorre de maneira rudimentar.

Para o espírito encarnado, a intimidade sexual, com o decorrer do tempo, pode transformar-se em uma permuta de energias, que podem ser físicas ou espirituais, ocorrendo que com o passar do tempo torna-se uma sexualidade mais refinada que se exterioriza sutilmente de maneira nobre, enriquecendo o relacionamento, tendo como base a confiança, a fidelidade e o amor.

Dessa forma, pode ser compreendida a responsabilidade do casal que assume tal compromisso afetivo, pela interação de sentimentos que ligam um ao outro.

Com o decorrer do tempo, a paixão inicial pode transformar-se em um relacionamento de amor, mais importante do que o sexo propriamente dito.

A origem do instinto sexual é vista no livro “Evolução em Dois Mundos”, ditado pelo espírito André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, quando ele descreve que todas as nossas referências a semelhantes peças do trabalho biológico, nos reinos da natureza, objetivam simplesmente demonstrar que, além da trama de recursos somáticos, a alma guarda a sua individualidade sexual que lhe é peculiar, a definir-se na feminilidade ou na masculinidade, conforme as características acentuadamente passivas ou claramente ativas que lhe sejam próprias.

A sede real do sexo não se acha dessa maneira no veículo físico, mas sim na entidade espiritual, em sua estrutura complexa.

Continuou André Luiz dizendo que o instinto sexual, por isso mesmo, traduzindo amor em expansão no tempo, vem das profundezas, para nós ainda inabordáveis, quando agrupamentos de princípio inteligentes se reuniram magneticamente uns aos outros para compor a obra multimilenária da evolução, ao modo de núcleos e partículas na composição dos átomos, ou dos sois e dos mundos nos sistemas macrocósmicos da imensidade.

Mostrou então que, por esse instinto, as criaturas transitam de caminho a caminho, nos domínios da experimentação diversificada, adquirindo as qualidades de que necessitam; com ele, vestem-se da forma física, em condições

anormais, atendendo a sentenças regeneradoras na lei de causa e efeito ou cumprindo instruções especiais com fins de trabalho justo.

Acrescentou ainda André Luiz que o sexo é, portanto, mental em seus impulsos e manifestações, transcendendo quaisquer impositivos da forma em que se exprime; não obstante reconhecermos que a maioria das consciências encarnadas permanecem seguramente ajustadas à coesão mente-corpo, em marcha para mais vasta complexidade de conhecimento e emoção.

Terminou o texto concluindo que, entretanto, importa reconhecer que à medida que o afastamento da animalidade nos aproxima da integração com a humanidade, o amor assume dimensões mais elevadas, tanto para os que se verticalizam na virtude como para os que se horizontalizam na inteligência.

A sexualidade no ser humano é antiga. Como já vimos, é o resultado de muitas experiências vividas no decorrer dos milênios que foram armazenadas em nosso espírito instintivamente desde a fase animal.

Sendo assim, pode-se perceber que a criança em seus primeiros dias de vida vai readquirindo a personalidade existente em seu espírito, bem como vai fazendo contato com emoções, instintos e paixões, tudo fruto de experiências de vidas anteriores, as quais poderão lhe influenciar para uma vida sexual normal ou desregrada, de acordo com as características de sua personalidade. Assim, poderá ter uma vida sexual que lhe trará o benefício de um relacionamento equilibrado, levando-o a um casamento saudável do ponto de vista da

sexualidade, ou em caso contrário, poderá direcionar-se a uma vida desregrada sexualmente, ao utilizar o sexo somente como ato de satisfação de seus desejos, tornando-se vítima de uma vida regada a sentimentos intempestivos, de grandes exageros e desequilíbrios.

O mais assustador é o desequilíbrio psíquico que pode ser acometido por essa vida sexual desorganizada, onde impera o egoísmo, a ausência de afeto, a falta de comprometimento e a pouca durabilidade de suas relações amorosas, que tem a terrível consequência de, em poucos anos, ser vítima da solidão até o final de seus dias.

Por outro lado, se um homem e uma mulher sentem-se felizes ao se relacionarem pela prática sexual, mesmo que seja com vistas à satisfação do prazer, não há nada de mal. O importante é que não haja perdido o respeito pelo outro, onde sua vida sexual seja mais importante do que os valores necessários ao progresso de seu espírito.

É importante que se possa reconhecer que à medida que um relacionamento amoroso se afasta da animalidade, o amor assume dimensões mais elevadas que conduzirão os homens e as mulheres à prática da caridade e da fraternidade humana, passando a ganhar uma maior compreensão no convívio das pessoas que lhes são próximas.

# 10 - A PAIXÃO COMO EMOÇÃO INTENSA GERADA PELO DESEJO SOBRE QUALQUER COISA

A paixão, sob o ponto de vista de alguns estudiosos, é um sentimento que traz uma emoção intensa, gerada por um desejo desenfreado por uma pessoa ou por qualquer coisa que lhe nutra uma grande admiração, podendo despertar sentimentos de amor ou ódio como também de alegria ou tristeza.

Em um relacionamento amoroso, o casal poderá ser atraído por uma grande paixão, que com o passar do tempo poderá se transformar em um imenso amor, caso seja pautado na fidelidade entre ambos, na cumplicidade, honestidade, alegria e principalmente na admiração e respeito que um poderá ter pelo outro. Caso contrário, esse relacionamento tem grande chance de se transformar em ódio, pois não evoluindo para o amor, fixa-se na paixão desenfreada e desequilibrada, trazendo instabilidade, desconfiança, e sofrimento para ambos.

O que identifica uma paixão é a aproximação do casal por intermédio da atração, da sedução, de sua beleza exterior, da admiração de qualidades e as características atrativas baseadas na afinidade de suas personalidades. Ao se conhecerem melhor, em função de seu convívio, passam a se entender mais, identificando-se na intimidade de cada um, passando a se atrair pela beleza interior, apaixonando-se com mais intensidade, dando oportunidade ao

desenvolvimento do amor entre eles.

Com o amadurecimento da relação, passam a conviver diariamente, precisando administrar hábitos e vícios em respeito ao espaço do outro. A diferença no convívio a dois, é que sozinhos são independentes, podendo vivenciar seus hábitos e vícios sem interferência. Juntos, terão que fazer renúncias, para que possam alcançar um equilíbrio em sua convivência, desenvolvendo um amor duradouro. O que pode ser observado no dia a dia das relações é que na maioria dos relacionamentos amorosos não há esse equilíbrio, havendo uma tendência de manipulação, onde a parte mais apaixonada ou com uma personalidade mais dominante e características sedutoras evidentes, subjulga o outro, desorganizando conseqüentemente a relação, a qual é tomada por um estado de instabilidade, tristeza, desconfiança e muitas vezes infidelidade.

Ao se falar de paixão, pode-se pensar que esse sentimento refere-se apenas ao relacionamento de um casal, marcado principalmente pela sedução e desejo conjunto, mas ocorre que a paixão também pode se desenvolver a partir do imenso interesse que uma pessoa possa ter por alguma coisa, dentre um universo extenso de atividades ou elementos que fazem com que o ser humano se apaixone intensamente.

A paixão com regras, preservando certa disciplina e um grau de consciência, permite que o indivíduo crie uma diversidade de atribuições, desenvolvendo-as com paixão e com o desejo, podendo lhe favorecer o ego e muitas vezes trazer

benefícios para si e para a humanidade.

O desgoverno e o exagero da paixão podem ter consequências desastrosas pelo desequilíbrio extremo dos sentimentos do ser humano, provocando um desordenamento mental e espiritual, causando-lhe um mal que poderá trazer prejuízos para si como também para a sociedade de maneira geral.

Allan Kardec, questionando esse assunto em “O Livro dos Espíritos”, questões 907 e 908, quis saber, uma vez que o princípio das paixões é natural, como poderia se definir o limite em que as paixões deixam de ser boas ou más. Segundo o que foi exposto, disseram eles, que a paixão está no excesso provocado pela vontade, pois o princípio foi dado ao homem para o bem, e as paixões podem conduzi-los a grandes coisas. O abuso a que ele se entrega é que causa o mal.

Em continuidade à questão, disseram que as paixões são como um cavalo, que é útil quando governado e perigoso quando governa. Deve ser reconhecido, pois, que uma paixão se torna perniciosa no momento em que não a governamos, resultando num prejuízo para aquele que a tem ou para outro.

Acrescentou então, Allan Kardec, que as paixões são alavancas que aumentam intensamente as forças do homem e o ajudam a cumprir os designos da providência. Mas se em vez de dirigi-las, o homem se deixa dirigir por elas, cai no excesso e a própria força que em suas mãos poderia fazer o bem, recai sobre ele e o esmaga.

Elucidou que todas as paixões têm seu princípio em um sentimento ou uma necessidade da natureza. O princípio das paixões não é, portanto, um mal, pois repousa sobre uma das condições providenciais de nossa existência. A paixão propriamente dita é o exagero de uma necessidade ou de um sentimento; está no excesso e não na causa; e esse excesso se torna um mal quando tem por consequência algum mal.

Conclui Allan Kardec que toda paixão que aproxima o homem da natureza animal, distancia-o da natureza espiritual. Por outro lado, todo o sentimento que eleve o homem acima da natureza animal anuncia o predomínio do espírito sobre a matéria e o aproxima da perfeição.

Por essas elucidações podemos compreender que, se o ser humano estiver envolvido por uma paixão, seja por uma pessoa, por alguma coisa ou até por um ideal, ela será positiva enquanto permanecer o desejo mesmo que excessivo, mas sobre controle das suas ações, de suas atitudes e de seus pensamentos. Por meio dessa postura poderá ter a oportunidade de construir possibilidades para a realização daquilo que deseja, do que realmente quer e do que poderá conseguir perante a vontade que tem para consolidar aquilo que almeja.

## 11 - O ORGULHO COMO EXAGERO DOS PRÓPRIOS VALORES SUPERESTIMADOS

O orgulho, segundo pode ser encontrado em algumas literaturas, é um sentimento onde o ser humano se sente com satisfação pela sua capacidade diante de alguma situação ou pela realização de uma ação que lhe denote reconhecimento por outras pessoas, exacerbando a sua dignidade perante um acontecimento, mostrando uma atitude positiva onde o indivíduo se sente honrado em função do resultado obtido pela ação praticada.

O orgulho também pode ser considerado um estado da soberba ou arrogância que pode ser traduzido por atividades negativas perante situações geradas pela vaidade, ostentação e vanglória, na tentativa do ser humano elevar-se acima do que ele realmente é. Uma de suas características é a teimosia diante de ações ou fatos, julgando-se estar sempre certo, tornando-se presunçoso por achar que tem o conhecimento de tudo e de todos. Por causa desse estado e dessa característica, superestima os seus próprios feitos, considerando um ato de justiça o reconhecimento de seu próprio valor, fazendo elogios a si mesmo, e isso em alguns casos é uma forma de fortalecer-se e conseguir alcançar a evolução individual a partir de suas ações perante a vida.

A soberba é um sentimento que envolve a pretensão de superioridade do ser humano em relação a outros indivíduos, tendo como consequência a manifestação de hostilidade, a qual é gerada por uma autoconfiança exagerada

que menospreza e massacra pessoas que considera inferiores. A arrogância, outro componente da soberba, é caracterizada pela ausência de humildade, onde o indivíduo torna-se prepotente, passando a ter a convicção de que é mais esperto do que as outras pessoas, não se interessando em prestar atenção a outras opiniões, o que o torna extremamente vaidoso e presunçoso ao lidar com as suas ações e atitudes perante as situações que se apresentam à sua frente.

Na Bíblia, no Novo Testamento, em Mateus, capítulo 20, versículos 20 a 28, encontramos uma leitura que exemplifica a afirmativa de que todo o indivíduo que se enaltece será humilhado. Ela diz que, quando Jesus estava subindo a Jerusalém, então aproximou-se dele a mulher de Zebedeu com seus filhos, prostrando-se para pedir alguma coisa. Jesus perguntou: “O que desejas?”. Ela respondeu: “Manda que os meus dois filhos se assentem, um a tua direita e outro à tua esquerda no teu reino”. Jesus porém disse: “Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que eu vou beber?”. Eles disseram: “Podemos”. E Jesus prosseguiu: “Bebereis o meu cálice, mas assentar-se à minha direita ou à minha esquerda não me compete conceder. É para quem meu pai o preparou”. Os outros dez que estavam ali ouviram isso e se aborreceram com os dois irmãos. Jesus, porém os chamou e disse: “Sabeis que os chefes das nações as oprimem e os grandes as tiranizam. Entre vós não seja assim. Ao contrário, quem quiser ser grande, seja vosso servidor, e quem quiser ser o primeiro, seja vosso escravo. Foi assim que o filho do homem veio: não para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate de muitos”.

A mesma ideia poderá se ter em Lucas, capítulo 14, versículos 7 a 11, quando, em um dia de sábado, Jesus entrou na casa de um dos chefes dos fariseus para tomar uma refeição e observou como os convidados escolhiam para si os primeiros lugares, contando aos que estavam com ele uma parábola: “Quando fores convidado por alguém para uma festa de casamento, não te sentes no primeiro lugar. Talvez tenha sido convidado alguém mais importante que tu e aquele que convidou os dois venha e te diga: Cede teu lugar para este. Então tu, cheio de vergonha, irás ocupar o último lugar. Quando fores convidado, vai sentar-te no último lugar para que quando chegar quem te convidou diga: Amigo, vem mais para cima. Então terás grande honra na presença de todos os convidados. Porque todo aquele que se eleva será humilhado, e quem se humilha será enaltecido.”

No capítulo VII, item 6, do “Evangelho Segundo o Espiritismo”, Allan Kardec mostra que essas máximas de Jesus são o corolário do preceito de humildade que ele não cessa de proclamar como condição primordial da felicidade prometida aos eleitos do Senhor.

Diz Allan Kardec que o espiritismo veio sancionar a teoria pelo exemplo, mostrando-nos grandes no mundo espiritual aqueles que eram pequenos na Terra, e muitas vezes bem pequenos os que aqui foram os maiores e mais poderosos. E que os primeiros levaram ao morrer o que constituía verdadeira grandeza no céu, e que é imperecível – as virtudes, ao passo que os outros deixaram aqui o que representa a grandeza na Terra – a fortuna, os títulos, a

glória, a nobreza. Não possuindo outra coisa, eles chegam ao outro mundo desprovidos de tudo, como náufragos que tudo perderam, até a roupa. Só conservam o orgulho que lhe torna mais humilhante a sua nova situação, pois que estão acima deles, resplendentes de glória, aqueles mesmos a quem pisaram os pés.

Allan Kardec então ressalta que o espiritismo nos deu outra adaptação desse princípio nas encarnações sucessivas, onde aqueles que foram mais abastados em uma existência serão rebaixados até o último nível em existência seguinte, quando tiveram sido dominados pelo orgulho e ambição. Que não se procure, portanto, o primeiro lugar na Terra, nem se queira colocar acima dos demais, para que não seja obrigado a descer. Em vez disso, que se preocupe com a mais humilde e modesta posição, pois Deus saberá dar um lugar bem mais elevado no céu – se assim houver merecimento.

Pelas palavras de Allan Kardec, baseadas nos ensinamentos de Jesus, pode-se compreender melhor o orgulho, sentimento que faz o ser humano julgar-se superior, escondendo-se por trás de uma falsa humildade. Certa vez, estávamos em um grupo conversando sobre a arrogância. Um senhor bastante descontraído lembrou-se de uma história que tinha lido na mídia. Contou-nos que uma esquadra composta por vários navios de guerra, liderada por um grande porta-aviões, deslocava-se no sentido norte do Oceano Atlântico, em uma noite de pouca visibilidade. O capitão estando no comando da embarcação, avistou a sua frente uma luz que, segundo a tripulação, estaria em rota de colisão com a

esquadra.

Imediatamente o capitão ordenou a seus subalternos que sinalizassem a outra embarcação a possibilidade de colisão caso e ela não mudasse o seu curso em 20 graus para o norte, recebendo de imediato a mensagem do local de onde provinha a luz que a esquadra mudasse o seu curso em 20 graus para o sul. O capitão impaciente assumiu o comando da comunicação repetindo-lhe para que mudasse o seu curso. Do local iluminado, uma voz serena insistia para que o capitão mudasse o seu curso.

Tomado por intensa arrogância, demonstrando um tom de soberba, o capitão esbravejou, identificando-se com as suas credenciais, dizendo-lhe: “Sou o comandante de uma das maiores esquadras de guerra desta área, e assim ordeno-lhe que mude o seu curso em 20 graus para o norte, senão serão tomadas severas medidas na garantia da segurança da esquadra”.

Quando de forma calma, veio a resposta inesperada: “Comandante, mude o seu rumo, porque estou num farol que protege a navegação pela existência de uma cadeia de rochedos”

O capitão então, desconcertado, mudou rapidamente o curso de sua esquadra sem dar mais uma palavra.

Observa-se assim que o orgulho manifesta-se por várias maneiras, onde o indivíduo em sociedade executa tudo do jeito que quer e oprime a todos que julga inferiores. Quando trabalha em equipe, só pensa em si. Na amizade, clama

por privilégios. Diante da fé, reclama de tudo. Na responsabilidade, tiraniza. Ao lidar com a dor alheia, condena a todos e no estudo, despreza o saber.

Sendo o orgulho também um vício que faz parte do instinto humano, gerado pela lei da conservação do homem, por ter uma grande ligação com o egoísmo, alguns estudiosos da religião ou espiritualistas tem como certo que o orgulho deve ser eliminado do homem e substituído pela humildade.

Na verdade, se o homem aniquilar o seu orgulho, estará perdendo valores já adquiridos durante o seu aprendizado por meio de suas existências terrestres. Esses valores podem ser direcionados na valorização de seus atos, de suas atitudes por meio do desenvolvimento da capacidade de inteligência, organização e força de vontade para fazer o melhor diante da evolução de seu espírito.

Vendo por esse lado, pode-se então dizer que se o indivíduo gosta de fazer tudo do seu jeito, pode aprender a compartilhar com outras pessoas. Em vez de oprimir, liderar as suas ações com parceria. Ao trabalhar em equipe, pensar em todos aproveitando o seu conhecimento. Na amizade, mostrar-se superior pelas suas atitudes fraternas. Diante da fé, acreditar na razão. Onde for preciso atuar com responsabilidade, agir com sabedoria. Ao lidar com a dor humana, aprender a lidar com a solidariedade e diante do estudo, sentir-se orgulhoso pela vontade de fazer o melhor, aprendendo o máximo que puder para servir a humanidade.

## 12 - A VAIDADE COMO O DESEJO DE ATRAIR A ADMIRAÇÃO DE OUTRAS PESSOAS

A vaidade vista pela sociedade, segundo o que se pensa, e o que se sente ao lidar com esse sentimento, é o desejo natural de se apresentar de maneira espetaculosa. Com isso, pretende-se atrair a atenção de outras pessoas por meio da ostentação e assim produzir admiração ou inveja, valorizando o seu amor próprio, criando um estado de orgulho e aumentando a sua autoestima. Algumas vezes, pode transformar-se em soberba como também em presunção, onde essas pessoas acham-se superiores a outras.

A vaidade pode se apresentar de várias formas. Algumas vezes se mostra a partir da beleza do corpo humano, por meio da valorização estética em função de plásticas adequadas, penteados e efeitos de cosméticos, bem como por vestimentas exuberantes, inculcando destaque à imagem da pessoa vaidosa perante seus amigos e à sociedade em geral. Nesse caso, não sendo uma vaidade excessiva, é considerada até positiva, uma vez que conserva o ser humano por meio da higiene, do asseio e da vontade de mostrar que está bem perante a vida, provocando a admiração das outras pessoas. Por outro lado, sendo uma vaidade excessiva, pode ser considerada negativa, gerando a inveja de outras pessoas, que traz como consequência a solidão, a baixa autoestima e a autodepreciação causando ao ser humano um aniquilamento por meio de traumas depressivos.

Pode-se então entender que a vaidade é boa, quando impulsiona o

crescimento do ser humano, seja pessoal, moral ou espiritual. Mas passa a ser um sentimento de má qualidade quando em excesso e rotineiro, tornando-se o principal objetivo de sua vida, onde o indivíduo passa a se preocupar mais com a sua imagem do que prestar atenção aos seus vícios e qualidades, decepcionando-se ao final pelo insucesso, na falta de valores que deixou de adquirir durante a sua existência.

Até aqui se falou do que a sociedade pensa sobre a vaidade, denotada pela apresentação pessoal exuberante, demonstrado pela forma de se vestir ou pelo esforço em realçar dotes físicos.

Na verdade, a vaidade pode ser evidenciada por meio de qualidades intelectuais dos indivíduos que fazem propaganda de sua própria pessoa, ou por alguma ação que realizam, ou se apresentar pela intolerância com outras pessoas que tenham conhecimento e condição social mais humilde.

Percebe-se a vaidade também na vontade que os indivíduos têm de querer para si posições em empresas que lhe tragam destaque e que lhe concedam ações elogiosas. A vaidade também pode ser percebida na não admissão da culpa em situações de infortúnios. Dessa forma, compreendemos que a vaidade, o orgulho, a soberba e a arrogância são sentimentos próximos, que se entrelaçam uns aos outros de tal forma que ao falarmos de um, acabamos destacando os demais.

Pode-se observar a partir daí que a pessoa excessivamente vaidosa tem dificuldades para admitir os seus erros, mesmo que lhe seja evidente. Evita

elogiar as virtudes e o sucesso alheios. Quando se associa a uma causa, o faz mais para aparecer do que por ideal. Não admite quando os outros têm razão. Tem dificuldades para perdoar. Considera de grande importância a sua personalidade, tendo como gravíssimas as ofensas que lhe são dirigidas. Avalia por baixo os prejuízos causados a alguém. Mas o mais relevante é que por vaidade o ser humano muitas vezes, em função de uma ofensa, passa a odiar outra pessoa querendo vingar-se a todo custo para saciar o seu amor próprio.

Na Bíblia, no Novo Testamento, em Mateus, capítulo 6, versículos 1 a 4, Jesus dissertando sobre fazer o bem sem ostentar, asseverou ao falar ao povo que evitasse praticar suas obras de caridade diante dos outros, pois não teriam dessa forma nenhuma recompensa do Pai que está nos céus. Disse: “Quando, pois deres esmola, não vás tocando trombetas diante de ti como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem louvados pelos outros. Eu vos garanto: eles já receberam a recompensa. Mas quando deres esmola, não saiba a mão esquerda o que faz a direita. Assim a tua esmola ficará oculta e teu pai que vê o que tu fazes em secreto, te dará o prêmio”.

Allan Kardec, no livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo XIII, item 3, faz um comentário sobre esse assunto, quando diz: “Qual será a recompensa daquele que faz o beneficiário sentir o peso da dádiva, que lhe impõe de qualquer modo os testemunhos do reconhecimento e lhe faz notar a sua posição ao exaltar o valor dos sacrifícios que se impôs por ele? Oh, para esse nem mesmo há recompensa na Terra, pois que está privado da infável satisfação

de ouvir abençoar-lhe o nome, e nisso vai o começo do castigo ao seu orgulho, as lágrimas que ele estanca em proveito de sua vaidade, em vez de subirem ao céu, recaem sobre o coração do aflito e o ulceram-no. O bem que ele pratica não o aproveita porque o lança no rosto, e o bem assim prestado é moeda falsa e coberta por zinabre”.

Tivemos conhecimento de uma história sobre a vaidade apresentada no livro “E, para o Resto da Vida”, de Wallace Leal V. Rodrigues, que descrevia um casal de irmãos, a menina com cerca de sete anos e o menino com nove anos de idade, que estando na escola alcançaram as notas mais altas da classe. Assim, perceberam estar intelectualmente acima da média, de forma que não perdendo tempo ao fazer com que os seus companheiros de brincadeiras tivessem o conhecimento sobre isso, de maneira insistente, numa demonstração de ostentação de sua vaidade.

Certo dia, o pai das crianças tendo percebido essa manifestação de grandeza com relação a outras crianças, pegou uma bola que se utiliza na decoração de festas infantis e a encheu até o volume de uma cabeça, dizendo-lhes que a bola representava a cabeça de um menino chamado João, dando início a história desse menino, mostrando uma sucessão de feitos extraordinários.

Cada vez que João fazia uma coisa magnífica, o pai das crianças soprava um pouco colocando o ar dentro da bola. Assim esta, que representava a cabeça do menino, foi crescendo, chegando a tais proporções que as crianças pouco a pouco foram recuando-se dela pressentindo o seu estouro.

De repente o pai das crianças finalizou a história no ponto onde João parecia não suportar mais nada.

O progenitor então disse às crianças: “Não parece ser divertido estar perto de João, que está tão cheio de si, por ter uma cabeça tão grande e um cérebro enorme.”

As crianças então entenderam porque os seus amigos tinham se afastado delas, quando numa associação com a história, o pai lhes falou que eles estavam tornando-se orgulhosos e cheios de vaidade, tendo ficado com a cabeça tão grande que os colegas temeram o momento do estouro que seria bastante desagradável.

Passado alguns anos, o casal de irmãos ao praticar uma ação envaidecedora lembra-se da história do João e preservam-se de ficar com a “cabeça grande” e se considerarem “cérebros”.

A vaidade realmente é um sentimento que, se descontrolado, leva o homem pelo caminho mostrado até aqui, que aliada ao orgulho e a soberba, transparece-se pelas suas atitudes com relação aos outros. Esse tipo de vaidade, deve ser transformado pela reforma interior do ser humano, a partir da humildade na ação de compreender o próximo.

Quanto à vaidade por ostentação, o que parece ser mais construtivo é que ela não seja eliminada do ser humano, mas utilizada de maneira adequada e controlada para que este possa progredir, mostrando o melhor de si, valorizando,

sim, tudo o que faz, mas de maneira positiva, de forma ordenada com o objetivo, não desejando ser melhor que o próximo, mas servindo de exemplo para que o outro caminhe junto numa demonstração de que o homem aprende com quem sabe mais e ensina ao que conhece menos.

## 13 - A LUXÚRIA GERANDO A EMOÇÃO DE INTENSO DESEJO AOS PRAZERES CARNAIS

A luxúria, de acordo com o conceito encontrado em várias correntes, é um vício que se traduz por um sentimento de emoção, onde o indivíduo tem um intenso desejo pelo corpo, apegando-se aos prazeres carnis, trazendo como consequência a corrupção dos costumes, que o pode levar à promiscuidade.

A luxúria também pode ser identificada pela vontade desenfreada de apego ao luxo e a riqueza, onde o ser humano deslumbra-se pela fascinação do que pode conquistar, fazendo uma mistura entre o poder e a libertinagem, provocando em si um encantamento, terminando por se corromper em relação aos seus valores morais, onde passa a prostituir-se, podendo acarretar várias consequências que vão desde a prática do aborto à exposição a doenças sexualmente transmissíveis.

Todo esse conflito pode trazer uma deterioração de seu corpo e o desequilíbrio de sua mente, gerando desde a depressão até outras doenças mentais mais profundas.

A prática do sexo para algumas pessoas parece ser uma coisa suja, para outras um coisa errada, mas na verdade o sexo é um processo de troca de energias entre as pessoas. Dessa forma o sexo deve ser praticado com afeto e uma relativa seriedade, uma vez que há corresponsabilidade entre as partes,

requerendo certa maturidade nos dois. Se o sexo for praticado apenas como desejo carnal, torna-se uma manifestação do instinto animal sobrevivente em cada um, trazendo uma intercomunicação com energias pesadas.

O desejo sexual extravagante prende o homem à matéria, tornando-se uma dificuldade conciliar o desejo carnal à elevação espiritual. O corpo material é sensível ao prazer e à dor, e claro, faz parte do livre arbítrio o homem dosar a sua sexualidade. O que se pode observar é que o exagero prejudica o ser humano em sua trajetória evolutiva, devendo esse dosar seus atos e seus costumes. Na verdade, dentro da normalidade de suas atitudes, o ser humano pode ter uma vida sexual equilibrada, e em paralelo, cuidar de sua reforma interior.

Há um tempo, fazendo uma visita a uma comunidade junto com um grupo fraterno, para prestar assistência a pessoas carentes do local, pedimos licença e entramos em uma modesta casa que tinha apenas um cômodo e falamos com a moradora, que era uma pessoa bastante maltratada e doente.

Conversando algum tempo com ela, disse-nos que já tinha sido rica. Ficamos curiosos e quisemos saber um pouco mais sobre a história da sua vida. Contou-nos que quando era mais jovem, jamais cogitou a possibilidade de se apaixonar. Seu objetivo era se casar com um homem muito rico, que lhe desse tudo o que quisesse como jóias, roupas de grife e muitas viagens pelo mundo.

O destino pregou-lhe uma peça. Conheceu um homem maravilhoso, apaixonando-se loucamente por ele. Foi se envolvendo cada vez mais, até

descobrir que ele era uma pessoa de poucos recursos, não podendo em tempo algum lhe dar o luxo que sonhou a vida toda. Decepcionada, mesmo estando apaixonada por ele, gritou mais alto a sua vontade de riqueza, e assim com grande dificuldade afastou-se dele.

O tempo passou e ela, sendo uma pessoa bela, começou a frequentar lugares mais requintados, sempre com a esperança de encontrar o homem dos seus sonhos. Um dia a sorte sorriu-lhe, e ela conheceu um homem com relativa beleza, mas simpático, carinhoso e rico. Começaram um relacionamento que a fez esquecer de todo o antigo amor de sua vida.

Passando certo tempo de namoro, veio o pedido de casamento e junto com este as joias, as roupas de grife e as viagens pelo mundo, passando a ter uma vida de muito luxo.

Tudo parecia desencadear-se para um final feliz. Mas aconteceu que com a facilidade da riqueza, ela deslumbrou-se passando a corromper-se em sua vida, desvirtuando os seus valores morais.

Passou a viver uma vida de libidinidade, pervertendo a sua relação por infidelidade, o que acarretou no término de seu casamento, prostituindo-se por meio de desregramentos sexuais, que lhe trouxeram a deterioração de seu corpo e intempéries da própria vida, adoecendo em função da depressão causada pelo desequilíbrio em sua vida, chegando a extrema pobreza onde ela, naquele momento, na pobre casa da comunidade, terminava de nos contar a sua história.

Pode-se então entender que a luxúria, sendo um vício que tem como característica o desejo desenfreado da prática do sexo, promove o desregramento do indivíduo, levando-o à ausência de valores morais, trazendo uma depreciação de seu corpo e da sua pessoa como ser humano, podendo ser restaurado por meio da reforma íntima provocada pela dor de seus sentimentos mais nobres, promovendo uma modificação mais profunda na estrutura de sua vida, pela mudança de conduta perante a sua existência material e espiritual.

## 14 - A CORRUPÇÃO COMO ATO DE OFERENDA PARA OBTENÇÃO DE VANTAGEM PARA SI

A corrupção, em consonância com o que é dito por pessoas entendidas no assunto, é a ação de corromper ou ser corrompido, ao dar ou oferecer alguma coisa com o intuito de obter vantagens em uma negociação, por meio do favorecimento a uma pessoa ou uma instituição, em detrimento do prejuízo de outrem.

A ação de corromper pode também ser entendida como o desvirtuamento de uma ou mais pessoas, tendo como resultado o suborno, com a intenção à troca de benefícios de interesses mútuos.

Nessa ação, pode ser identificada a pessoa que faz a corrupção como aquela que oferece a proposta do ato ilícito, tendo como meta o seu benefício, de seus amigos ou de sua família, em prejuízo de outras pessoas, podendo por isso estar infringindo as leis da sociedade.

O indivíduo que é corrompido é aquele que muitas vezes, sem ter a noção de sua ação, aceita corromper-se, mesmo sabendo que o seu desvirtuamento é ilegal e o faz em troca de um benefício, até dinheiro ou algo que venha a satisfazê-lo.

Há pessoas que se tornam coniventes com a corrupção no momento em que sabem de tudo o que está acontecendo, mas não fazem nada para evitá-la, onde muitas vezes favorecem aquele que está corrompendo, e o corrompido, sem

ganhar nada por causa disso.

Muitas vezes as pessoas, sem terem o conhecimento do que estão fazendo, executam ordens de seus superiores que podem favorecer ações de corrupção, tornando-se irresponsáveis pelos seus atos, sem terem a ideia de que estão cometendo um ato ilegal. E isto é mais comum do que se pensa.

A corrupção é mais antiga do que se imagina, onde na Bíblia no Antigo Testamento, em Deuteronômio, capítulo 16, versículos 18 a 20, Moisés disse para o seu povo: “Estabelecerás juízes e magistrados nas tribos, em todas as cidades que o Senhor, teu Deus, te houver dado, para que julguem o povo com justiça”.

“Não deturpes o direito, não faças discriminação de pessoas, nem aceites suborno, pois o suborno cega os olhos dos sábios e corrompe as palavras dos justos. Segue estritamente a justiça e, assim viverás e possuirás a terra que o Senhor, teu Deus, te dá”.

Em Ezequiel, capítulo 22, versículo 12, é dito: “Em ti há quem aceite suborno para derramar sangue. Cobras juros com usura, exploras o próximo com extorsões e te esqueces de mim, diz O Senhor, teu Deus”.

E em Deuteronômio, capítulo 25, versículos 13 a 16, Moisés conclui sobre a honestidade quando diz: “Não terás na bolsa dois pesos, um grande e um pequeno. Não terás em casa dois tipos de medida, uma grande e uma pequena. Deverás ter pesos exatos e justos, medidas precisas e certas para que vivas

longos anos sobre a terra que o Senhor, teu Deus, te dá. Pois é abominável para Ele, quem faz tais coisas e quem comete tal injustiça”.

Hoje ao ver-se a corrupção, percebe-se que a sociedade acostumou-se a corromper e desvirtuar-se da honestidade, fazendo disso um hábito, em que algumas pessoas criam dificuldades para oferecer facilidades e este é o grande segredo daquele que corrompe, atingindo os extremos sociais, que vão desde a dor da penúria até a paixão pela riqueza. Toda essa ação é produzida, valendo-se da fraqueza moral de algumas pessoas que são persuadidas por aqueles que a assediam, tendo a finalidade de as subornar. Adulteram muitas vezes o seu conceito moral acabando por desvirtuá-las em função de instrumentos ou ambientes permissíveis e ações degenerativas, trazendo modificações em seu caráter, tornando-as presas fáceis dos detentores de corrompimento.

As pessoas que se envolvem em corrupção ficam sujeitas aos escândalos produzidos pela descoberta da ação corruptiva, acarretando uma diversidade de consequências, desde a sua desmoralização frente à sociedade, até o ponto de ter que se entender com a justiça humana, por intermédio da ilegalidade que assumiu.

A Bíblia, no Novo Testamento, em Mateus, capítulo 18, versículo 7, discorre sobre a questão com a fala de Jesus: “Ai do mundo por causa dos escândalos! Não pode deixar de haver escândalos; mas ai daquele por quem vier o escândalo!

Allan Kardec no livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo VIII,

itens 14 e 15, comentou esta passagem da Bíblia dizendo ser necessário o escândalo, porque os homens, estando em expiação na Terra, punem-se por si mesmos ao contato dos vícios, de que são as primeiras vítimas, e cujos inconvenientes acabam por compreender. Quando estiverem fatigados de sofrer o mal, buscarão o remédio no bem. A reação destes vícios serve simultaneamente de castigo para uns e prova para outros. Assim é que Deus faz do próprio mal surgir o bem, e com que os homens colham proveito ao utilizarem-se das coisas más.

Concluiu Allan Kardec que se assim é, poderá se dizer que o mal é necessário e durará para sempre, pois se desaparecesse, Deus ficaria privado de um meio de castigar os culpados pelo que se torna inconveniente melhorar os homens. Mas quando não houver mais culposos não haverá mais necessidade de castigos. Supondo-se a humanidade transformada em pessoas de bem: ninguém então procurará fazer mal ao seu próximo e todos serão felizes porque serão bons.

Os homens corruptos desviam-se do bem quando pensam em levar vantagem sobre o seu próximo, visando o seu próprio lucro, e o fazem pela sua fraqueza moral, omitindo-se de afetos verdadeiros, que trazem como consequência, revezes que lhe propiciam uma deterioração de suas vidas, por meio de prejuízos financeiros inesperados, atitudes que os levam a uma decadência na sociedade, e em alguns casos, sofrem as penalidades impostas pela justiça da sociedade por meio de seus atos desonestos.

Ao se compeetrarem do mal que fizeram a outros, ou até à uma sociedade, passam finalmente, ainda nessa, ou na próxima existência terrena, a respeitar nos seus semelhantes, todos os direitos concedidos pelas leis da natureza da mesma forma que gostariam que fossem respeitados os seus; a praticar atos que os levem a busca incessante do bem comum e a aprenderem a sacrificar o interesse pessoal em prol do seu semelhante de modo desinteressado, sem esperar recompensas.

## 15 - A PROSTITUIÇÃO COMO TROCA CONSCIENTE DO ATO SEXUAL POR UMA REMUNERAÇÃO

Segundo pesquisadores sobre o assunto, a prostituição é definida por uma troca de favores de ordem sexual não afetiva, realizada em grande parte por uma negociação monetária ou por interesses múltiplos com a relação sexual em troca do favorecimento profissional ou por bens materiais. A prostituição é também caracterizada pela venda do corpo, por meio da exibição, seja em fotos ou filmes das partes íntimas de uma pessoa.

A prostituição é praticada de forma geral por mulheres, e em número menor por homens, sendo reprovada em diversas sociedades em função do seu desvirtuamento moral e da facilitação da promiscuidade pela possível disseminação de doenças sexualmente transmissíveis.

A prostituição entre homens e mulheres é antiga, remontando-se ao início das civilizações mais organizadas, por volta de 4.000 anos a.C., aparecendo algumas formas de prostituição nas civilizações da Mesopotâmia e do Egito. Também na civilização grega como paisagem cotidiana, sendo uma prática controlada pelo estado. Foi severamente punida pela cultura judaica.

Bem mais à frente, com o advento da Revolução Industrial, houve um crescimento na prostituição, onde as mulheres tiveram de enfrentar condições

desiguais de trabalho, de certa forma desumanas em relação aos homens, passando a prostituir-se em troca de favores de melhores condições de vida.

Nos últimos anos, grande parte da Europa tem adotado medidas para a legalização da prostituição. Em alguns países ela é legalizada. Nos Estados Unidos a prostituição é ilegal em grande parte do seu território. No Brasil, a prostituição adulta torna-se uma normalidade, já que não existe uma lei contra ela, e ilegal com relação à incitação pública do ato sexual e à pessoas que utilizam da prostituição infantil se aproveitando de menores para satisfazer a sua sexualidade.

A prostituição de menores acontece nas camadas sociais mais pobres de grandes cidades, principalmente no norte e no nordeste do Brasil, mas é mais caracterizada nas regiões mais isoladas onde os principais motivos que levam esses menores a se prostituir, são os fatores econômicos e a falta de escolaridade básica, fazendo com que essas crianças ou adolescentes pratiquem essa atividade sexual como uma solução temporária, muitas vezes com o consentimento dos pais, na espera de melhores oportunidades em um trabalho regular.

O tráfico de mulheres, homens e homossexuais, instigando a prostituição de pessoas, tem sido uma grande problemática, onde alguns países têm feito avanços consideráveis, no que se refere a leis mais rígidas contra o tráfico sexual interno e internacional, que tem tido um relativo aumento, principalmente entre o Brasil e alguns países europeus, envolvendo pessoas entre 18 e 21 anos de idade.

Observa-se um crescimento de agências que promovem o encontro com garotas de programa, onde por meio desse mercado de prostituição, transitam jovens de todas as classes sociais. No caso das prostitutas de luxo, a discrição se torna fundamental, já que muitas delas têm formação universitária e conversam em mais de um idioma, tornando-se boas profissionais para acompanhar executivos e empresários em recepções e festas, com o intuito de noites agradáveis e prazerosas. Essas jovens muitas vezes vêm de famílias boas, de classe média alta, que agem assim pela vontade de serem mais independentes, possuidoras de suas próprias economias, na finalidade de uma vida de luxo e mordomia.

Na verdade, o que acontece é que quando o ser humano negocia o seu corpo por dinheiro ou qualquer favorecimento que venha a ser recompensado pela sua ação, ele se desvaloriza com relação ao seu respeito e a sua dignidade, onde momentaneamente o parceiro desse ato por estar lhe pagando, é dono de seu corpo, podendo submetê-lo à humilhação e a depravação.

Assim a pessoa que está se prostituindo vende o seu corpo como se estivesse negociando a sua alma, pois o corpo é a moradia de seu espírito enquanto este estiver encarnado.

Ao entregar o corpo à prostituição, o ser humano deixa a sua alma exposta à fragilidade do magnetismo negativo, permitindo o acesso a uma indução perniciosa, podendo levar a sua vida à decadência, de modo que aquela que se julga uma prostituta de luxo, terá grande possibilidade de terminar a sua vida

dentro de uma realidade de infelicidade interior, decadência moral e desequilíbrio material.

Dessa forma, é imprescindível que o ser humano lute contra as suas tendências para superar o seu desvirtuamento que poderá levá-lo à prostituição.

Allan Kardec em “O Livro dos Espíritos”, questões 909 a 911, tem uma explanação dos espíritos sobre como o homem poderia vencer as más tendências pelos seus próprios esforços, quando é dito que às vezes o homem consegue vencê-las com pouco esforço; o que lhe falta é a vontade, mas poucos esforçam-se para isso.

Foi colocado também por eles que se o homem orar a Deus e ao seu espírito protetor com sinceridade, os bons espíritos certamente virão em seu auxílio para superar as suas paixões, pois essa é a sua missão. A influência deles sobre os nossos pensamentos e as nossas ações é maior do que se supõe, porque são eles que frequentemente dirigem aqueles que estão sob a sua tutela.

Concluíram os espíritos que não existem paixões vivas e irresistíveis que a vontade seja impotente para superá-las, pois o que acontece é que muitas pessoas dizem querer superá-las, mas a vontade está apenas em seus lábios. Elas querem, mas estão muito satisfeitas de que assim não seja. Quando o homem julga que não pode superar suas paixões, é que o seu espírito nelas se compraz, por consequência de sua própria inferioridade. Aquele que procura reprimi-las compreende a sua natureza espiritual; vencê-las é para ele um triunfo do espírito

sobre a matéria.

Entre algumas histórias sobre prostituição, lembramo-nos daquela onde uma jovem de 20 anos de idade, tinha uma vida de muitos relacionamentos sexuais, e devido a essa interação com as pessoas, acabou aceitando prostituir-se, sendo envolvida pelo tráfico de mulheres e enviada a certo país na Europa.

Passaram-se alguns anos, ela conseguiu uma vida de relativa estabilidade em função de seu trabalho com a prostituição, sentindo-se satisfeita com o que tinha amalhado, mas infeliz diante do que fazia. Depois de algum tempo, tornava-se repudiante lidar com pessoas que a tratavam de maneira irrepreensível, que viam na relação sexual uma ação para satisfazer os seus caprichos sem se incomodarem com o sentimento daquela que lhe proporcionou prazer.

Ao mesmo tempo era maltratada por aqueles que comandavam as suas ações. Assim conseguindo desvencilhar-se da máfia do tráfico sexual, por meio de muitas articulações, voltou para o Brasil com uma relativa quantia em dinheiro, instalando-se no Rio de Janeiro, onde passou a viver de forma cômoda, mas extraviada gastando desordenadamente tudo o que tinha ganhado, vítima do desajuste emocional, fruto da infelicidade e repúdio dos momentos vividos no outro continente, que lhe trouxeram como consequência uma depressão crônica, que arruinava a sua vida, em conjunto com a atividade sexual desregrada, vendendo-se sem retorno a uma vida normal.

Quando o desespero instalava-se em sua porta, conheceu uma pessoa que lhe

ajudou a restabelecer sua saúde mental, levando-a a uma casa religiosa, dessas que o pastor diz para levantar a mão aquele que quer a salvação. E, nesse momento, pessoas que estão alquebradas em seus sentimentos precisam que alguém lhes diga para aceitar Jesus, e estarem salvas. E, assim, a pessoa que está emocionalmente derrotada, passa a ter a esperança de sua salvação como pessoa humana. Nesse ponto existem igrejas que cumprem o seu papel com relação a tirar as pessoas de situações desequilibradas.

Passaram-se alguns anos e a jovem que, a essa altura era quase uma mulher de 40 anos, mudava de vida, procurando encontrar-se dentro de casas religiosas na qual se sentisse com mais afinidade espiritual. Descobriu uma nova maneira de viver por meio da reforma íntima que conquistou, tornando-se mais feliz e equilibrada em todas as suas ações e atitudes, passando a se sentir melhor e a gostar de viver fraternalmente entre as pessoas.

A prostituição é um mal que assola a humanidade. Se fosse boa, não traria consequências tão ruins, onde as pessoas que se prostituem vendem os seus corpos, mas pagam grandes taxas de juros em função do resultado da sua ação destruidora, motivada pela depravação, a devassidão e o desvirtuamento do ser humano, que pode permanecer por algum tempo na ignorância até chegar ao fim determinado pela providência divina e vai se esclarecer pela força dos acontecimentos.

## 16 - A CALÚNIA COMO DESONRA PELA AFIRMAÇÃO FALSA A RESPEITO DE ALGUÉM

A calúnia, de acordo com o que é encontrado nas literaturas oficiais, é a ação que consiste em atribuir de maneira falsa a alguém uma afirmação com o objetivo da desmoralização do indivíduo, ofendendo à sua honra e atentando contra à sua reputação. Em geral, esse tipo de comportamento é desencadeado pela má fé, pela intenção fraudulenta e injuriosa, e tem o objetivo de tornar alguém passível de descrédito frente à opinião pública.

O ato calunioso ocorre quando uma pessoa envolve a outra em uma mentira, provocando a difamação do outro, ferindo a sua moral e o seu ânimo e buscando levar a vítima à ruína em seus valores, frente às pessoas de seu convívio.

A calúnia é uma arma de grande potencialidade, tendo capacidade para destruir qualquer relacionamento, seja de amigos ou de namorados, por mais duradouro que este possa ser. A maior parte das pessoas já foi vítima de calúnias, tendo muitas delas ciência do quanto esta ação é tenebrosa, uma vez que é baseada em acusações falsas que têm a finalidade de desmoralizar a honra, a dignidade e o caráter da pessoa a quem é dirigida essa maledicência, por mais íntegra que seja, frente aos amigos e à pessoa com quem manteve o relacionamento amoroso.

A calúnia pode ser desmascarada com o decorrer do tempo. Normalmente

quando todos percebem que de tudo o que foi dito, nada aconteceu; Quando a vítima, pela confiança de que se conduz dentro da retidão, rebate a acusação com a verdade, superando a mentira pelo exemplo diante da pessoa que lhe difamou.

Pode-se ter uma ideia da ação da calúnia na Bíblia, no Novo Testamento, na Epístola de Tiago, capítulo 3, versículos 2 a 9, quando ele questiona por que todos falham em tantas coisas. Diz ele que, se alguém não comete falta por palavra, já é homem perfeito, capaz de governar com freio todo o corpo. Se for colocado um freio na boca dos cavalos para que sejam obedecidos, controla-se também todo o corpo deles. Pode se ver também os navios: por maiores que sejam e, mesmo agitados por ventos impetuosos, um pequenino leme os governa segundo a vontade do piloto. Assim também é a língua, embora seja um membro pequeno, gloria-se de grandes coisas. É visto como uma pequena chama, que pode incendiar uma grande floresta! Também a língua é um fogo. Como um mundo de maldade, a língua está entre os membros do corpo a contaminá-lo todo. Inflama o ciclo da existência do homem sendo atizada pelas camadas mais baixas do umbral.

Conclui Tiago que as feras, aves, répteis e animais marinhos de todas as espécies são domesticáveis e têm sido domados pela raça humana, mas ninguém é capaz de domar a língua. É um mal irrequieto e está cheia de veneno mortífero. Com ela bendizemos o Senhor nosso Deus, com ela amaldiçoamos as pessoas feitas à imagem dele.

Pode-se também observar o Velho Testamento em Provérbios, capítulo 6,

versículos 16 a 19, quando Salomão, filho de Davi diz: “Seis coisas detesta o Senhor, e uma sétima aborrece a sua alma: olhos arrogantes, língua mentirosa, mãos que derramam sangue inocente, coração que maquina iniquidades, pés correndo apressados para o mal, testemunha falsa que diz mentiras e o que semeia discórdia entre irmãos”.

No Novo Testamento, em Mateus, capítulo 7, versículos 1 e 2, Jesus disse: “Não julgueis e não sereis julgados. Pois como julgardes os outros, sereis também julgados; e a medida com que medirdes será usada para medir-vos”.

Sobre este assunto, Allan Kardec no livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo X, item 13, fez o comentário de que a crítica feita sobre a conduta de outrem pode ter dois propósitos: reprimir o mal ou desacreditar a pessoa cujos atos se criticam. Este último motivo não tem desculpa porque envolve a maledicência e a maldade. O primeiro pode ser louvável e torna-se mesmo um dever em certos casos, pois que produz um benefício, e sem isso o mal nunca seria reprimido na sociedade. Ademais, o homem deve ajudar o seu semelhante no progresso. É preciso, todavia, não tomar no sentido absoluto o princípio de que não se deve julgar se não se quiser ser julgado, pois a letra mata e o espírito vivifica.

Allan Kardec descreve duas maneiras de se criticar. Uma delas é a crítica construtiva, que citou quando disse que Jesus não podia proibir de se condenar o que fosse mau, pois que ele mesmo nos deu exemplo disso, fazendo-o em termos enérgicos, mas é preciso que a autoridade da censura esteja na razão da

autoridade moral daquele que a pronuncia.

A outra crítica pode ser percebida como uma maneira maliciosa de desmoralizar a outra pessoa, podendo essa ação ser considerada, entre outros gestos, como sendo um ato de calúnia, difamação e má fé, a qual será submetida ao julgamento mostrado por Jesus.

O que acontece é que todo o mal que uma pessoa faz a outra, por intermédio da calúnia ou da difamação, estará sujeito a cobranças, assumindo a responsabilidade de, em outro momento, arcar com as consequências de seus atos, tendo a grande possibilidade de passar por circunstâncias parecidas com aquelas que sujeitou outras pessoas.

Tivemos a oportunidade de ler uma pequena história na internet sobre a calúnia. De autoria desconhecida, o texto descrevia um indivíduo que falava demais sobre a vida alheia, de maneira maldosa e maliciosa, dando ênfase aos mais diversificados mexericos. Agia com o intuito de difamar as pessoas que conhecia o que lhe gerava certo descrédito, além da conseqüente perda da amizade dessas pessoas.

Arrependido pela grande confusão que arranhou pela sua ação, aconselhou-se com uma pessoa de sua proximidade que, ao contrário dele, era idônea, respeitável, dona de uma grande capacidade para compreender o próximo e por isso não o tinha desprezado.

Após ouvir a repreensão e o aconselhamento feitos com grande

discernimento, sendo-lhe mostrado por várias formas o mal que ele havia feito, o invencionista perguntou ao seu ‘amigo-conselheiro’, o que ele poderia fazer para consertar tanta maledicência.

O conselheiro, então, disselhe que era muito difícil a reparação de tanto mal. Para que ele pudesse entender o que lhe falava, sugeriu que fizesse a aquisição de um saco cheio de palha, caminhasse com este pela rodovia que atravessava a cidade e fosse espalhando palha por onde passasse, e no final retornasse a ele para novas instruções.

Cumprido a orientação, o invencionista procurou o seu conselheiro que então pediu-lhe que percorresse o mesmo trajeto e recolhesse todas as penas de volta ao saco. Ouvida a orientação, o invencionista retrucou ser impossível essa ação, uma vez que as penas a essa altura já teriam se espalhado por uma grande área.

Acentuou, então, o amigo conselheiro: “Foi o que aconteceu com todas as intrigas e mentiras que você falou, espalhando-se por toda a cidade, causando grandes mágoas, cobranças de retratação, humilhação e um estado negativo que trouxe a desmoralização de seu caráter perante todas as pessoas desta área”.

A calúnia, dessa maneira, torna-se um instrumento perverso, onde a crueldade pode espalhar o veneno com o ar de vitória, e o indivíduo, valendo-se das imperfeições de outros, aproveita-se para manchar a reputação do seu próximo.

O ser humano de forma geral é frágil podendo tornar-se vítima de situações

geradas pela calúnia, maledicência e a difamação. Assim, é importante que não se julgue ninguém, a não ser para ajudá-lo a conduzir-se diante da vida, no caminho de sua evolução, para que se tenha a proteção necessária em função da formação de um campo magnético positivo, para rechaçar qualquer atitude que venha a atentar a moral e a dignidade.

## 17 - A NEGLIGÊNCIA ENQUANTO INOBSERVÂNCIA EM UMA OCORRÊNCIA

A negligência, de acordo com o que pensam os estudiosos no assunto, é a condição na qual um indivíduo pode ser classificado diante a uma determinada situação, tarefa ou ocorrência, dando mostras de um estado de desleixo ou falta de zelo, pela sua atitude de desatenção ou descuido, tornando-o omissos e passivos naquilo que está fazendo.

Algumas pessoas confundem negligência com imprudência, mas na verdade esta última é a condição na qual o indivíduo age de forma perigosa e imprevidente pela falta de moderação ou precaução diante de uma ocorrência ou uma atividade que acredita estar realizando, sem causar danos para alguém, não avaliando as consequências do perigo que está expondo a si e a outras pessoas, extrapolando a sua inteligência e o seu bom senso.

Já a imperícia é a falta de habilidade que um indivíduo tem para lidar com algum assunto que precise de vivência ou qualificação técnica e prática, tornando-se assim inábil para resolver alguma ação ou executar uma tarefa que não tenha o domínio suficiente para isso.

A negligência pode estar relacionada à falta de estímulo, promovida pela indiferença do indivíduo frente a uma tarefa, ou seja, em função de um estado de ânimo baixo, desmotivado; por outro lado, pode estar relacionado também a um

estado de comodismo, no qual o indivíduo negligencia uma ação em detrimento de uma atitude em que prevalece o seu bem-estar, o seu conforto ou a sua satisfação.

A negligência é mais comum do que se pode pensar, visto que na família, muitas vezes, os pais negligenciam os seus filhos, deixando de lhes dar a atenção de que precisam. Profissionais de várias áreas muitas vezes negligenciam o bom desempenho de suas profissões. Na área da saúde observamos diagnósticos mal feitos, imprecisos, , gerando muitas vezes o agravamento do quadro do paciente, podendo inclusive levá-lo à morte.

Em todas as atividades da vida são encontradas atitudes que levam o ser humano a negligenciar as suas tarefas ou as suas ações, em uma diversidade de lugares e de todos os modos possíveis.

No livro “Alvorada Cristã”, psicografado por Francisco Cândido Xavier, Neio Lúcio conta uma história sobre o servidor negligente, em que este chegou a porta de uma grande carpintaria com sua caixa de ferramentas nas costas a procura de emprego. Disse Neio Lúcio que o rapaz, parecendo humilde e educado, foi atendido de imediato pelo diretor da instituição, perguntando-lhe se tinha algum serviço que pudesse lhe favorecer. O chefe da casa disse-lhe que havia muitas tarefas a serem feitas. O rapaz que estava desesperado a procura de emprego, interessado, clamou, explicando que seus pais necessitavam de amparo e que tinha batido em vão à porta de várias oficinas, sem nenhum êxito. O diretor, calmo, acentuou que ali trabalho não faltava.

Continua Neio Lúcio contando que o candidato, mostrando um sorriso de esperança, atendeu de pronto ao pedido do chefe do estabelecimento, para que mostrasse se as suas ferramentas estavam em ordem. O rapaz respondeu-lhe que sim, abrindo a caixa que trazia, mostrando as suas ferramentas: a enxó, para lavar a madeira, achava-se deformada por grande ferrugem; o serrote apresentava vários dentes quebrados; o martelo estava com o cabo quebrado; o alicate todo desconjuntado. Diversos formões estavam imperfeitos em seus gumes sem a possibilidade de uso e a poeira espessa recobria todo o interior da caixa de ferramentas.

Acrescenta Neio Lúcio que o dirigente da oficina, observando desencantado com o que via, voltou-se para o servidor dizendo-lhe que para ele não tinha qualquer trabalho. Questionando em súplica a decisão do dono do estabelecimento, o rapaz obteve o esclarecimento de que se ele não tinha cuidado suficiente com as ferramentas que lhe pertenciam, como então preservaria as máquinas da oficina, mostrando-se tão negligente com os seus utensílios de trabalho, onde deveria se sentir honrado de tê-las em bom estado para ser útil a interesses alheios. Arrematando: “Quem não zela atentamente com o “pouco” que dispõe, não é digno de receber o “muito” que pode ter”.

Neio Lúcio, em continuação à sua história, contou que o dono do estabelecimento concluiu dizendo ao servidor que ele aprenda a cuidar das coisas aparentemente sem importância, pois, pelas amostras, grandes negócios realizam-se neste mundo, e o menosprezo para consigo é indesejável mostruário

de sua indiferença perniciosa. Sendo assim, que possa aproveitar essas experiências e voltar em outro momento.

Finalizando, então, Neio Lúcio contou que assim mesmo, apesar dos apelos, o moço necessitado foi compelido a retirar-se em grande abatimento, guardando a dura lição.

Em sua conclusão, Neio Lúcio advertiu que assim também acontece no caminho comum. Quem deseja o corpo iluminado e glorioso na espiritualidade, além da morte, precisa cuidar respeitosamente de seu corpo físico. Quem aspira à companhia de espíritos bons, precisa mostrar boas maneiras, boas palavras e boas ações. Quem espera a colheita de alegrias no futuro, deve aproveitar a hora presente na sementeira do bem. E quantos sonharem com um céu esplendoroso, que façam o seu caminho de elevação na sua estada pela Terra.

Tendo-se a ciência de que a negligência pode prejudicar os resultados esperados, diante da educação na construção de uma família ou no desenvolvimento preciso do estudo, podendo também acontecer o mesmo no aprimoramento da execução de um trabalho, ou na elaboração de qualquer empreendimento, é necessário que as pessoas possam estar atentas a todas as suas ações.

O que acontece é que tudo isso traz como consequência diversos problemas de ordem doméstica, educacional, profissional ou de qualquer tipo de atividade, onde as pessoas tem que ter um acompanhamento constante em suas tarefas,

podendo usufruir de bons exemplos, conselhos sensatos, aproveitando-se sempre de recomendações efetivas, respeitando as advertências bem intencionadas, tendo sempre em mente a remoção de obstáculos, para conseguirem a condição de construir o melhor caminho no processo educativo, diante da negligência.

## 18 - A PREGUIÇA, A OCIOSIDADE E A APATIA COMO VÍCIOS DE DESMOTIVAÇÃO DO SER HUMANO

Diante do que se fala e o que se pesquisa sobre a preguiça, pode-se chegar à definição de se tratar de um vício em que o indivíduo tem aversão ao trabalho, apresenta lentidão para praticar atividades e uma grande indisposição para pensar sobre qualquer coisa, sentir a emoção de um acontecimento ou agir na modificação de uma atitude, protelando a ação de todos esses elementos para serem executados em outro momento, sob o pretexto de driblar a solução do assunto a ele relacionado.

A característica básica do sentimento da preguiça é encontrada de forma geral em pessoas que desqualificando os problemas vivenciados por elas, acabam adiando compromissos, retardando decisões, ou desistindo muitas vezes de projetos que poderiam trazer-lhes mudanças em suas vidas pela possibilidade de soluções.

A preguiça é encontrada também em simples afazeres rotineiros, onde o indivíduo compromete o resultado desejado, tendo como desculpa a indisponibilidade de tempo para executá-los, ou transfere a sua ação para ser realizada outro dia, mas o que acontece na verdade é a tentativa de ocultação de certa segurança, prejudicando a sua própria capacidade de ação.

Essas pessoas agarram-se a um sentimento de desânimo, que, em geral, facilita o esquecimento da tarefa que deveria ser executada, com a finalidade de fuga perante o enfrentamento da parte que lhes cabe realizar, como se estivessem sentindo-se imobilizadas diante de seus atos e suas atitudes, desenvolvendo um desleixo em torno de si, uma indiferença de tudo o que acontece ao seu redor, criando um desmazelamento para consigo.

É importante lembrar que os efeitos adversos de um estado de preguiça prolongado, pode levar o indivíduo ao sedentarismo, trazendo de início a obesidade, e posteriormente se complicar, por meio de problemas cardiovasculares, diabetes, degenerações neurológicas ou até reumatismos, entre outras doenças.

Assim, o estado de preguiça leva o indivíduo a desenvolver a ociosidade, que é o hábito da desocupação, tornando-o inativo, não executando nenhuma ação produtiva, deixando tudo como está. A consequência desse quadro de inércia, é a deterioração da sua proeza individual, onde esse indivíduo torna-se solitário, que é um estado em que ele passa a ter uma profunda sensação de vazio e de isolamento, na espera de que alguma coisa aconteça.

A partir de então, o indivíduo passa a ter certa apatia, ocasionada pela falta de emoção ou até de motivação, desenvolvendo um desleixo em torno de si, uma indiferença de tudo o que acontece ao seu redor, criando um desmazelamento para consigo, podendo ser vítima de um transtorno depressivo, caracterizado pela perda de prazer em todas as suas atividades, ocorrendo uma diminuição na

sua capacidade de raciocinar adequadamente, perdendo a sua concentração, não conseguindo por isso tomar decisões.

Outra característica da depressão é a lentidão de suas ações, a fadiga, passando a ter uma sensação de fraqueza por todo o corpo. Há também alterações no sono, por meio da insônia, bem como a hipersonolência, estado de apatia completa em que o indivíduo abandona-se e se deixa ficar na cama sem a menor vontade de se levantar.

Na atualidade, a psiquiatria descobriu que a depressão está relacionada a um desequilíbrio em determinadas substâncias químicas presentes no cérebro do ser humano. A prescrição certa de medicamentos antidepressivos restabelece os níveis dessas substâncias, de forma que as pessoas, livres da depressão, ficam mais fortes para enfrentar a apatia na qual estão aprisionadas, lutar por melhores valores para derrubarem a ociosidade, e assim, modificar as suas atitudes e vencer a preguiça que as assola.

Na Bíblia, no Velho Testamento, em Provérbios, capítulo 6, versículos 6 a 11, Salomão fala sobre a preguiça ao fazer a seguinte colocação: “Vai ver a formiga, ó preguiçoso, observa o seu proceder e torna-te sábio! Ela, que não tem chefe, nem fiscal, nem soberano, no verão prepara seu alimento, ajunta sua comida no tempo da colheita. Até quando dormirás, ó preguiçoso, quando te levantarás do teu sono? Um pouco dormir, outro pouco cochilar, e mais um pouco cruzar as mãos para descansar, e tua miséria virá como um andarilho e tua indignância, qual homem armado”.

Allan Kardec no “Livro dos Espíritos”, capítulo III do Livro Terceiro, questões 674 a 676, tem uma elucidação dos espíritos sobre a necessidade do trabalho, ao dizerem que o trabalho é uma lei natural, sendo por isso uma necessidade. A civilização obriga o homem a trabalhar mais, porque aumenta as suas necessidades e os seus prazeres.

Continuaram eles que o trabalho não é só uma ocupação material, porque o espírito também trabalha, como o corpo. Toda a ocupação útil é um trabalho. Este é imposto ao homem como consequência da sua natureza corpórea. É uma expiação e ao mesmo tempo um meio de aperfeiçoar a sua inteligência. Sem o trabalho, o homem permaneceria na infância intelectual; eis porque ele não deve a sua alimentação, a sua segurança e o seu bem-estar senão ao seu trabalho e à sua atividade. Ao que é de físico Franzini, Deus concedeu a inteligência, para compensar; mas há sempre trabalho.

Nas questões 679 e 680 do mesmo capítulo, eles dizem que o homem que possui bens suficientes para sua existência, talvez esteja liberto da lei do trabalho material, mas não da obrigação de se tornar útil na proporção dos seus meios, de aperfeiçoar a sua inteligência ou a dos outros, o que também é um trabalho. Se o homem a quem Deus concedeu bens suficientes para assegurar sua subsistência, não está obrigado a comer o pão com o suor da fronte, a obrigação de ser útil a seus semelhantes é tanto maior para ele, quanto a parte que lhe coube por adiantamento lhe der maior lazer para fazer o bem.

No capítulo I do mesmo livro, na questão 643, os espíritos disseram para

terminar o assunto sobre a necessidade do trabalho, que não há ninguém que não possa fazer o bem: somente o egoísta não encontra jamais a ocasião de praticá-lo. É suficiente estar-se em relação a outros homens, para se poder fazer o bem, e cada dia da vida oferece essa possibilidade a quem quer que não seja cego pelo egoísmo; porque fazer o bem não é apenas ser caridoso, mas ser útil na medida do possível, sempre que o auxílio se faça necessário.

Pode-se perceber pelos esclarecimentos dos espíritos, que o trabalho constante e com uma dose de persistência e certa disciplina, auxilia o homem a conquistar os seus objetivos na construção de um futuro mais promissor, na busca de realização de seus ideais de ser útil ao próximo, derrubando, assim, esse hábito senão, o vício da preguiça, causadora de tanta insatisfação e inatividade ao ser humano.

Contaram-nos uma vez uma história sobre a preguiça. Dizia que um moço era tão preguiçoso que quando nasceu nem chorou. E se pudesse falar, teria dito: “Não choro não! Deixa pra depois.” O fato é que a culpa não foi da criança. O pai tinha feito pouco caso quando ele estava nascendo, quando a parteira lhe disse: “Não cruze as pernas, moço. Isso não é de bom agouro! Atrasa o nascimento da criança, e ela pode crescer manhosa e preguiçosa”.

De fato, o que a parteira falou, cumpriu-se. O menino cresceu com uma aversão ao trabalho e com uma frouxidão bem caracterizada como uma grande preguiça para fazer qualquer coisa. Fugia da roça e era indiferente ao estudo.

Morando num pequeno sítio da família, não plantava nada. Por causa dessa ociosidade, o mato foi crescendo em volta da casa, e ele já não tinha mais o que comer. Tanta inatividade e desleixo por causa de sua apatia, levou-o a passar extrema necessidade, precisando pedir a seu vizinho, que também era seu compadre, que o enterrasse vivo. O outro, inicialmente não queria atendê-lo nesse estranho pedido, mas o roceiro que tinha pouca cultura, com medo do dito popular: “quem negar um desejo a uma pessoa que lhe pede com insistência, tem sete anos de azar”, resolveu atender.

Assim, organizou o cortejo do preguiçoso que foi carregado em um caixão aberto, com a sua cabritinha de estimação nos braços. Passando diante do cortejo o fazendeiro mais rico da pequena cidade, este tirou o chapéu em respeito à solenidade, perguntando a todos: “Quem é que vai aí? Que Deus o tenha!” O vizinho respondeu-lhe: “Deus ainda não o tem. O moço está vivo!”.

O fazendeiro tendo sido informado que tudo aquilo foi porque o moço não tinha mais o que comer, ofereceu-lhe cinco sacas de arroz e cinco sacas de batata. O preguiçoso ouvindo a oferta levantou a aba do seu chapéu, espichou o pescoço para fora do caixão e perguntou ao dono da fazenda: “Responda, seu moço, uma coisa: esse arroz está escolhidinho e limpinho, e a batata está descascada e fritinha?” Disse o fazendeiro: “Tá não!”. Então para surpresa de todos que ali estavam, o preguiçoso num tom de desprezo, abaixou a aba de seu chapéu e completou: “Compadre, prossiga o enterro!”.

O que pode ser entendido sobre a preguiça que conduz a ociosidade gerando

a apatia, é que o indivíduo que está envolvido por estes vícios de sentimento, pode não estar se adaptando ao meio em que vive, uma vez que a sociedade faz grandes exigências a determinadas posturas, ações e atitudes perante o trabalho, o estudo e os deveres sociais e morais. E o que vai, na verdade, determinar o sucesso de uma pessoa, é a capacidade de conciliar as suas necessidades às demandas do meio em que frequenta.

Assim, o indivíduo que está envolvido com a preguiça, tem que ter força suficiente dentro de si, além da ajuda de pessoas com quem possa contar, e o auxílio psiquiátrico em casos mais extremos, podendo, por isso, entender melhor as circunstâncias em que se encontra, traçando com a ajuda de amigos os seus objetivos, no intuito de alcançar o equilíbrio desejado.

Isso pode ocorrer por meio de uma vida mais saudável, mudanças de hábito e um entrosamento com pessoas que possam trazer uma motivação, em que o indivíduo consiga um melhor sentido para sua vida.

Superar a preguiça, a ociosidade e a apatia por meio da reforma interior, da revisão de seus valores, é primordial para que a pessoa possa sentir-se útil ao próximo, conciliando a vontade de fazer o bem.

# 19 - A GULA ENQUANTO DESEJO DESCONTROLADO DO CONSUMO DE ALIMENTOS

A gula, de acordo com literaturas que descrevem este vício, é o desejo insaciável que um indivíduo acometido dessa destemperança tem de consumir comestíveis de forma compulsiva, a qualquer hora, seja de dia ou de noite, denotando uma condição de ingestão anormal de alimentos que podem ser prejudiciais à sua saúde.

São vários os fatores que podem despertar o vício da gula. Os principais têm fundamento na emoção do indivíduo, sendo produzidos por um estado de ansiedade duradouro, de tristeza ou mesmo depressão gerada pelo descontrole de sentimentos. A gula também pode ocorrer pelo excesso de alegria e até de prazer, ocasionados por momentos ociosos, onde o indivíduo passa a ter vontade de comer por não ter mais o que fazer.

O que torna fácil as pessoas serem sugestionadas a comer mais, dando mais ênfase ao desenvolvimento da gula, é que o paladar humano tem grande preferência à alimentação gordurosa, bem como a uma dosagem excessiva de açúcar e um tempero com mais sal. Na antiguidade, o homem necessitava de muitas calorias em função de seu corpo ser mais rude e, assim, realizar mais atividades físicas do que intelectuais, sendo a fome uma ameaça constante. Hoje,

o indivíduo enfrenta a abundância de calorias com certa facilidade, diante de uma vida sedentária. E isso é um prato feito para alimentar o vício da gula, a obesidade e as doenças cardiovasculares.

Muitas pessoas, preocupadas com a obesidade e com doenças oriundas desse estado, tem procurado fazer atividades físicas e dietas adequadas. Estes controles alimentares foram alvo de uma pesquisa feita no final de 2011 na Universidade de Cambridge, na Inglaterra, onde os pesquisadores chegaram a conclusão de que uma dieta balanceada, consiste em ingerir os diferentes grupos alimentícios na quantidade certa. Dessa forma, há um equilíbrio que ajuda a manter as funções dos órgãos e o peso ideal.

Muitas pessoas tornam-se obesas pelo desregramento em sua alimentação, em função da gula. No entanto, há outras que nascem com propensão à obesidade e tentam fazer diferentes regimes alimentares, mas não conseguem emagrecer.

Um trabalho científico apresentado por pesquisadores norte americanos em 2012, trouxe indicadores de que a obesidade é facilitada por um tipo de célula nervosa produzida excessivamente no hipotálamo, a qual dificulta a perda de peso, mesmo mediante dietas e prática de atividades físicas. É possível que no futuro sejam desenvolvidas técnicas inibitórias da neurogênese hipotalâmica, que poderão ajudar essas pessoas reféns dos neurônios da obesidade.

O vício da gula, entre outras coisas, pode apresentar-se como uma síndrome

da alimentação noturna, que é um desequilíbrio misto que ocorre em transtornos do sono e do humor, onde o indivíduo ingere durante esse tempo mais da metade das calorias, que teria feito nas 24 horas anteriores. Esse processo pode ocorrer durante o dia, mas a noite se dá de maneira automática, onde algumas pessoas, no dia seguinte, não se lembram do ataque que fizeram à geladeira.

É importante o ser humano ter em mente que a imprudência e a ociosidade são responsáveis por uma diversidade de enfermidades, como desastres circulatórios, entre outros, provenientes do vício da gula. A gula enquanto prática excessiva facilita a influencia de espíritos viciosos, apegados a emoções de satisfação de suas necessidades, provocando uma alimentação desenfreada, desequilibrada e insaciável.

Allan Kardec no “O Livro dos Espíritos”, Livro Terceiro, capítulo V, questões 716 e 723, traz uma elucidação dos espíritos sobre o limite necessário para a organização do homem, quando lhe disseram que a natureza traçou o limite, mas o homem é insaciável e os vícios alteraram a sua constituição e criaram para ele necessidades artificiais.

Em outro momento, disseram que a alimentação animal para o homem não é contrária à lei natural, já que na sua constituição física a carne nutre a carne, pois do contrário o homem perece. A lei de conservação impõe ao homem o dever de conservar as suas energias e a sua saúde, para poder cumprir a lei do trabalho. Ele deve alimentar-se, portanto, segundo o exige a sua organização.

Mais adiante no Livro Quarto, capítulo II, questão 964, ao perguntar aos espíritos se Deus tem a necessidade de se ocupar de cada um de nossos atos, para nos recompensar ou para nos punir, tem deles o esclarecimento de que Deus tem as suas leis, que regulam todas as ações dos homens. Se forem violadas, a culpa será deles. Sem dúvida, quando um homem comete um excesso, Deus não profere um julgamento contra ele, dizendo-lhe, por exemplo, “Tu és um glutão e eu vou te punir”. Mas ele traçou um limite: as doenças e por vezes a morte são consequências dos excessos. Eis a reação: ela resulta da infração da lei. Assim se passa em tudo.

Em consonância com os ensinamentos de Gregório Magno considerado santo pela Igreja Católica, é dito o seguinte com relação à gula: “O vício da gula nos tenta de cinco maneiras: às vezes adiantamos a hora de comer, antecipando a necessidade; outras vezes, buscamos pratos mais refinados; outras vezes desejamos alimentos preparados com mais esmero; outras ainda exageramos na quantidade da comida; outras vezes, enfim, pecamos pela própria veracidade de um apetite sem limite.”(SUMA TEOLÓGICA DE TOMAS DE AQUINO, SÉCULO 13).

Certa vez, em visita ao restaurante de um amigo, estávamos conversando sobre os temperos, as comidas e os tipos de guloseimas que eram produzidos naquele local, quando ele, falando sobre algumas pessoas que exageravam nos seus pedidos ao repetirem alguns tipos de refeições, lembrou-se de uma história sobre a gula, onde uma mulher recordando a sua infância, disse ser uma criança

que nunca foi magra, fazendo o seu primeiro regime aos cinco anos de idade, chegando a tomar vários remédios. Mesmo assim foi engordando a cada fase da sua vida, perdendo o controle com a separação dos pais, onde teve que assumir os cuidados com a casa e tomar conta de seus irmãos menores, ficando sem tempo para cuidar de si. O resultado foi o ganho de alguns quilos.

O hábito de comer muito fez com que ela em vez de colocar no prato apenas o que necessitava para satisfazer a sua fome, exagerava na quantidade e não resistia ao beliscar o que sobrava na mesa ou então repetia a refeição. Nas vezes em que percebia que estava comendo demais, conseguia fechar a boca imediatamente ou passava a comer longe de outras pessoas, para que não fosse reparada em sua gula.

Essa maneira de lidar com a sua alimentação, denotou que estava se tornando vítima de um transtorno alimentar, ou seja, compulsão por comida, e nesse momento, ao se sujeitar a episódios, mesmo que esporádicos de gula, passou a encarar as suas consequências, buscando ajuda para restaurar o equilíbrio de sua alimentação.

A partir de então, resolveu mudar. Não apenas o corpo, mas também a sua cabeça. Assim, passou a se transformar em outra pessoa. Talvez uma pessoa que sempre quis ser. Decidiu que faria tudo naturalmente por meio da psicoterapia, reeducação alimentar e os exercícios físicos, onde passou a sentir alegria de subir na balança e ver o seu peso despencar, perdendo roupas que não mais lhe cabiam, sentir o prazer dos elogios que lhe faziam e saborear com satisfação

cada refeição que fazia naturalmente, tornando-se imensamente feliz por ter conseguido aquilo que mais tinha desejado na vida: vencer esse grande vício da gula.

Na verdade, o que acontece é que o ser humano ao desenvolver a temperança de seus hábitos, o faz de modo a evitar e combater o desejo da alimentação desenfreada, estabelecendo o equilíbrio ideal e não prejudicial. Assim, ele pode ter certeza de que o consumo alimentar, de forma descontrolada, torna-se muito perigoso para quem tem este vício, podendo perceber que a luta por combatê-lo por meio do controle de sua mente, pelo equilíbrio de sua alimentação e pela rotina da atividade física, são decisões fundamentais que o ser humano deve ter para o sucesso de se tornar uma pessoa saudável e de bem com a vida.

## 20 - A FÉ ENQUANTO CONFIANÇA EM UMA IDEIA OU RELIGIÃO

A fé, segundo as pessoas que conhecem bem o seu significado, é a confiança depositada numa ideia ou em uma crença, que traz a convicção e a certeza da realização de alguma coisa esperada ou a concretização de um fato improvável.

O indivíduo pode nutrir um sentimento de fé em relação a outro, como também pode tê-lo por um objeto inanimado. Também pode acreditar em uma ideologia com grande assentimento, ou nutrir um sentimento de lealdade e confiabilidade diante de um pensamento filosófico, entre outras coisas.

A fé pode manifestar-se por uma convicção a questões emocionais, gerando sentimentos de esperança a causas nobres ou situações envolvidas pelo egoísmo, sendo assim, uma atitude contrária à dúvida, onde o indivíduo tem a confiança de uma mudança de teor positivo, trazendo a esperança de melhoria para a conclusão de um determinado acontecimento.

A fé tem grande importância para as pessoas, já que permite que elas tenham a consolação diante dos momentos difíceis, podendo desenvolver a coragem para enfrentá-los e a resignação para saber esperar o melhor resultado diante dos desígnios da vida.

A fé sincera e verdadeira permite ao homem crer nos resultados esperados, trazendo a serenidade e a paciência necessárias, e, conseqüentemente, a calma

tão desejada na condução da vida, apoiada na inteligência e na compreensão, com a certeza de atingir o objetivo pretendido.

Quando a fé é de teor emocional, não sendo devidamente avaliada racionalmente, traz certa instabilidade e alguma fragilidade, pois o indivíduo de fé cega deixa de buscar a compreensão daquilo que acredita, não tendo assim a confiabilidade necessária, acabando por aceitar uma ideia ou uma crença sem a menor indagação ou fazer algum questionamento.

Na Bíblia, no Novo testamento, em Mateus, capítulo 17, versículos 14 a 20, é dito, elucidando a pouca fé dos discípulos que, Jesus, voltando do monte onde tinha se transfigurado, chegando até o povo que ali estava, vivenciou a súplica de um homem que se aproximou dele e de joelhos suplicava-lhe: “Senhor, tem piedade do meu filho! Ele é epilético e tem ataques tão fortes que muitas vezes chega a cair no fogo ou na água. Apresentei-o a seus discípulos, mas eles não foram capazes de curá-lo”. Jesus respondeu: “O gente incrédula e perversa! Até quando deverei ficar convosco? Até quando terei de suportar-vos? Trazei-o aqui”. Jesus esconjurou o demônio que saiu do menino, e na mesma hora ele ficou curado. Então os discípulos chegaram perto de Jesus e, em particular, lhe perguntaram: “Por que nós não pudemos expulsar este demônio?”. Ele respondeu: “Por causa de vossa pouca fé. Eu vos garanto: Se tivésseis uma fé do tamanho de um grão de mostarda, diríeis a este monte: sai daqui para ali e ele iria, e nada vos seria impossível”.

Segundo Leon Denis, a fé é a confiança da criatura em seus destinos, é o

sentimento que a eleva a infinita potestade, e a certeza de estar no caminho que vai à verdade. A fé cega é como o farol cujo vermelho clarão não pode transpassar o nevoeiro; a fé esclarecida é o foco elétrico que ilumina com brilhante luz a estrada a percorrer.

Allan Kardec no livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo XIX, item 2, diz que ao próprio bom senso é certo que a confiança nas próprias forças nos torna capazes de executar coisas materiais que não poderíamos realizar quando duvidássemos de nós mesmos; mas no caso vertente as palavras devem ser entendidas unicamente no sentido moral. As montanhas que a fé remove são as dificuldades, as relutâncias, a malquerença, em suma, o que se mantiver entre os homens, ainda mesmo que se trate das melhores coisas. Os preconceitos de rotina, o interesse material, o egoísmo, a cegueira do fanatismo, as tendências do orgulho, são outras tantas montanhas que barram o caminho a quem quer que queira trabalhar pelo progresso da humanidade. A fé transmite a perseverança, a energia e os recursos capazes de vencer os maiores obstáculos nas pequenas e grandes coisas. A fé vacilante gera a incerteza, a hesitação de que se aproveitam aqueles contra quem se deseja lutar, daí resultando que o homem não insiste nos meios de vencer porque não crê poder alcançá-lo.

No mesmo capítulo, item 12, um espírito protetor, foi assim como se identificou, deu uma instrução sobre a fé, dizendo ser este um sentimento inato no homem, sobre os seus destinos futuros. É a consciência que ele tem das imensas faculdades, cujo germe traz consigo, em estado latente em princípio, e

que tem de fazer desabrochar e crescer sob a sua vontade ativa.

Esclareceu que a fé é humana ou divina, segundo a aplicação que o homem der das suas faculdades às coisas terrenas ou as suas aspirações celestiais e futuras. O homem de gênio, que persevera na realização de qualquer grande empreitada, vence quando tem fé por sentir dentro de si que pode e deve algo acontecer, e essa certeza imprime-lhe imensa força. O homem de bem que, crente no futuro celestial, quer enriquecer a sua vida com ações belas e nobilitantes, vai buscar na fé, certo da felicidade que o aguarda, a fortaleza precisa, e com esse poder se verificam milagres de devotamento e abnegação. Enfim ao influxo da fé nenhum mau pensamento existe que não se possa expurgar.

Certa vez, nos contaram uma história sobre a fé bastante inteligente. Ela falava de um homem incrédulo ao extremo que estando em presença de um monge que era seu amigo, perguntou-lhe em tom de certa insolência: “Sempre falas de Deus. Que ele é a justiça perfeita, a bondade infinita, tendo uma imensa compaixão por todos nós. Tens provas de sua existência?”.

Confiante e paciente, o monge apontou para o sol e lhe disse: “Sabes o que é aquilo no céu?”.

Respondeu-lhe o moço: “Sim, é o sol”.

O monge então retrucou-lhe: “Sabes o que o sol produz?”. E o cético então lhe disse entusiasmado: “A luz!”.

“Como sabes que é uma luz?” – perguntou-lhe o monge.

Respondeu-lhe num ar de inteligência: “Eu a vejo, não a compreendo, mas não tenho necessidade de provas para isso”.

Esclareceu então o monge: “Assim se dá com a existência de Deus. Eu o vejo em meu interior pelas minhas ações e atitudes, e vejo-o no exterior pelas suas obras, onde está contida toda a natureza que nos cerca”.

“Observa tudo a sua volta e verás que tanto o homem quanto a natureza foram feitos por Deus, que é a energia suprema de todo o universo a comandar todas as ações de uma imensidão de galáxias, de astros e planetas, e os homens que neles habitam”.

O incrédulo suspendeu as sobrancelhas como se nada tivesse entendido e retirou-se do local sem nunca mais perguntar ao monge sobre as provas da existência de Deus.

Segundo Allan Kardec, a fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão face a face em todas as épocas da humanidade.

Assim, o ser humano ao trabalhar a reforma de seu interior pode acreditar na fé de conseguir suplantar qualquer obstáculo, pelo magnetismo positivo que cria em torno de si, realizando tudo aquilo que quiser por sua perseverança para chegar ao seu ideal de vida.

Ter fé não é acreditar no impossível, mas naquilo que tem grande probabilidade de acontecer de maneira natural, dentro de um senso, onde o

resultado pode não ser aquele esperado, mas sim o necessário para a recuperação e restauração do ser humano como pessoa e como espírito.

## 21 - A RESIGNAÇÃO COMO CAPACIDADE DE SUPPORTAR DETERMINADAS SITUAÇÕES

Em concordância com o que se encontra nas literaturas, a resignação é a ação onde um indivíduo se submete, mesmo não concordando, a alguma coisa ou a um sentimento, abdicando a sua vontade de maneira passiva, em detrimento de uma situação familiar, profissional ou religiosa.

É também o ato em que a pessoa resignada renuncia a um comportamento ou a uma atitude em prol da vontade de uma religião, experimentando uma situação sem a intenção de fazer mudanças, aceitando pacificamente o sofrimento e as amarguras gerados pela dor que a vida lhe oferece.

Apesar deste conceito, ao se analisar outras literaturas, pode-se entender que a resignação não é a aceitação dos acontecimentos por acomodação, nem por ignorância, muito menos por medo de alguma coisa que se ache inevitável, como a vontade de Deus.

Tudo acontece em consonância com os desígnios de Deus, mas o que tem de ser entendido, é que a resignação é, antes, a compreensão de que determinadas situações vividas, são, de alguma forma, necessárias ao desenvolvimento intelectual, moral e espiritual da pessoa, ou ainda decorrentes de suas atitudes perante esta vida ou de existências anteriores, podendo ser superadas com paciência. Mas essas pessoas podem se tornar ativas e conscientes daquilo do

que devem fazer para minimizar o sofrimento e as amarguras no decorrer dos acontecimentos desafortunados.

Diante da resignação, o indivíduo deve inicialmente agir com paciência, pois é esse o sentimento responsável pelo controle emocional, que conduz o indivíduo ao equilíbrio, e ao desenvolvimento da capacidade de perseverar diante de uma determinada atividade, sabendo aguardar o momento propício para alguma atitude, em paz, alcançando a compreensão sobre aquilo que está ocorrendo em sua vida.

Na Bíblia, no Novo Testamento, em Mateus, capítulo 5, versículos 1 a 12, é dito que Jesus, ao ver aquela multidão, subiu ao monte. Quando sentou-se, os discípulos se aproximaram dele. Tomou a palavra e começou a ensinar. “Felizes os que têm espírito de pobre, porque deles é o reino dos céus. Bem aventurados os aflitos, porque serão consolados. Felizes os mansos, porque possuirão a terra. Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão a misericórdia. Felizes os puros de coração, porque verão a Deus. Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus. Felizes os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados sereis quando vos insultarem e perseguirem e, por minha causa, disserem todo o tipo de calúnia contra vós. Alegrai-vos e exultai, porque grande será a vossa recompensa nos céus. Foi assim que perseguiram os profetas antes de vós”.

No livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo V, item 12, Allan

Kardec dá um esclarecimento sobre os motivos da resignação, onde diz que pelas palavras: bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados; Jesus inculca a um tempo a compensação que aguarda aqueles que sofrem e a resignação que torna benemérito o sofrimento como prelúdio da cura.

Diz ele que estas palavras podem também ser assim traduzidas: “Deveis vos considerar felizes por sofrerdes, porque as vossas dores aqui são dívidas das vossas faltas passadas, e essas dores, quando padecidas pacientemente, vos poupam séculos de amarguras na vida futura. Deveis, portanto, julgar-vos ditos por Deus reduzir a vossa dívida com vos, permitindo pagá-la presentemente – o que vos assegura a tranquilidade no futuro”.

Acrescenta Allan Kardec que tal é o sentido da máxima: “Bem-aventurados os aflitos porque serão consolados”. Bem ditos são esses porque se quitam e ficam liberados; mas se, quitando-se tudo de um lado, contraem nova dívida do outro, nunca se alcançará a libertação. Ora, cada nova infração aumenta a dívida, pois que não há uma só, qualquer que seja ela, que não arraste consigo a punição fatal e inevitável. Se não for hoje, sê-lo a amanhã, não sendo nesta vida, há de ser em outra. No meio dessas infrações deve-se colocar em primeiro plano a insubmissão à vontade de Deus. Pois, quem se lastima nas aflições e não aceita com resignação e como coisa que deve merecer, se acusa Deus de injusto, contrai uma nova dívida, que faz perder o benefício que se poderia retirar do sofrimento; daí seria preciso recomeçar tal como se a um credor que o atormentasse por conta, e em cada dia contraísse novo empréstimo.

Em “O Livro dos Espíritos”, Livro Segundo, capítulo IX, questão 532, Allan Kardec tem um esclarecimento da espiritualidade sobre o poder dos espíritos em desviar os males de certas pessoas, atraindo para elas a prosperidade, quando lhe disseram que não o podem fazer inteiramente, porque há males que pertencem aos desígnios da providência; mas minoram os males dessas pessoas, dando-lhes a paciência e a resignação. Mas depende frequentemente delas desviar esses males ou pelo menos atenuá-los. Deus deu a todos a inteligência para que seja utilizada, e é sobretudo por meio dela que os espíritos os socorrem, sugerindo pensamentos favoráveis. Porém, eles não assistem senão aos que sabem assistir a si mesmos. É esse o significado das palavras: “Buscai e achareis, bateis e se vos abrirem”.

No livro “O Evangelho segundo o Espiritismo”, capítulo IX, item 8, na instrução dos espíritos, Lázaro diz que a doutrina de Jesus ensina em toda a parte a obediência e a resignação – duas virtudes companheiras da doçura, bem militantes, conquanto os homens as confundam erroneamente com a negação do sentimento e da vontade. A obediência é o consenso da razão, a resignação, o consenso do coração. Ambas são forças ativas, pois trazem o fardo das provas, que a revolta insensatamente atira ao chão. O covarde não pode ser resignado, assim como o orgulhoso e o egoísta não podem ser obedientes. Jesus foi a encarnação dessas virtudes desprezadas pela antiguidade materializada. Ele veio no momento em que a sociedade romana perecia no afrouxamento da corrupção. Veio fazer sobressair, no seio da humanidade sucumbida, os triunfos do

sacrifício e da renúncia carnal.

Lembramo-nos de uma história que se passara há mais de cinquenta anos, quando ainda éramos jovens. Um conhecido trabalhava como taxista em um ponto ao lado de nossa residência em Niterói. Ele morava próximo dali, e pelo que nos contava, tinha uma vida feliz ao lado de sua esposa e de seus dois filhos - uma moça de dezesseis anos e um rapaz de dezoito.

Certo dia, domingo, enquanto o pai ficava no ponto de taxi, a família foi assistir a um espetáculo no Gran Circus Norte-Americano que havia se instalado na cidade há poucos dias. Algumas horas depois, tomamos conhecimento de que o circo estava pegando fogo. Muitas pessoas estavam desesperadas em vista de seus familiares terem ido ao circo naquele horário.

Foi uma grande tragédia. Contou-se entre pessoas mortas e feridas, que depois também faleceram, mais de 500 pessoas. A esposa e os dois filhos do taxista estavam nessa lista. O homem ficou desesperado, porque há poucas horas tinha uma linda família e depois se viu sozinho em sua casa, desesperançado pela vida, ficando transtornado pelo infortúnio que se instalou em seu lar.

O tempo passou, ele muito abatido e decepcionado com a vida pelo acontecido, passou a ser confortado por muitos amigos. Assim foi aos poucos se reanimando, e a partir de uma grande dose de resignação diante do ocorrido, começou a trabalhar pelo bem, oferecendo assistência a um grupo de amigos e também a pessoas desconhecidas necessitadas, no sentido de apaziguar o seu

sofrimento por tão grande perda, no caminhar de sua existência. Em paralelo, continuou o seu trabalho como taxista.

Mudamo-nos daquele bairro, de modo que ficamos um bom tempo sem ver o taxista. Certa vez, quando resolvemos visitar amigos próximos à antiga residência, encontramos o antigo taxista, que, a essa altura, comandava uma pequena frota de táxis. Fiquei sabendo por ele que com o decorrer do tempo, trabalhando em uma casa de assistência, conheceu uma mulher que era viúva, casando-se com ela, e vejam só, ela era mãe de uma moça de vinte e três anos e um rapaz que contava vinte e cinco anos.

O mais incrível é que moravam todos na antiga casa do taxista, que recuperou tudo que havia perdido com paciência, resignação e amor ao próximo, mostrando que o homem está submetido a sua expiação, mas uma vez tendo resgatado a sua falta de outra existência, por meio dos desígnios de Deus e à sua vontade, pode restaurar toda a sua vida e viver feliz até o final de seus dias na Terra.

O que se observa, é que o ser humano cultivando a paciência e a resignação, acaba por desenvolver a tolerância e a prudência, aprendendo a compreender e passar a fazer caridade, onde ao lidar com aquele que tem necessidade, muitas vezes, sem o querer, aprende como deve agir para se tornar melhor.

## 22 - A HUMILDADE NO ATO DE RECONHECIMENTO DOS ERROS E FRAQUEZAS

A humildade, segundo o que se fala entre as classes acadêmicas e religiosas, é a qualidade do indivíduo de reconhecer as suas próprias limitações, tendo ciência de suas fraquezas, passando a agir em consonância com essa consciência. É a virtude onde as pessoas procuram manter-se no mesmo nível de outras em termos de respeito, cordialidade e dignidade, demonstrando um teor de simplicidade e honestidade.

As pessoas possuidoras da virtude da humildade tem melhor percepção dos seus direitos e de tudo o que faz, como também assume a sua obrigação perante as situações que se colocam a sua frente, reconhecendo a sua responsabilidade ao aceitar os seus erros, e a sua culpa sem resistir às consequências de seus atos.

Algumas pessoas têm como certo que ser humilde é ser modesto. Mas o que se tem sobre isso é que, enquanto a humildade condiciona o ser humano a viver de igual para igual e a ter o mesmo valor do que aquele com quem lida, a modéstia faz com que ele trate as próprias qualidades, sejam elas de características pessoais, de conhecimento intelectual ou de condição moral, sem exibicionismo para com outras pessoas.

Pelo que se pode perceber até aqui é importante ressaltar que ser humilde não é rebaixar-se a outras pessoas, nem se apresentar menor do que elas em seus

valores como ser humano. No entanto, algumas vezes, há pessoas que misturam a humildade com a modéstia ao se dirigirem a outras pessoas, ou mesmo conduzem-se perante elas, passando a impressão de inferioridade, mas na verdade escondem uma faceta de vaidade e orgulho, onde formam dentro de si a ideia de que têm mais valor do que aqueles com o qual estão lidando. Normalmente essas pessoas designam-se por “Minimus”, mas o que ocorre é que se apresentam dessa forma para mostrar que são possuidores de uma virtude que não têm.

Na verdade, a humildade é a virtude onde o ser humano se conduz com simplicidade, disponibiliza-se para servir com satisfação, tem sempre o bom senso de que não sabe tudo, e a consciência de que nem sempre está com a razão. Ao ouvir outras pessoas despretensiosamente, tem a oportunidade de um maior aprendizado e assim, a partir do desenvolvimento de pequenos gestos, estar aberto a novos conhecimentos em prol da humanidade.

Na Bíblia, no Novo Testamento, em Mateus, capítulo 18, versículos 1 a 5, estando Jesus em Cafarnaum, é dito que naquele momento, aproximaram-se dele os discípulos e perguntaram: “Quem será o maior no reino dos céus?”. Jesus chamou uma criança, colocou-a no meio deles e disse: “Eu vos garanto que se não vos converteres e não vos tornardes como crianças, não entrareis no reino dos céus. Quem se fizer pequeno como esta criança será o maior no reino dos céus. E quem receber uma destas crianças em meu nome, é a mim que recebe”.

Segundo Allan Kardec no livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”,

capítulo VII, item 6, o espiritismo veio sancionar a teoria pelo exemplo, mostrando a todos que os grandes no mundo espiritual são aqueles que eram pequenos na terra, e muitas vezes bem pequenos os que nela foram os maiores e mais poderosos. É que os primeiros levaram, ao morrer, o que constitui a verdadeira grandeza no céu, e que é imperecível – as virtudes, ao passo que os outros deixaram aqui o que representa a grandeza na terra – a fortuna, os títulos, a glória, a nobreza. Não possuindo outra coisa, eles chegam ao outro mundo desprovidos de tudo, como náufragos que tudo perderam, até a roupa. Só conservam o orgulho que lhes torna mais humilhante a sua nova situação, pois que veem acima deles, resplendentes de glória, aqueles mesmos a quem pisaram na Terra.

Na Bíblia, em Mateus capítulo 11, versículo 25, é dito que naquela ocasião, Jesus tomou a palavra e disse: “Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondestes estas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos”.

No mesmo capítulo do livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, item 9, Allan Kardec dá uma explicação sobre este versículo ao dizer que assim é também hoje, quanto as grandes verdades reveladas pelo espiritismo. Certos incrédulos admiram-se de que os espíritos façam tão pouco esforço por convencê-los, mas é que aqueles só se ocupam com quem busca a luz da boa fé e com humildade, de preferência aos que já creem possuir todas as luzes, parecendo julgarem que Deus deveria ser mais feliz em encaminhá-los para ele,

a fim de lhes provar a sua existência.

Por esse esclarecimento dado por Allan Kardec, lembramo-nos quando certa vez nos contaram uma história sobre a humildade, dessas que se contam em roda de amigos em que estão falando de determinados assuntos, onde um jovem, em contato com um sábio, perguntou-lhe como poderia agir diante de algumas situações que se apresentavam com relação a alguns fatos no decorrer de sua vida.

O sábio pedindo-lhe mais explicações obteve do jovem uma colocação sobre a sua não compreensão do que poderia estar errado com ele, uma vez que desde criança, na família, era o mais esforçado dos irmãos, tendo começado a trabalhar muito cedo, enquanto os outros não precisavam fazer nada. No estudo, apesar de estar sempre entre os primeiros, com os melhores resultados, os professores nunca o elogiavam, mas o faziam a outros colegas por serem mais conhecidos da turma recebendo sempre a ajuda para terem êxito nas provas. No local onde trabalhava, um colega tinha sido promovido a um cargo mais alto, mas era a ele, que ficou sendo o seu subalterno, a quem o rapaz recorria para o esclarecimento de dúvidas. A questão então era porque ele nunca foi reconhecido se sempre estava à frente de tudo o que precisava ser feito.

Escutando atentamente, o mestre com um sorriso nos lábios, fitou o jovem em seus olhos e em um tom sereno e desprendido, numa atitude de humildade, disse ao jovem:

“Na floresta, as grandes árvores são muitas das vezes aquelas esquecidas pelos lenhadores, que tiveram a oportunidade de crescer em suas bases até o limite de suas capacidades. Outras, por apresentarem madeira mais aparente, e até exuberante, são cortadas e levadas ao comércio antes mesmo que cheguem a sua plenitude.

Na vida, aquele que se exalta pelas suas capacidades, conquista a fama a curto prazo, e é estancado em seu crescimento pelo deslumbre daquele momento.

Aquele que estuda, trabalha e se importa com o seu desenvolvimento moral, sem se incomodar com o reconhecimento que podem dele fazer naquele momento, tem a oportunidade de crescer em sua capacidade, conquistando a plenitude de sua experiência no decorrer de sua vida, dentro de um conhecimento pessoal e moral, onde ninguém poderá mais ocultar a majestade de sua grandeza”.

O jovem enaltecido por tão belas palavras, agradeceu o sábio conselho, e sorridente, partiu resolvido a agir de forma a não precisar ser reconhecido em suas atividades, mostrando uma grande atitude de humildade.

Como se pode ver, a humildade é uma virtude que não carece de exibicionismo ou de reconhecimento pelas outras pessoas, das qualidades que o ser humano possa ter. No entanto, não significa que este deve ser submisso ou subserviente, que é um estado onde a pessoa cumpre regras ou ordens de

maneira humilhante em atendimento à vontade de outras.

É necessário, no entanto, que o homem lute para não ficar presunçoso, domine a ostentação e derrube a teimosia, para que por meio da simplicidade possa tranquilizar a sua vida na busca incessante dessa virtude nobilitável que é a humildade.

## 23 - A TOLERÂNCIA COMO CAPACIDADE DE ACEITAÇÃO DE VALORES CONTRÁRIOS

A tolerância, de acordo com especialistas que estudam a matéria, é uma virtude em determinadas circunstâncias, onde o indivíduo adquire a capacidade de ouvir e aceitar valores ou atitudes diferentes daquelas que possui, sob uma diversificada quantidade de formas de entender a vida, admitindo nos outros o seu modo de pensar, agir e de se sentir, mesmo que esses sejam contrários a boa parte das opiniões ou comportamentos estabelecidos pela sociedade, em termos de normas ou valores morais.

O significado da tolerância é muito amplo. No caso em questão, será mostrado como uma virtude, ou seja, uma qualidade embasada na indulgência, que é a ação de condescendência que o ser humano pode ter para aceitar o outro da maneira como ele é, sem subjugá-lo, mas tendo a paciência de compreendê-lo e até de ajudá-lo a sair de uma situação de intolerabilidade.

Assim, pode-se dizer que a tolerância como virtude não é uma atitude de permissividade ou indiferença, mas sim uma qualidade que o ser humano passa a adquirir pelas suas experiências ao lidar com a vida, com base no respeito mútuo a pontos de vista de outras pessoas, passando a compreendê-las em suas eventuais fraquezas.

Na verdade, o ser humano é muito complacente com os desvios de sua

conduta e implacável com os dos outros, tornando-se impaciente, não dando o tempo necessário para a sua mudança. Assim, ocorre muitas vezes a discórdia entre pessoas, pela invasão dos seus direitos, pela falta de empatia ou pelo seu temperamento. O que acontece é que, em geral, as pessoas não são o que querem ser, não conseguem fazer tudo o que sonham e não têm o dom para estar onde desejam. Conhecer o seu limite e o dos outros se torna uma tarefa árdua, por isso é importante a compreensão entre os indivíduos e a habilidade que deve adquirir para saber lidar com a tolerância e aceitar as pessoas pelo valor que elas têm.

Na Bíblia, no Novo testamento, em Mateus, capítulo 7, versículos 3 a 5, Jesus disse ao povo: “Por que olhas o cisco no olho de teu irmão e não vês a trave no teu? Como ousas dizer ao teu irmão: Deixa-me tirar o cisco de teu olho quando tu próprio tens uma trave no teu? Hipócrita! Retira primeiro a trave do teu olho, e então enxergarás bem para tirar o cisco do olho do teu irmão”.

Allan Kardec no livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo X, item 10, comentando o texto da Bíblia, disse que uma das manias da humanidade é distinguir o mal de outrem antes de ver o seu. Para se julgar a alguém, é preciso olhar-se num espelho, transportar-se de qualquer forma para fora de si, e considerar-se como outra pessoa, perguntando a si mesmo: “Que pensaria eu se visse qualquer pessoa fazer isto que eu faço?”. É incontestável o orgulho que leva o homem a dissimular os seus próprios defeitos no sentido moral e físico.

No mesmo capítulo, item 18, nas instruções dos espíritos, o bispo de Nevers, deu o seu parecer sobre a indulgência, orientando os homens a serem severos

com eles próprios e indulgentes com as fraquezas alheias. Esclarecendo que esta é ainda uma das práticas da caridade que poucas pessoas observam. Disse também que todos têm mais pendores a vencer, defeitos a corrigir e hábitos a modificar. Acrescentou que todos suportam um fardo mais ou menos pesado a aliviar para que possam subir no cume da montanha do progresso. Dizendo isso, questionou por que os homens são tão clarividentes com o próximo e tão cegos consigo mesmos, e quando cessarão de distinguir no olho de seu irmão o arqueiro que os molestava, sem notar nos seus olhos a trave que lhes cega e que os faz andar de queda em queda.

No livro “Alvorada Cristã”, psicografado por Francisco Cândido Xavier, Neio Lúcio conta uma história sobre a indulgência, descrevendo que em determinado dia, um ex-funcionário revoltado criou um poderoso e longo pensamento de ódio, colocando-o em uma carta rude e mal criada, mandando-a para o chefe da oficina de que fora despedido.

Disse Neio Lúcio que o pensamento foi vazado em forma de ameaças cruéis. E quando o diretor do serviço leu o conteúdo da carta com frases ingratas e demolidoras, pegou-o desprevenido no próprio coração. Furioso ao encontrar o subchefe da oficina, desfechou-lhe a bomba mortal que trazia consigo. Este se tornou neurastênico sem dar motivo. Na hora do almoço, já em casa, descarregou na esposa o perigoso dardo intangível. A mulher passou a asilar no peito a odienta vibração em forma de cólera inexplicável. Encaminhou-se para a jovem empregada que se incumbia do serviço, desabafou com palavras

indesejáveis, inoculando-lhe no coração o estilete invisível.

Em continuidade a história, acrescenta Neio Lúcio que a serviçal, uma pobre menina, acercou-se de um velho cão dorminhoco e paciente, transferindo-lhe o veneno imponderável num pontapé de largas proporções. O animal ganindo, disparou, tocado pela energia mortífera, mordendo a senhora de um proprietário vizinho que, enfurecida, possuída pela força maléfica, em gritaria desesperada, foi conduzida a certa farmácia, dando-se pressa em transferir ao enfermeiro que a socorria a vibração amaldiçoada por meio de xingamentos e uma bofetada em seu rosto.

Conta Neio Lúcio que o rapaz prestativo, de calmo que era, converteu-se em verdadeira fera, revidando os golpes recebidos com observações ásperas, saindo alucinado para a residência onde sua velha e devotada mãe o esperava para a refeição da tarde, esbravejando com ela, pronunciou nomes terríveis. Blasfemou. Gritou, colérico qual louco.

Acrescentou Neio Lúcio que a velhinha, porém, longe de agastar-se, tomou-lhe as mãos e disse-lhe com naturalidade e brandura palavras de carinho, reconhecendo que ele tinha razão para lamentar-se, mas que tivesse bom ânimo lembrando-se de Jesus. Abraçando-o comovida, afagou-lhe os cabelos.

Concluiu Neio Lúcio que o filho demorou-se a contemplar-lhe os olhos serenos e reconheceu que havia no carinho materno tanto perdão e tanto entendimento que começou a chorar, pedindo-lhe desculpas, havendo então entre

os dois uma explosão de íntimas alegrias. Jantaram felizes e oraram em sinal de reconhecimento a Deus.

Neio Lúcio finaliza a história dizendo que a projeção destrutiva do ódio morrera, afinal, ali dentro do lar humilde, diante da força infalível e sublime do amor.

Percebeu-se então que a mãe do jovem enfermeiro, a partir de uma dose de tolerância e indulgência, derrubou a energia negativa transportada desde o início, por meio da grande atitude de compreender, perdoar e amar.

Assim pode-se compreender que o sentimento da tolerância é uma consequência do ato da compreensão, onde o homem, exercitando essa virtude, terá a oportunidade de aprender, evoluir, passando a cultivar a amizade de outras pessoas.

Todo esse aprendizado pode ser desenvolvido, evitando-se comentários deprimentes sobre outras pessoas, aceitando as suas reações sem por isso condená-las, podendo afastar-se de ressentimentos, mágoas ou remorsos provocados por desamores que alguma pessoa possa lhe estar trazendo.

Por outro lado, a pessoa possuidora da capacidade de tolerância, pode encorajar outras, compartilhando as experiências vividas em situações parecidas com aquelas que estão afligindo a outrem, bem como exercitando a compreensão e colocando em prática uma boa dose de bondade e indulgência.

## 24 - A PONDERAÇÃO COMO ATO DE PRUDÊNCIA E BOM SENSO DIANTE DA VIDA

Em consonância com estudiosos que pesquisam o sentido das palavras, a ponderação é o ato em que um indivíduo, antes de tomar qualquer resolução, faz uma reflexão sobre aquilo que está decidindo, podendo meditar sobre a melhor solução que deve tomar diante de alguma atitude ou de uma ação, utilizando o bom senso a partir de diretrizes interpretativas com base na prudência, precavendo-se de algum perigo ou consequências perniciosas, tomando, dessa forma, decisões que o levarão a resoluções mais sensatas.

Um indivíduo ponderado é aquele que tem a habilidade para, diante de um debate de opiniões, intermediar a disputa, trazendo a moderação por meio de um equacionamento da questão, utilizando a sensatez para equilibrar o debate com raciocínios lineares, contribuindo para a compreensão do assunto, de maneira a conseguir um entendimento racional e satisfatório a todos.

A ponderabilidade leva o ser humano a agir com base na prudência, tornando-se moderado e conduzindo sua vida de maneira sensata e com muita cautela, relutando diante de uma atitude que lhe possa trazer riscos desnecessários.

O bom senso é a capacidade intuitiva de distinguir a melhor conduta diante de questões a serem analisadas, onde o ser humano passa a tomar decisões

sensatas baseadas na sua interpretação, utilizando a sua maneira de pensar com cautela e equilíbrio.

Apesar de as literaturas formais informarem que a ponderação, prudência e bom senso têm significados parecidos, a primeira mostra uma habilidade para moderar um pensamento ou uma atitude; a segunda é uma virtude que tem o poder de conter uma ação inesperada das pessoas por meio da cautela em relação ao ato, e o terceiro é a capacidade de distinção entre o certo e o errado por meio do juízo de uma ação, um pensamento ou uma atitude. Na verdade, todas passam a ter o mesmo significado diante da reflexão que as pessoas fazem em relação às suas atitudes perante situações que têm de enfrentar no decorrer de suas vidas.

Diante do orgulho e da vaidade, as pessoas tornam-se imprudentes no lidar com as suas ações e atitudes perante outras pessoas. Ao fazer uma reforma em seu interior, começando por mudar a sua maneira de lidar com o próximo, o indivíduo torna-se mais ponderado em suas ações e atitudes, podendo aprender a compreender e perdoar. Por meio do bom senso que começa a adquirir, o ser humano passa a fazer caridade, tendo a oportunidade de tornar-se uma pessoa boa e assim sentir-se mais feliz diante do mundo ainda tão rude, onde a sua ação contribui também não só para a sua transformação, mas para a evolução do mundo que fará progredir as suas sociedades.

Na Bíblia, no Velho Testamento, em Provérbios, capítulo 2, versículos 13 a 26, Salomão fala do valor da sabedoria e do dom da prudência ao exortar que: “Feliz é quem descobre a sabedoria e adquire a inteligência! Pois com ela ganha-

se mais do que com a prata, e seu lucro é maior que o do ouro; é mais preciosa que as pérolas, e nada é mais desejável do que ela. Na mão direita ela tem longa vida; na esquerda, riquezas e honra. Seus caminhos são agradáveis, e todas as suas veredas são prósperas. É uma árvore de vida para quem nela se agarra: feliz é quem a ela se apega. O senhor fundou a Terra com sabedoria, firmou os céus com inteligência; por seu saber, abriram-se os mananciais, e as nuvens destilam orvalho”.

Continua Salomão dizendo: “Meu filho, conserva a prudência e a reflexão sem jamais perdê-las de vista! Elas serão vida para ti e um adorno para teu pescoço. Então andarás seguro no teu caminho, sem tropeçar com o teu pé. Quando te deitares, não terás pesadelos, e dormirás um sono tranquilo. Não temerás o terror imprevisto, nem a desgraça que cai sobre os ímpios, porque o Senhor estará ao teu lado e guardará teu pé da cilada”.

Sobre este assunto, estava conversando com um grupo de jovens que davam aulas de evangelização, onde um deles contou-me uma história que apresentou por diversas vezes nas aulas que ministrava para crianças e adolescentes.

Disse-me ele que em uma floresta, a altas horas da manhã, um velho leão fazia a sua caça para conseguir matar a fome. Surgiu a sua frente um pobre ratinho. O leão não se fez de rogado, correu atrás e o pegou imprensando-o com uma pata, de tão pequeno que era.

Pensou consigo: “é uma presa minúscula, mas já me serve de almoço!” O

ratinho desesperado rogou ao leão: “tenha piedade!”. E com certa habilidade ponderou pedindo para ser solto, exclamando: “de que lhe serve tirar a minha vida, já que sou tão pequeno, mal dando para lhe matar a fome!”.

O velho leão usando o bom senso pensou, pensou e lhe disse: Está bem! Vou soltar-te. Tens razão, és muito pequeno e magrinho. Para mim, que sou grande, não serves.

O ratinho, agradecendo, disse-lhe: “jamais esquecerei o seu ato. Algum dia ainda hei de retribuir-lhe!”. O grande e velho animal respondeu-lhe então: “como vais pagar-me? Nem podes contigo! De que maneira podereis interceder por mim?”. Retruca o pequeno rato: “não sei, mas tenho a convicção de que algum dia poderei fazer alguma coisa que de alguma forma lhe seja útil”. Assim, com essa conclusão, o ratinho despediu-se do leão e encaminhou-se para a sua toca e o leão seguiu o seu caminho floresta adentro.

Algum tempo depois, o ratinho ouvindo desesperados urros e indo ao local de onde vinha o barulho, constatou que o velho leão tinha caído em uma rede. Era uma armadilha feita por algum caçador com o intuito de pegar a sua presa. O animal debatia-se de raiva e pavor de maneira que quanto mais se esforçava para libertar-se, a rede o entrelaçava.

O ratinho, então, aproximou-se do leão e lhe disse: “estou aqui para salvá-lo. Fique tranquilo, vou tentar libertá-lo”. E dizendo isso começou a roer as cordas da rede, uma a uma, até abrir-se um buraco na armadilha, onde finalmente o

velho animal ficou livre”.

O leão então humildemente estendeu a sua pata em agradecimento ao pequeno rato, obtendo deste a seguinte resposta: “não precisa me agradecer. Mas observe que pela sua imprudência ao andar pela selva, você se deixou cair na rede dos caçadores. Mas pelo bom senso, pôde ponderar, deixando de se servir de mim para sua alimentação. E, assim, mesmo achando que eu não podia fazer nada para pagar pelo seu ato porque sou pequenino, pude ter a oportunidade de lhe salvar a vida e assim retribuir-lhe sua ação”.

O que se percebe, é que por meio da ponderação, as pessoas podem evitar muita confusão ao lidar com conhecidos ou amigos, diante de colegas de trabalho ou confrades que participam de sua religião ou até de outra, tratando a todos com muita cautela, utilizando certa dose de habilidade e prudência em suas palavras como nas ações, tendo sempre o bom senso para chegar a conclusão de maneira em que a sua participação perante todos, transforme-se em uma ação de fraternidade, onde as pessoas podem compreender-se, respeitando opiniões e se entender por meio da conclusão de ideias comuns a todos e, assim ter como aproveitar uma diversidade de ensinamentos, enriquecendo o seu aprendizado no decorrer da vida.

## 25 - O PERDÃO COMO ATO DE MUDAR O SENTIMENTO DE ÓDIO OU RANCOR POR ALGUÉM

O perdão visto por aqueles que estudam o seu significado é uma ação virtuosa, onde o indivíduo, a partir de uma modificação em seu interior, por intermédio de um processo mental, transforma o sentimento de ódio e o seu estado de raiva, desmanchando o ressentimento provocado pela mágoa e o rancor que existia com relação a outro indivíduo.

Popularmente, tem-se a compreensão de que perdoar é esquecer todas as ofensas e as ações provenientes do ódio e da raiva que o indivíduo nutre pelo outro. Tendo-se ciência de que as pessoas têm memória e que guardam a lembrança da maior parte das coisas que lhe acontecem na vida, certamente esquecer uma ofensa ou uma ação de ódio, é no mínimo uma atitude de indiferença para aquele que se quer perdoar.

Na verdade, o verdadeiro ato de perdoar é aquele onde a pessoa absolve o outro a partir de uma ação de indulgência, passando a ter dentro de si um entendimento para compreender aquele que lhe ofendeu, podendo ter a oportunidade de ajudá-lo no momento em que ele pode estar passando por um estado de desequilíbrio ou ser vítima de sua imperfeição diante de suas atitudes perante a vida.

O ato de compreender para perdoar o indivíduo, no entanto, não significa que ele torne-se íntimo do seu opressor. Isso tem que ser uma ação de conquista mútua onde as duas pessoas terão que dar início a um entendimento que poderá levar tempo até se tornar uma amizade ou uma renovação de relacionamento.

O fundamental é que, ao perdoar o outro, o indulgente desmantele o ressentimento trazido pela mágoa e rancor instaurados em seu coração, estando assim preparado para compreender e ajudar o outro na sua dificuldade de lidar com as pessoas.

Na Bíblia, no Novo Testamento, em Mateus, capítulo 18, versículos 12 a 14 e 21 a 22, Jesus falando aos discípulos, questionou-os: “o que vos parece? Suponhamos que um homem possua cem ovelhas e uma se extravie. Não deixará, ele, as noventa e nove ovelhas na montanha para ir buscar a ovelha que se transviou?”. E eu vos garanto que ao encontrá-la sente mais alegria por ela do que pelas noventa e nove que não se extraviaram. Assim, também, a vontade de Vosso Pai celeste é que não se perca nem um só destes pequeninos que se converteram e se tornaram como crianças.

Então se aproximou Pedro e lhe perguntou: “Senhor, quantas vezes devo perdoar ao irmão que pecar contra mim? Até sete vezes?”. Jesus lhe respondeu: “não te digo até sete vezes, mas setenta e sete vezes”.

Quando Jesus afirmou a Pedro que ele perdoasse setenta e sete vezes, estava sugerindo que perdoasse sempre, que é o que Deus faz com o homem na Terra,

quando lhe dá nova oportunidade para seu resgate.

De acordo com a Igreja Católica, tem-se a ideia de que o inferno é eterno. No conceito espírita, o umbral tem a duração de um tempo onde o homem desencarnado, que provocou muito mal na Terra, fique naquele estado de sofrimento até o seu arrependimento, onde pode ter a oportunidade de uma nova existência reparadora.

O fato de a Igreja colocar o inferno como eterno, pode ter o sentido de que, observando-se histórias contadas em alguns romances espíritas, tem-se a ideia de que quando o ser espiritual está no umbral, perde a sensação do tempo, tendo a impressão de que está ali eternamente.

A reencarnação é uma prova de que Deus sempre perdoa o homem, dando-lhe a oportunidade de uma nova existência para corrigir os seus erros. E é por isso que o espírito pode demorar a subir um degrau na sua evolução, mas jamais irá retroceder ao degrau inferior.

Em continuidade ao conceito da indulgência, pode-se dizer que a reconciliação com os seus adversários se torna importante para o homem aprender a perdoar aquele que o ofendeu, tendo em vista que este pode ser um opressor, de uma existência anterior.

Na Bíblia, em Mateus, capítulo 5, versículos 25 e 26, disse Jesus para que aquele que está em conflito, “entra logo em acordo com o seu adversário enquanto estás com ele a caminho do tribunal, para que ele não lhe entregue ao

juiz, e o juiz ao oficial de justiça, e sejas posto na cadeia”. Diz Jesus: “E eu te garanto que não sairás dali até que tenhas pago o último centavo.”

Allan Kardec no livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo X, item 6, dá um esclarecimento sobre esse assunto da Bíblia dizendo que há na prática do perdão, como na do bem em geral, mais do que o efeito moral, há também o efetivo material. A morte, sabemos-la, não nos liberta dos inimigos. Os espíritos vingativos perseguem muitas vezes com o seu ódio, no além-túmulo, aqueles contra quem conservaram rancor, e eis porque quando diz o provérbio – morto o animal, morto o veneno –, é falso quando aplicado ao homem.

Continua, relatando que o espírito negativo espera que aquele a quem deseja mal esteja encarcerado no corpo e fique menos livre, para então o atormentar mais facilmente, danificando os seus negócios ou as afeições mais caras. É preciso ver neste fato a causa da maior parte das obsessões, das que, sobretudo, apresentam maior gravidade, como a subjugação e a possessão.

Acrescenta Allan Kardec que o obsediado e o possesso são quase sempre vítimas de uma vingança, a qual provavelmente deram causa pela sua conduta. Deus o permite para puni-los do mal que fizeram, ou, se não fizeram, por não haverem sido indulgentes, nem caridosos em não se perdoarem.

Conclui então que importa, portanto, ao homem, no ponto de vista da sua tranquilidade futura, reparar bem cedo as faltas cometidas contra o próximo, perdoar a fim de extinguir antes da morte todos os motivos de dissensão ou

qualquer causa fundada em animosidade permanente.

Ao observarmos a Bíblia, nos deparamos com uma história em Mateus, capítulo 18, versículos 23 a 25, onde Jesus descreve a parábola do devedor cruel, contando a seus discípulos que, em determinado reino, um rei quis ajustar contas com os seus servos.

Ao começar a prestação de contas, apresentaram-lhe um que lhe devia uma enorme fortuna. Como não tinha como pagar-lhe, o rei ordenou para que fossem vendidos ele, a mulher, os filhos e tudo o que possuía para pagar a dívida. Desesperado, o servo prostrou-se de joelhos diante do monarca e disse: “Senhor, tem paciência comigo, farei tudo para pagar o que te devo”. O rei, compadecido daquele servo, deixou-o ir embora e lhe perdoou a dívida.

O servo, ao sair dali, encontrou um de seus companheiros de trabalho que lhe devia moedas de prata. Agarrou-o pelo pescoço e tentando sufocá-lo disse: “Paga o que me deves”. De joelhos o companheiro suplicou-lhe: “tem paciência comigo, farei tudo para te pagar o que devo”. O servo não quis escutar e mandou prendê-lo até ele pagar a dívida.

Ao verem a cena, os outros companheiros ficaram muito tristes e desapontados, foram contar ao rei o que tinha acontecido. Assim, o monarca chamou-o e lhe disse: “servo miserável, eu te perdoei toda aquela dívida porque me suplicastes. Não devias também ter compaixão do teu companheiro como tive de ti?”. Dito isto, num acesso de ira, entregou-o aos carrascos para que o

servo ingrato fosse condenado e preso até pagar toda a dívida.

Concluiu então Jesus que assim também é no reino dos céus, onde o Pai Celeste fará a mesma coisa, se cada um não perdoar o seu irmão de todo o coração.

O que se pode perceber por meio do perdão, é que aquelas pessoas onde há maior dificuldade para amar, são as que mais precisam de amor e compreensão.

A ação de perdoar não é fácil para pessoas rancorosas. Mas o que é mais difícil é conviver com a mágoa e estar envolvido pelo ressentimento gerado pelo ódio que, com certeza, adoecerá a pessoa psicologicamente e a tornará prisioneira de um sofrimento, podendo deteriorar sua vida. Por isso é de grande importância que a pessoa que nutre ódio pela outra possa compreender que para viver de bem com a vida é necessário que se liberte desse grande vício dando espaço ao perdão de todo o seu coração.

## 26 - A COMPREENSÃO COMO CAPACIDADE DE ENTENDER ATITUDES E EMOÇÕES ALHEIAS

Em conformidade com o que se tem em literaturas, a compreensão, quando direcionada ao ser humano, é a capacidade que o indivíduo pode ter de entender algo ou ter uma predisposição a aceitar, assimilar e respeitar opiniões ou atitudes de outra pessoa, podendo ajudá-la pela percepção do que está lhe acontecendo com relação a suas ações ou emoções.

A melhor forma de uma pessoa entender a outra é por meio da empatia, que é a ação na qual um indivíduo se coloca no lugar do outro, buscando ter a percepção de como ele poderia agir ou pensar se estivesse nas mesmas circunstâncias. É também a capacidade que uma pessoa pode ter de tentar perceber os sentimentos e emoções de outras.

Algumas pessoas já têm dentro de si naturalmente esta capacidade, mas de maneira geral esta é uma ação que o ser humano desenvolve conforme vai tendo uma melhor ideia da vida, passando a enxergar os assuntos de outras pessoas, como também suas atitudes, isentando-se de seu ponto de vista individual, vendo tudo de forma imparcial.

A partir de então, por intermédio da empatia, uma pessoa pode ter uma melhor compreensão em relação à outra. Por meio de gestos, sorrisos ou um olhar sereno, pode, pela simpatia, ajudá-la a conhecer-se melhor seu caráter, sua

capacidade de escuta e de reflexão sobre os seus próprios problemas, facilitando assim a sua superação. A simpatia é um sentimento que está relacionado à emoção e que une uma pessoa a outra. Em continuidade à ação de compreender o ser humano, as pessoas começam a adquirir a inteligência emocional, que é a harmonia entre a razão e a emoção, passando a construir relacionamentos saudáveis.

Na Bíblia, no Novo Testamento, em Mateus, capítulo 22, versículos 34 a 40, estando Jesus no Templo, os Fariseus souberam que ele fizera calar os saduceus e se juntaram em bloco, quando um deles, doutor da Lei, perguntou para testar: “Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?”. Jesus lhe respondeu: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, com toda a alma e com toda a mente. Este é o maior e o primeiro mandamento. Mas o segundo é semelhante a este: Amarás o próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas”.

E no capítulo 7, versículo 12, em Mateus, Jesus complementa o assunto, quando diz: “Tudo o que desejais que os outros vos façam, fazei-o também vós a eles. Pois esta é a Lei e os Profetas”.

Allan Kardec, no livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo XI, item 4, dá um esclarecimento sobre isso ao dizer que amar o próximo como a si mesmo, fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem, é a mais completa expressão da caridade, pois que resume todos os deveres para com o próximo. Não pode haver mais seguro guia a tal respeito do que tomar por molde

do que se deve fazer aos outros aquilo que para si se deseja.

Continua Allan Kardec, com assertiva colocação, ao questionar com que direito seria exigido dos semelhantes atitudes nobres, como a tolerância, a benevolência e o devotamento, se os não tivessem os outros para com eles? A prática destas máximas tende a destruir o egoísmo. Quando os homens as adotarem como regra de conduta e para a base de suas instituições, compreenderão melhor a legítima fraternidade e farão reinar entre si a paz e a justiça. Então não haverá mais ódios nem dissídios, mas a união, a concórdia e a benevolência mútuas.

Na verdade, esta maneira dos indivíduos agirem de forma empática, faz com que eles ajudem uns aos outros, e isto é um ato de solidariedade, estando relacionado ao amor, ao interesse pelo próximo e, consecutivamente, ao desenvolvimento da capacidade de ajudar.

Soubemos de uma pequena história. Um senhor já bem idoso, encontrava-se em uma cama de um hospital, nos últimos momentos de sua vida. Ao ser visitado por um grupo de jovens de uma igreja evangélica que tinham o costume de ir ao hospital prestar assistência a pessoas doentes, contou-lhes uma história de heroísmo.

Disse que há muitos anos, durante a 2ª Guerra Mundial, estava em um abrigo no meio da mata e ajudou um homem que estava ferido, dando-lhe alimento, assistência e protegendo-o dos outros do seu grupo.

Passando alguns dias, ao saírem do abrigo e chegarem a um lugar mais seguro, o homem reabilitado seguiu o seu caminho juntando-se a sua turma. Esquecendo-se de toda a boa ação que tinha sido feita para salvá-lo, entregou seu benfeitor ao inimigo, praticando assim um ato de traição.

Os jovens no hospital, interessados pelo desfecho da história, perguntaram-lhe: “mas como foi que o senhor escapou?”.

O velho em lágrimas, lastimou-se: “eu não escapei! Sou aquele que traiu o que me fez tão bem. Conto sempre essa história como se fosse eu a ajudar aquele a quem trai. Assim tenho plena compreensão e o entendimento de todo o bem que ele me fez”.

Essa história, apesar de denotar um ato pernicioso, mostra a sabedoria com relação ao que Jesus disse sobre colocar-se no lugar do outro na procura de sentir o mesmo que aquele sentiu. O que se pode perceber, é que quando o ser humano coloca-se no lugar do outro, a sua compreensão torna-se mais fácil, podendo assim desenvolver a compaixão para amenizar o sofrimento do próximo. Com isso, as pessoas na Terra podem expandir a sua capacidade de amar e entender, conseguindo analisar a vida por outro ângulo, tendo a oportunidade de se tornar sábias e experientes, fazendo uma grande modificação no seu interior pela conquista de uma posição espiritual mais elevada.

## 27 - A COMPAIXÃO COMO AÇÃO DE BUSCAR AJUDAR AQUELES PELOS QUAIS SE COMPADECE

A compaixão, como é descrita por muitos especialistas, é uma ação que transmite um sentimento de enternecimento, onde o indivíduo sente vontade e busca ajudar aqueles pelos quais se compadece, tendo por eles uma expressiva comiseração e o desejo de minorar o sofrimento deles de alguma forma, numa atitude de piedade, demonstrando um ato de condolência pelo ser humano.

Algumas pessoas fazem confusão entre o sentimento de pena e o de compaixão. Ao ter pena, o indivíduo também percebe o sofrimento alheio, mas tem a concepção de que a pessoa que sofre é incapaz de reagir diante do momento difícil pelo qual está passando, tornando-se passivo para ajudá-la a se levantar, lamentando a sua posição, a qual é percebida como inferior. Em geral, ao sentir pena, tem vontade de se sentir no lugar daquela pessoa, gerando uma sensação de humilhação e desesperança para aquele que está sofrendo.

A compaixão é um sentimento mais nobre, porque a pessoa sensibiliza-se pelo sofrimento alheio, incomodando-se por aquele que sofre, mas sem enxergar um estado de inferioridade na outra pessoa. Percebe que aquele indivíduo precisa de ajuda para recuperar-se e, pela empatia, sente-se no lugar daquele que sofre, e tenta fazer alguma coisa para que ele saia daquele sofrimento, por intermédio de

um ato de benevolência e compadecimento, no benefício de aliviar a dor e o sofrimento alheio.

Ter dentro de si o sentimento e a ação da compaixão, é sensibilizar-se pelo próximo que está em dificuldades, é importar-se com ele dividindo angústias e sofrimentos, na tentativa de fortalecer o seu espírito, dando-lhe forças para reabilitar-se e seguir o seu caminho, oferecendo-lhe a oportunidade de que o seu sofrimento transforme-se em experiência, para conduzir-se na vida.

Na Bíblia, no Novo Testamento, em Mateus, capítulo 9, versículos 35 a 38 e capítulo 10, versículo 1, é dito que Jesus percorria todas as cidades e aldeias ensinando nas Sinagogas deles, pregando o Evangelho do Reino e curando toda a enfermidade e doença. Vendo o povo, sentiu compaixão dele porque estava cansado e abatido, como ovelhas sem pastor. Então disse a seus discípulos: “a colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos. Pedi, pois, ao dono da colheita que mande trabalhadores para sua colheita”.

Assim, Jesus convocou os doze discípulos e deu-lhes poder sobre os espíritos impuros para os expulsarem e para curarem toda a enfermidade e doença.

Em Mateus, capítulo 20, versículos 29 a 34, é dito que ao saírem de Jericó, uma grande multidão seguia Jesus e os discípulos. Dois cegos, sentados à beira do caminho, ouviram que Jesus passava e começaram a gritar: “Senhor, filho de Davi, tem piedade de nós!”. Jesus parou, chamou-os e perguntou: “Que desejais que eu vos faça?”. Eles lhe disseram: “Senhor, que nossos olhos se abram”.

Compadecido, Jesus lhes tocou os olhos; eles logo começaram a ver de novo e se puseram a segui-lo.

Uma grande parte dos atos e das curas de Jesus foi gerada pela compaixão que ele teve pelas pessoas enfermas e doentes. É essa disposição que engrandece os atos de bondade e misericórdia, onde o sentimento da compaixão torna-se uma forma de amar que pode ser despertada no ser humano quando é confrontado com as pessoas que sofrem.

No livro “Responsabilidade”, psicografado por Divaldo Franco, Joanna de Ângelis dá um esclarecimento sobre o que vem a ser compaixão. Explica que este sentimento auxilia no equilíbrio psicológico, por instigar uma reflexão em torno das ocorrências que atingem a todos os transeuntes da experiência humana. É possível que esse sentimento não resolva grandes problemas, nem execute excelentes programas. Não obstante, o simples desejo de auxiliar os outros proporciona saudáveis disposições físicas e mentais, que se transformarão em recursos de socorro nas próximas oportunidades. Mediante o hábito da compaixão, o homem aprende a sacrificar os sentimentos inferiores e a abrir o coração.

Joanna prossegue explicando que pouco importa se o outro, o beneficiário pela compaixão, não valoriza, nem reconhece ou sequer venha a identificá-la. O essencial é o sentimento de edificação; o júbilo da realização por menor que seja naquele que a experimenta. Expandir esse sentimento é dar significação à vida. A compaixão está acima da emotividade desequilibrada e vazia. Ela age

enquanto a outra lamenta; realiza o socorro, na razão em que a última apenas se apieda. Quando se é capaz de participar dos sofrimentos alheios, os próprios não parecem tão importantes e significativos. Repartindo a atenção com as coisas e pessoas a nossa volta, desaparece o tempo vazio para as lamentações pessoais.

Finaliza Joanna de Ângelis concluindo que graças à compaixão, o poder de destruição humano cede lugar aos anseios da harmonia e da beleza da Terra. Assim acontece quando os homens desenvolvem o sentimento de compaixão para com o seu próximo, compadecendo-se das suas limitações e deficiências, crescendo a sua ação no rumo do grande poder.

Tivemos o conhecimento de uma história que nos foi contada sobre a compaixão. Ela fala de um senhor de idade que, estando sentado à margem de um rio, aguardava alguém que o ajudasse a atravessar em um dia de muito frio no norte dos Estados Unidos. O ancião tinha a sua grande barba coberta de gelo e o vento açoitava todo o seu corpo que se encontrava dormente e enrijecido pelo frio.

Ouvindo um trotar em sua direção, observou ansioso quando vários cavalos apareceram na curva da trilha que chegava até o rio, deixando que o primeiro passasse sem chamar-lhe atenção. Sucedeu-se o mesmo com todos os outros, menos com o último cavaleiro, que se aproximou um pouco mais de onde o velho estava parcialmente coberto de neve. Observando-o rapidamente, o ancião acenou-lhe e perguntou se poderia levá-lo em cima do cavalo para o outro lado do rio, já que não havia uma travessia para pessoas.

O cavaleiro sereno, parou o cavalo e acenou-lhe dizendo que lhe daria uma carona, mas percebendo que o velho não conseguia levantar-se, pois seu corpo encontrava-se semicongelado, ajudou, colocando-o no dorso do animal, atravessando o rio com o ancião. Consternado com a situação daquele senhor, o cavaleiro conduziu-o por mais algumas milhas até o seu destino.

Ao aproximarem-se de sua modesta casa, mas aconchegante, o cavaleiro curioso perguntou-lhe porque tinha pedido somente a ele para ajudá-lo na travessia, uma vez que fora o último a passar. O ancião, descendo do cavalo com cuidado, olhou o cavaleiro nos olhos e lhe disse: “vivi muito nessa vida. Conheci muitas pessoas, e aprendi a reconhecê-las. Olhei os olhos de todos os que passaram antes e percebi que nenhum deles condeu-se pela minha situação. Por isso não lhes pedi ajuda. Olhando nos seus olhos e no seu semblante, percebi sua bondade e a compaixão que emanava do seu olhar. A vivência ensinou-me a reconhecer pessoas bondosas com disposição a ajudar o seu semelhante nas horas de necessidade”.

Estas palavras ditas pelo ancião tocaram com profundidade o coração do cavaleiro que ficou agradecido, percebendo que o seu comportamento perante aquela situação denotava um desenvolvimento de seu espírito por meio do sentimento de compaixão pelo próximo.

O que se percebe é que a compaixão mostra-se um sentimento que deve ser exercitado por todos, inicialmente por meio da empatia, onde o ser humano sensibiliza-se pelo próximo como se estivesse sentindo o que ele está passando

naquele momento. Condói-se em um segundo estágio, promovendo a ação de ajudar o outro a sair de uma situação infeliz.

Nesse estágio, as pessoas poderão exercer a grande atividade de importar-se com o próximo, começando a deixar de lado o egoísmo que as fazem ter olhos só para si, doando-se e reservando para aqueles que sofrem ou estão infelizes um lugar em seus pensamentos, dividindo a angústia vivida por essas pessoas, com o grande objetivo de praticar a solidariedade humana.

## 28 - A FRATERNIDADE COMO AÇÃO DE VIVER EM UNIÃO PELO DESEJO DE UM MESMO PROPÓSITO

Segundo o que é encontrado nas literaturas que descrevem o seu significado, a fraternidade é a ação em que os indivíduos passam a ter uma convivência afetuosa entre eles de forma equilibrada, tornando-se agradável, e por isso podem desenvolver o amor ao próximo, formando um laço de união entre essas pessoas, construído por meio do respeito à dignidade, baseada na igualdade de seus semelhantes.

A fraternidade também é uma ação onde as pessoas podem viver em união, ligadas entre si pelos mesmos desejos, sendo adeptos de ideias semelhantes e objetivos similares, identificando-se como irmãos e conduzindo-se no percurso do mesmo caminho, seja por intermédio da família, no desenvolvimento de uma comunidade, ou na construção de uma nação.

Mas é por meio das casas religiosas e do desenvolvimento moral, com a prática da fraternidade, ao trabalharem em conjunto, que as pessoas se aprimoram e alcançam a reforma interior, buscando o próximo pela convivência no estudo e na prática de ações que permitem que todos possam compartilhar de um mesmo ideal, que é o de melhorar as suas atitudes no seu relacionamento frente aos irmãos de ideologia.

Pela ação da fraternidade, os indivíduos passam a agir unindo direitos e deveres, promovendo soluções práticas, onde todos possam ser beneficiados por direitos fundamentais que poderão ser utilizados no equilíbrio de suas necessidades globais, entre o extremo da liberdade e da igualdade, passando assim a existir uma reciprocidade nas suas relações sociais, onde todos têm direitos e deveres, sendo observado a sua conduta perante todos, o bem estar coletivo e a harmonia da relação entre aqueles que caminham juntos diante do mesmo ideal.

Para que possamos ter ideia da ação da fraternidade, lembramo-nos de uma história que ouvimos em alguns lugares onde estivemos, que falava de dois irmãos que viviam em um pequeno povoado numa cidade oriental.

Moravam cada um em uma área de terras, próximas entre elas. Tinham pequenas plantações de arroz. Chegando a época da colheita, cada qual colheu os grãos de arroz em seu respectivo sítio, ensacando e guardando no seu celeiro.

No dia seguinte, à noite, o irmão mais novo, vivendo sozinho, sentiu que o irmão tinha necessidade de uma quantidade maior de arroz, já que era casado, pai de sete filhos, os quais tinha de alimentar. Juntando algumas sacas de arroz da sua colheita, levou-as uma a uma para o celeiro de seu irmão, pensando ser justo lhe dar uma parte do que tinha conseguido.

Entretanto, na mesma noite, o irmão mais velho também juntou uma quantidade de sacas, pensando consigo mesmo que o irmão sendo sozinho, não

tinha quem lhe ajudasse na colheita. Então era mister que dividisse com ele parte de seu arroz, carregando, assim, algumas sacas para o campo do seu irmão.

Ao despertarem no outro dia, chegando cada um ao seu celeiro, tiveram a maior surpresa ao encontrarem por coincidência, exatamente a mesma quantidade de arroz que tinham colado, ambos no celeiro de cada um, na noite anterior.

Encucados sem saber o que tinha acontecido, voltaram na noite seguinte cada qual a cometer o mesmo gesto denotando uma ação fraterna entre eles. Ao se cruzarem no mesmo caminho, descobrindo que cada qual levava um saco de arroz para o outro, perceberam o que estava acontecendo.

Abraçaram-se afetuosamente, derramando lágrimas pela emoção que tiveram, alegrando-se pela maneira fraterna que bondosamente estava os unindo.

Essa história mostra que o amor fraterno começa dentro do lar entre pais e principalmente irmãos. É este exercício que praticado em casa pela afinidade de espíritos que reencarnaram na mesma família, promovem o desenvolvimento desse amor fraterno ao próximo, onde posteriormente as pessoas passam a viver em fraternidade com os seus vizinhos, seus colegas de trabalho e aqueles que lhes são próximos nas atividades pessoais e comunitárias.

Pode-se então perceber que as pessoas, por intermédio do desenvolvimento da fraternidade, ficam propensas a atrair resultados positivos quando utilizam bem suas palavras, bem como os seus pensamentos, mostrando a simpatia que

podem ter com relação às pessoas que lidam, uma vez que a ação da fraternidade pode expressar a dignidade dos indivíduos, denotando a igualdade e a liberdade que todos tendem a conquistar ao caminharem juntos a partir de um ideal, na continuidade de uma ação e na conclusão de um resultado, para chegar ao seu objetivo, que é a sua evolução e o progresso do mundo.

## 29 - A SOLIDARIEDADE COMO ATO DE SENSIBILIDADE E COMPARTILHAMENTO DO SOFRIMENTO ALHEIO

A solidariedade, de acordo com o seu significado, é uma ação em que o ser humano, a partir de uma sensibilidade que se expressa por um sentimento de bondade, passa a compartilhar aquilo que lhe pertence com outras pessoas, ajudando-as em suas dificuldades, amparando-as em seus sofrimentos ou dando-lhes apoio em seus desequilíbrios, em alguns casos identificados pela miséria que passam em momentos difíceis no decorrer da vida.

O ser humano pode ser solidário ao outro, ao caminhar junto com ele, passando-lhe seus conhecimentos, suas experiências ou até pelo exemplo de suas atividades perante a vida. Mas a solidariedade também pode expressar-se pela ajuda mútua, na troca de bagagens que cada indivíduo tem pelo aprendizado adquirido ou na experiência alcançada, pelo conforto que cada um pode dar por meio do fortalecimento de todos, na conquista de melhores resultados, na resolução de problemas de ordem material, ajudando na sua organização social e definindo a conduta de todos na melhoria de cada um.

A solidariedade pode também ser identificada como um sentimento humano global, onde muitas pessoas solidarizam-se na ocorrência de tragédias, como terremotos, maremotos ou dilúvios que trazem o infortúnio de muitas pessoas

senão de cidades inteiras. A ajuda acontece de maneira solidária pela formação de vários agrupamentos que fazem a captação de roupas, água e alimentos, que tem o objetivo de minimizar o sofrimento daqueles que são vítimas desses desastres, mostrando a grande sensibilidade que o ser humano já possui diante dessas tragédias, podendo ser percebido um estado de empatia, onde a maior parte dessas pessoas sentem a tragédia como se estivesse acontecendo com elas.

Certo dia, quando estávamos conversando sobre a solidariedade humana com um amigo, contou-nos uma história muito interessante, dando-nos mostra de como é importante este sentimento em que as pessoas interessam-se pelo bem-estar das outras.

Disse-me que um senhor estava gravemente enfermo em um quarto de hospital deitado em uma cama, impossibilitado de levantar-se em função de seu frágil estado de saúde. Alguns dias após a sua internação, outro paciente deu entrada no quarto em que o senhor estava, ficando instalado na cama próxima à janela. Era um rapaz que precisava ficar alguns dias internado no hospital para reabilitar-se de uma infecção urinária. Os dois conheceram-se e conversaram por um longo tempo. Falaram sobre diversos assuntos pessoais.

Todas as tardes o rapaz próximo à janela sentava-se em sua cama e descrevia para o enfermo que estava a seu lado tudo o que se passava na parte externa da janela, já que este não podia levantar-se. Contava para o seu companheiro de quarto que da janela avistava um lindo parque onde tinha um lago banhado pela água em um tom azulado de grande beleza. Crianças e pequenas aves banhavam-

se nas suas margens onde flutuavam minúsculas barcas de brinquedo. Vários casais de jovens caminhavam abraçados pelos caminhos do parque margeados por intensa quantidade de flores que se apresentavam numa diversificada tonalidade de cores em um equilíbrio harmônico, e ao fundo completava-se o cenário, pela linda vista da cidade, tudo descrito em seus mínimos detalhes.

O senhor que estava enfermo deitado na cama não podia ver o que era descrito, mas fechava os olhos e imaginava tudo atentamente, formando em sua mente todo o cenário daquela extraordinária beleza que era passada pelo rapaz. Assim, todos os dias o rapaz descrevia-lhe mais detalhes de tudo o que se passava fora da janela.

Alguns dias depois, o rapaz, estando melhor da infecção, recebeu alta, despedindo-se do companheiro, foi embora do hospital. O senhor que estava enfermo pediu aos enfermeiros para que o colocassem na outra cama próximo da janela, e fazendo um esforço com grande dificuldade, conseguiu apoiar-se em seus cotovelos para apreciar tudo aquilo que o rapaz descreveu.

Qual, não foi o seu espanto, ao ver que a janela do quarto dava para um grande paredão pintado de branco. Desnortado, chamou a enfermeira e lhe perguntou o que teria levado o seu companheiro de quarto a descrever coisas com tanta beleza, de tal forma maravilhosa que via do lado de fora da janela.

A enfermeira então lhe disse que o rapaz que se encontrava no quarto era cego, e assim não podia ver nem o muro, fazendo a observação ao velho enfermo

que as pessoas têm a capacidade para imaginar aquilo que querem segundo a sua sensibilidade. O que pode ter acontecido, disse ela, é que possivelmente o rapaz quis compartilhar a sensação do belo pela vontade de levar ao companheiro um sentimento de felicidade e coragem, tornando-se solidário com a enfermidade do senhor que estava ao seu lado.

É importante, assim, que se possa ter em mente que o desenvolvimento da solidariedade humana pode ser feita por todas as pessoas, pela vontade de querer o bem de todos, criando assim um pensamento em forma de teor positivo, a partir da ideia de ajudar aqueles que sofrem, amparando os que estão em dificuldades, apoiando-os por meio de ações que possam trazer o respeito e a dignidade ao ser humano.

## 30 - A PERSEVERANÇA ENQUANTO FORÇA DE VONTADE NA CONCLUSÃO DE UMA TAREFA

Em concordância com alguns estudiosos, a perseverança é uma qualidade, podendo também ser uma ação, onde o indivíduo passa a ter certa consistência no que faz, disciplinando seus atos por meio da constância, esperando com paciência resultados satisfatórios, acreditando que pode realizar pela esperança que tem para concluir com êxito aquilo que almeja.

A disciplina é uma qualidade que faz parte da perseverança, porque se torna necessário que na constância dos atos do ser humano haja ordem naquilo que faz, e para isto é preciso que ele seja rigoroso e possa respeitar e obedecer às diretrizes que lhe são impostas, na garantia do sucesso daquilo que se deseja alcançar.

A paciência é uma característica importante na perseverança, uma vez que o ser humano aprende a manter um autocontrole emocional, tornando-se calmo por um longo período, onde passa a suportar situações desagradáveis ou a lidar com problemas de difícil solução, de maneira serena, sem perder a sua concentração.

Ao ser perseverante, o ser humano acredita naquilo que está fazendo ou que vai acontecer de bom, passando a ter esperança na expectativa da realização do seu desejo ou da crença emocional de acontecimentos ou ainda nos resultados positivos relacionados à conclusão de circunstâncias satisfatórias na sua vida

pessoal..

O mais importante na perseverança é a grande força de vontade que o ser humano deve ter, manifestando-a por meio de um comprometimento com aquilo que deseja alcançar, trabalhando dentro de si aprendizados e experiências que lhe deem motivação para conduzir-se diante do empreendimento assumido, sem desistir no meio do caminho, superando, assim, todas as dificuldades para se tornar vitorioso ao final daquilo que pretende.

Soubemos de uma história que foi contada em várias reuniões de estudos de uma casa espírita, onde se falava de fé e perseverança. Essa história encontra-se no livro “Pai Nosso”, psicografado por Francisco Cândido Xavier, onde o espírito de Meimei relata que três rapazes suspiravam por encontrar Jesus, em um momento de êxtase, a fim de fazer-lhe rogativas. Após muitas orações, certo dia, trabalhando no campo, apareceu-lhes em visão o mestre Jesus. Radiante de luz, acompanhado por espíritos resplandecentes, o sublime amigo, pôs-se a ouvi-los.

Continuou Meimei dizendo que os três ajoelharam-se em lágrimas de júbilo e o primeiro implorou a Jesus que lhe desse riqueza. O Mestre bondoso determinou que um dos espíritos lhe entregasse enorme tesouro em moedas de ouro. O segundo suplicou para se tornar belo, e o Celeste Benfeitor mandou que outro espírito que estava em sua companhia lhe desse um milagroso unguento a fim de que a formosura lhe brilhasse no rosto, e o terceiro exclamou com fé: “Senhor, eu não sei escolher... Dá-me o que for justo segundo a tua bondade”. O

Mestre sorriu e recomendou a um dos espíritos que lhe entregasse uma grande bolsa. Em seguida, abençoou-os e partiu.

Segundo Meimei, o moço que recebera a bolsa abriu-a ansioso e ficou desencantado, pois ela continha simplesmente uma enorme pedra. Os outros dois companheiros ao verem aquilo, riram dele, supondo-o ludibriado, mas o jovem acreditando no Senhor, levou consigo a pedra e, chegando em sua casa, começou a desbastá-la. E o fez insistentemente, com muita perseverança, procurando alguma coisa que podia ali encontrar.

Em continuidade, Meimei contou que depois de algum tempo o rapaz chegou ao interior do bloco de pedra endurecido, deparando-se com um soberbo diamante. Com ele adquiriu uma grande fortuna. Em agradecimento a Jesus, construiu uma casa onde passou a cuidar de pessoas doentes, que encontravam ali refúgio e alívio.

Meimei continuou a história contando que o rapaz, agora já adulto, vivia feliz cuidando do seu trabalho, quando um dia dois enfermos bateram à porta. O benfeitor não teve dificuldade em reconhecê-los. Eram os dois antigos companheiros de oração, que haviam se enganado com o ouro e com a beleza. A riqueza de um tinha sido consumida e a beleza do outro havia se extinguido pela doença que ambos eram vítimas no decorrer de uma vida sem regras, vivendo até então na miséria e na desilusão.

Conclui Meimei, então, que o antigo amigo em melhores condições, acolheu-

os. Abraçaram-se, chorando de alegria, criando um ambiente propício para que o sublime Mestre aparecesse entre eles dizendo: “Bem aventurados todos aqueles que sabem aproveitar as pedras da vida, porque a fé e a perseverança no bem são os dois grandes alicerces da evolução para chegar a Deus”.

A partir de então, pode-se ter o consenso de que para ser perseverante, o ser humano deve ter um objetivo em sua vida ou uma finalidade daquilo que quer alcançar, e muitas vezes para isso as pessoas enfrentam as adversidades da vida, mas insistem apesar do caminho ser dificultoso.

A perseverança, como já foi dito, exige das pessoas disciplina, paciência, esperança e, acima de tudo, força de vontade, mas é importante que o ser humano perceba que para ser perseverante é necessário que ele tenha fé para que todas essas qualidades tornem-se fortes diante do seu ideal, na conquista do que deseja alcançar.

## 31 - O ALTRUÍSMO COMO AÇÃO ONDE AS PESSOAS DEDICAM-SE A OUTRAS DESPRETIOSAMENTE

Segundo o que é encontrado nas literaturas, o altruísmo denota um comportamento virtuoso em que algumas pessoas agem com a finalidade de beneficiar outras, doando-se para ajudá-las, dando-lhes uma atenção desinteressada, ainda que essa ação possa trazer-lhe algum tipo de desconforto ou até mesmo prejuízo para si.

O altruísmo, sendo um comportamento em que o ser humano torna-se abnegado em relação às suas ações, faz com que as pessoas sintam-se desprendidas do mundo material, libertando-se do sentimento do egoísmo, e assim deixam de pensar em si para importar-se com os outros. E esta é a diferença entre o altruísmo e a solidariedade – este último não exige sacrifício pessoal.

Como se pode ver, o altruísmo caracteriza-se pelo comportamento onde o ser humano que o tem pensa nos outros antes de pensar em si. Baseado nesse conceito pode ser visto na Bíblia, no Novo Testamento, em João capítulo 13, versículos 34 a 35, quando Jesus disse aos seus discípulos que lhes daria um novo mandamento: “Que vos amais uns aos outros. Todos saberão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”.

Em “O Livro dos Espíritos”, Livro Terceiro, capítulo I, questão 625, Allan Kardec ao perguntar aos espíritos qual o tipo de espírito mais perfeito que Deus ofereceu ao homem para lhe servir de guia e de modelo, recebeu como resposta: “Vede Jesus”.

Esclareceu Allan Kardec que Jesus é para o homem o tipo da perfeição moral a que pode aspirar à humanidade. Deus oferece a imagem de Jesus como o mais perfeito modelo, e a doutrina que ele ensinou como sendo a mais pura expressão de sua lei, porque ele estava animado do espírito divino, e foi o ser mais puro que já apareceu sobre a Terra.

Acrescentou que, se alguns dos que pretenderam instruir os homens nas leis de Deus, algumas vezes os desviaram para falsos princípios, foi por se terem deixado dominar por sentimentos demasiados terrenos, e por terem confundido as leis que regem as condições da vida da alma com as que regem a vida do corpo. Muitos deles apresentaram como leis divinas o que não era mais do que leis humanas, instituídas para servir as paixões e dominar os homens.

Conhecemos a história de uma mulher que hoje é uma senhora, professora, que começou a sua vida profissional dando aulas para crianças e também para presidiários.

Em certo momento de sua vida, resolveu construir em um lugar de grande carência, uma escola para crianças. Nessa época, trabalhava em uma casa de assistência, conseguindo formar um grupo de pessoas, dando início a várias

atividades como bazares e almoços fraternos, angariando fundos para o seu empreendimento. Assim, com o passar do tempo, foi construindo a escola em um local onde havia uma grande necessidade e uma enorme deficiência de colégios.

Pedia ajuda a pessoas amigas e também a conhecidos, e com muita dificuldade conseguiu fundar a escola, colocando-a em funcionamento. Continuava ela nas suas atividades para conseguir verba para a escola. A partir de então começou a receber doações para o almoço e os lanches dos alunos, que tinham assim alimentação e estudo sem pagar nada por isso. O mais difícil era o pagamento dos professores. E lá ia ela, incansável, a procura de recursos para saldar os salários dos funcionários não voluntários.

Apesar da dificuldade enfrentada, no dia certo conseguia arrecadar o dinheiro, dando conta de seus compromissos, cumprindo o seu objetivo, que era o de tirar das ruas as crianças que não tinham como estudar naquela comunidade.

Aos poucos, foi conseguindo levar a educação e a moral para aquelas crianças, que com o passar do tempo tornaram-se adolescentes trabalhando como voluntários na escola. E lá ia a incansável senhora atrás de recursos, onde pessoas e empresas conhecedoras do seu trabalho passaram a lhe ajudar na manutenção da escola.

Assim, foram se passando os anos, e a pequena escola reluzia pela sua grande luz, dando mostras de um ambiente de paz. A ação de eficiente educação para

aquela comunidade, revelava um grandioso trabalho de dedicação, abnegação e desprendimento dessa senhora, Terezinha de Oliveira, por meio do seu comportamento altruísta, na condução de uma quantidade enorme de crianças que se tornaram pessoas de bem, educadas por meio de ensinamentos que as conduziram a profissões dignas e que lhe trouxeram respeito com relação à comunidade, pelas diretrizes morais que aprenderam.

Pode-se ter a percepção de que o ser humano, por meio de sua evolução, despoja-se do egoísmo, originado pelo instinto de conservação. Mais tarde, pelo desenvolvimento da fraternidade, começa a importar-se com as pessoas que lhe são próximas, por meio da união de ideias e atividades. Com o tempo, sensibiliza-se solidariamente com aqueles que sofrem, ajudando-os em seus infortúnios. Mais adiante, por meio do altruísmo, o ser humano mais desenvolvido em seus sentimentos, passa a preocupar-se com o bem alheio em uma atitude que lhe pode trazer sacrifícios para si, na garantia do bem que irá fazer a outras pessoas.

## 32 - A LEALDADE COMO CAPACIDADE DE FIDELIDADE, DEDICAÇÃO E CONFIABILIDADE

O que se sabe sobre lealdade no âmbito de estudiosos que definem o seu conceito, é que se trata de uma qualidade de uma pessoa sincera e dedicada, que honra os seus compromissos com retidão e decência diante da responsabilidade que assume com outras pessoas. Por isso o indivíduo que é leal, é verdadeiro em suas atitudes e franco naquilo que fala, tornando-se uma pessoa fiel a quem se dedica ou a causa que abraça, e confiável em tudo o que faz.

A fidelidade é um atributo de um indivíduo leal, que se compromete com aquilo que assume, mostrando constância em seus hábitos e ética por meio do senso moral, conservando suas características com firmeza e dignidade diante dos seus compromissos.

É importante dizer com relação à fidelidade que o ser humano deve procurar ser fiel a Deus e assumir o compromisso de não se desvirtuar de seus ensinamentos, os quais foram trazidos por homens de bem como Jesus, segundo os preceitos estabelecidos pelo criador.

Há uma frase muito utilizada por religiosos que diz: Deus é fiel. Ora, pelo entendimento que se pode ter, onde Deus é a suprema inteligência, sabedoria e bondade, tornando-se assim complacente com o ser humano, dando-lhe sempre uma nova oportunidade diante de suas faltas, é mais racional que o homem seja

fiel aos preceitos de Deus e faça a sua reforma interior, do que esperar que Deus lhe seja fiel em suas atitudes perante a vida numa demonstração de egoísmo com relação a outras pessoas.

A pessoa leal é também aquela que tem um comportamento de dedicação a outra ou uma devoção, que pode ser demonstrada por uma afeição, traduzida algumas vezes como uma abnegação com relação a outra pessoa, denotando uma provável ligação de outras existências, numa dedicação que pode ser observada por um desprendimento de grande intensidade.

A lealdade é baseada na confiança que um indivíduo passa para o outro por acreditar na sua sinceridade, honestidade e retidão, mostrando um caráter íntegro denotado na maioria das vezes por um ato de amizade ou de amor entre as pessoas.

Ainda criança, meus pais conheceram um médico que ficou muito nosso amigo. Foi visitando a sua casa que conhecemos pela primeira vez um aparelho de televisão. Ali, também conheci uma senhora que vivia com a família em um pequeno quarto, com todos os cuidados necessário a sua velhice.

Na adolescência, depois da morte da anciã, eu e meu pai conversamos com o médico que cuidara da senhora, sendo este um alto funcionário da antiga Previdência Social. Disse-nos que a sua babá, era como lhe chamava, tinha chegado na casa de seus pais quando ele nasceu. Cuidou dele e de seus irmãos até ficarem adolescentes. Muito dedicada e leal, despertava o sentimento de

confiança em seus patrões que lhe confiavam seus filhos. A relação construída entre a babá e as crianças foi tão sólida e verdadeira que, decorrido o tempo, o médico, que era uma das crianças, casou-se, levando a babá consigo para a sua nova casa, para que, agora, fosse babá de seus filhos.

Era tanta lealdade e fidelidade, que o médico tratava-a como uma segunda mãe. Era tanta a confiança, que deixava seus filhos aos cuidados da babá. Saía para o trabalho junto com a sua esposa, que era professora do ensino público, onde a senhora cuidava de tudo. Apesar de sua meia idade, possuía muita vitalidade.

Cuidou de todos com muita dedicação. Dedicou sua vida a esta família, conseguindo ver os filhos do médico casando-se e mudando-se para suas casas, assumindo uma nova vida, deixando a babá feliz por ter participado da educação deles.

E foi por essa época que conhecemos a famosa babá, que naquela altura continuava morando na casa do médico, não como babá, mas como pessoa da família, com todas as regalias que poderiam ser oferecidas pelo dono da casa, que depois de ter sido educado por ela, como também se deu com os seus filhos, passava a cuidar da antiga babá, como beneficente de um grande trabalho de dedicação, lealdade e abnegação, mostrando que agora era a sua vez de protegê-la na sua velhice, agradecido por tudo aquilo que ela tinha feito por ele.

Nos últimos dias de sua vida, pudemos ainda vê-la. Estava serena, risonha,

sentindo-se protegida por aquele que ela criou desde criança, mostrando um possível entrelaçamento entre a sua vida atual e uma antiga existência, onde poderia haver alguma ligação fraterna e por que não dizer maternal entre o médico e a sua babá.

Esta história mostra que a lealdade, na maioria das vezes, identifica-se pela dedicação que um indivíduo pode ter em relação a outro, devotando-se a uma causa, onde renuncia aos seus próprios interesses em prol de pessoas a que tem verdadeira afeição.

Entende-se então que o ser humano que possui em seu caráter a qualidade da lealdade, quando administra algum empreendimento, organiza e distribui todo o trabalho utilizando o senso de justiça, procurando não prejudicar a ninguém. Quando legislador, utiliza a fidelidade de suas ações na resolução de situações, julgando com retidão aqueles que estão sob a sua jurisdição. Como orientador no ensino, procura ser claro e conciso nas lições que expõe. Diante da medicina não menospreza e dá de si o melhor na cura dos enfermos. Ao lidar com a engenharia, atenta para a segurança trabalhando com ética naquilo que constrói. Ao conviver com pessoas, procura prezar a lealdade, mostrando-se fiel e dedicado, construindo a confiança que permite ajudá-las em suas dificuldades, fortalecendo-as no caminho de sua evolução.

## 33 - A HONESTIDADE COMO AÇÃO DE PENSAR E AGIR COM HONRADEZ E DIGNIDADE

A honestidade, conforme podemos encontrar o seu significado em várias literaturas, é a qualidade que um indivíduo pode ter de ser verdadeiro, tendo como índole não falar nem escrever mentiras, como também não agir de modo a enganar outras pessoas e nem cometer roubos ou fraudar alguém, mostrando princípios de moral vigentes, muitas vezes trazidos de berço pelo seu caráter e outras vezes acentuados pela educação de seus progenitores.

Essa moral que o indivíduo honesto tem dentro de si, o torna possuidor de uma integridade que é a qualidade que uma pessoa pode ter, ou vir a adquirir, por meio de uma conduta de retidão e ética, denotando um comportamento incorruptível.

Em função da integridade que o indivíduo honesto possui, ele é considerado uma pessoa digna, que é um atributo da moral, onde as pessoas passam a lhe respeitar pelos seus valores, reconhecendo a sua decência pela nobreza de suas atitudes na condução de suas ações.

Por sua decência e dignidade, o indivíduo honesto, torna-se honrado, pela respeitabilidade que adquiriu, por meio de sua integridade ao conduzir-se com retidão e ética com relação a princípios morais que aprendeu, por ser uma pessoa verdadeira.

Baseado nessas atitudes, o indivíduo honesto, tendo grande cultura ou pouca escolaridade, torna-se portador de uma moral, que é o conjunto de normas estabelecidas pela religião e pela sociedade por meio da tradição, educação e cultura, que orientam o comportamento humano, no modo de agir das pessoas a partir de um senso moral.

Na Bíblia, no Antigo Testamento, em Êxodo, capítulo 20, versículos 15 e 16, a honestidade é mostrada na oitava e nona diretrizes dos dez mandamentos que enunciam: “não furtarás” e “não darás falso testemunho contra o teu próximo”.

Por essa época, começava a ser moldado esse comportamento no ser humano, preparando-o no desenvolvimento da ação de pensar e agir com honradez e dignidade, preparando aquele povo para disseminar esse conceito. Atravessando várias gerações por meio da reencarnação, essas pessoas estariam prontas para receber novos ensinamentos que os levariam ao próximo patamar de moral estabelecido por Jesus por meio de um aprendizado autêntico, honesto e verdadeiro.

No livro “O Céu e o Inferno”, capítulo III, na segunda parte, o espírito de Joseph Bré, quando questionado por sua neta sobre sua estada no mundo espiritual, bem como se lhe podia informar quaisquer pormenores úteis ao progresso daqueles que continuavam na Terra, respondeu-lhe que expiara a sua descrença, porém é a bondade Deus que atende às circunstâncias, porque naquele momento ele sofria, mas não como ela poderia imaginar; é o desgosto de não ter melhor aproveitado o tempo na Terra.

Ela então perguntou como não o empregou se sempre vivera honestamente. Respondeu-lhe que sim, no juízo dos homens; mas há um abismo entre a honestidade perante os homens e a honestidade vista por Deus. E para a instrução da neta procurou demonstrar-lhe a diferença.

Disse então Joseph que entre os terráqueos é reputado aquele que respeita às leis de seu país, e honesto é aquele que não prejudica o próximo ostensivamente, embora lhe arranque muitas vezes a felicidade e a honra, uma vez que o código penal e a opinião pública não conseguem atingir muitas vezes o culpado hipócrita. Em podendo gravar na pedra do túmulo um epitáfio de virtude, julgam muitos terem pagado sua dívida à humanidade! É um erro! Não basta, para ser honesto perante Deus, ter respeitado as leis dos homens; é preciso antes de tudo não haver transgredido as leis divinas.

Continuou Joseph que honesto aos olhos de Deus será aquele que, possuído de abnegação e amor, consagre a existência ao bem, ao progresso dos semelhantes; aquele que animado de um zelo sem limites, for ativo no cumprimento dos deveres materiais, ensinando e exemplificando aos outros o amor ao trabalho; ativo nas boas ações sem esquecer a condição de servo ao qual o Senhor pedirá contas um dia do emprego do seu tempo; ativo finalmente na prática do amor de Deus e do próximo.

Concluiu que o homem honesto perante Deus deve evitar cuidadosamente as palavras mordazes, veneno escondido nas flores, que destrói reputações e humilha o homem, muitas vezes cobrindo-o de ridículo. O homem honesto,

segundo Deus, deve ter sempre cerrado o coração a quaisquer germens de orgulho, de inveja, de ambição; deve ser paciente e benévolo para com aqueles que o agridem; deve perdoar do fundo d'alma, sem esforços e, sobretudo, sem ostentação, a quem quer que ofenda; deve enfim praticar o preceito conciso e grandioso que resume, “no amor de Deus sobre todas as coisas e do próximo como a si mesmo”.

Por estas palavras do espírito de Joseph Bré, tem-se uma mostra que, para alguns, a honestidade é a obediência incondicional às regras morais existentes, enquanto para outros é a pessoa que não furta e não mente. Em verdade, a honestidade é tudo isso em conformidade com a sua integridade, decência e honradez, gerando uma respeitabilidade dos princípios morais no ser humano.

Para se ter uma ideia desse princípio, ilustraremos com uma história muito contada sob várias versões, onde, na antiguidade, em determinado país oriental, um príncipe, na eminência de herdar o trono pela morte de seu pai, precisava casar-se para assumir o trono, de acordo com a tradição de seus antepassados. Eram várias as pretendentes. Como prezava a lealdade, resolveu fazer uma disputa entre as moças da corte ou qualquer uma que se achasse digna de acolher a sua proposta. Logo, fez o anúncio por intermédio de seus súditos, para organizarem uma celebração, reunindo todas as moças que tivessem o interesse de se candidatar, onde ele lançaria um desafio para todas.

Uma jovem filha de uma serva do palácio, tendo o conhecimento dos preparativos da celebração, nutrindo um sentimento de profundo amor pelo

príncipe, mesmo sabendo que tinha poucas chances de ser escolhida diante das mais belas e ricas moças da corte, resolveu ir à celebração mesmo que fosse só para ver o príncipe.

Na noite da celebração a jovem chegou ao palácio, confrontando-se com belas moças, sofisticadas roupas e a exposição de joias de grande valor. Todas determinadas a ser escolhidas pelo príncipe.

No meio da recepção, o herdeiro do trono reuniu todas as moças que ali estavam e lançou o desafio, oferecendo a cada uma, uma semente de um tipo de flor, que deveria ser cultivada, e no final de seis meses aquela que conseguisse trazer a mais bela flor, seria escolhida para ser a futura rainha.

O tempo foi passando e a jovem por mais carinho e amor que desse no tratamento de sua sementeira, começou a perceber que não teria nenhuma chance, porque a flor não germinava no vaso em que tinha colocado a semente.

Mesmo assim, conforme o tempo passava, maior era a sua dedicação na tentativa de germinação da flor, como também o amor que sentia pelo príncipe, trazendo-lhe uma angústia que lhe assolava o coração, sentindo que aquela flor que poderia ali nascer, dava-lhe a oportunidade de desposar o príncipe.

Seis meses se passaram, e no dia marcado pelo príncipe, todas as moças compareceram ao palácio, cada uma com as mais belas flores expostas em seus vasos. A jovem decepcionada e, desesperançosa, chegou ao palácio levando o vaso onde tinha plantado a semente para mostrar, frustrada, o resultado de sua

tentativa. Todas as moças desfilaram à frente do príncipe. Apesar de não ter conseguido a sua flor, a jovem sentiu-se na obrigação de desfilar com o vaso sem flores, considerando-se desclassificada na disputa.

Ao final, após todas passarem, o príncipe anunciou o resultado, escolhendo a bela jovem que lhe mostrava o vaso sem nenhuma flor, deixando-a surpresa por essa escolha inesperada.

Todos que ali se encontravam reagiram decepcionados, indagando por que o príncipe teria escolhido logo aquela jovem que se apresentara com o vaso sem flores.

O futuro rei com muita serenidade esclareceu que a sua escolha era baseada na honestidade e nobreza daquela que seria sua esposa. Todos se olharam estupefatos, perguntando-lhe como teria chegado àquela conclusão.

O príncipe, com muita simplicidade e sabedoria, concluiu: “todas as sementes entregues às moças eram estéreis e assim não poderiam dar nenhuma flor. A jovem escolhida foi a única que se mostrou íntegra pela sua atitude de não fraudar, apresentando com honestidade o resultado de sua semeadura, mesmo sabendo que podia perder, denotando dignidade para ser a primeira dama do meu Império”.

Por esta história pode-se compreender que a honestidade permite o convívio com amigos verdadeiros, tendo-se como certo que um relacionamento afetivo, quando íntegro, é baseado em laços de confiança, respeito e amor, e numa

relação de trabalho com condições dignas que permite o cumprimento adequado dos compromissos para sucesso de seus resultados.

Assim, é importante que o ser humano possa conquistar esta grande qualidade que é a honestidade em um mundo tão conturbado pela corrupção de valores, que traz o desvirtuamento do homem, frente as suas necessidades, que pode ser corrigido pela reforma interior de seus valores morais.

## 34 - A SINCERIDADE COMO QUALIDADE DE UMA PESSOA NAQUILO QUE FALA A OUTRA

A sinceridade, de acordo com o seu significado, é uma qualidade onde uma pessoa fala a outra aquilo que pensa como verdadeiro, expondo de maneira racional o seu pensamento com equilíbrio e sensatez, sem por isso ofendê-la, e tendo o objetivo de ajudá-la na resolução de uma situação ou na decisão de um comportamento ou de uma atitude.

Uma pessoa sincera tem dentro de si a generosidade ao falar com a outra aquilo que lhe pode ser útil, sabendo penetrar no seu pensamento de forma que ela possa entender e não ficar ofendida, onde a razão e a vontade poderão modificar a sua ação, tirando proveito de tudo o que lhe foi falado, para o seu bem.

Uma pessoa sincera pode ainda falar de si mesma para outra, abrindo o seu coração ao mostrar-lhe as suas fraquezas e qualidades, tendo todo o cuidado ao falar sobre isso, no intuito de não correr o risco de ter sua sinceridade julgada como ingenuidade, de forma a não ser exposta para outras pessoas.

Sinceridade não quer dizer franqueza, uma vez que esta é uma característica do caráter do ser humano. A pessoa franca pode falar uma verdade sem medir as consequências. Algumas vezes, acerta em cheio, mas, outras vezes, traz ao outro um prejuízo por essa ação, moral ou material, podendo fazer uma crítica

desconstrutiva, que irá mais feri-lo nos seus sentimentos, do que ajudá-lo na reabilitação de suas ideias diante de alguma ocorrência.

A grande diferença entre sinceridade e franqueza é que uma mostra um sentimento em que a pessoa sincera expressa com honestidade os seus atos e ações, usando a sua lealdade para ajudar outra pessoa, enquanto na franqueza a pessoa não fala de si, mas faz críticas à pessoa com quem está falando, dando a sua opinião franca em detrimento a algum assunto. Em todos os casos, exalta as falhas mostrando soluções de acordo com conceitos que tem sobre cada situação.

O que se pode depreender é que a pessoa que tem a característica da franqueza, é aquela que faz críticas observando mais as falhas dos outros do que as suas, além de focar na desmoralização e não na ajuda do equilíbrio daqueles que criticou.

Na verdade, o que acontece é que o ser humano vai aprimorando-se dia após dia e precisa ser orientado sobre como deve proceder em suas atitudes no decorrer de sua vida. A crítica feita com franqueza mostra ao ser humano os seus erros, mas a crítica construtiva, feita com sinceridade, indica o caminho que ele deve percorrer diante do aprendizado que pode alcançar.

Assim, temos como certo que a sinceridade é uma qualidade de grande nobreza no ser humano. Sobre essa questão, lembro-me de uma história que um senhor contou sobre um amigo de infância.

Disse-me que desde pequeno havia nele uma qualidade que era a sinceridade.

Parecia nata. Seus pais eram pessoas de bem e lhe ensinaram boas maneiras e como comportar-se diante de outras pessoas.

O fato é que, desde pequeno, já na escola, mostrava-se sincero na sala de aula, sempre solícito aos professores, atendendo-lhes no que podia. Não mentia para os seus colegas, que lhe passaram a respeitar.

Na adolescência, ao sair com os amigos, conquistou a amizade e a confiança deles, porque sempre lhes falava com o intuito de ajudar. Assim, logo passaram a lhe respeitar, liderando todo o grupo por causa disso.

Quando alcançou a maior idade começou a trabalhar inicialmente como auxiliar de escritório, mas em função de sua sinceridade diante do trabalho logo ganhou a confiança dos patrões, denotando um senso de responsabilidade em seu serviço.

Em paralelo ao seu trabalho, continuou os seus estudos, conseguindo uma profissão digna, que o levou a trabalhar em outra empresa, evoluindo por meio de uma nova profissão, não só pela sua capacidade de trabalho, mas também pelo senso de compreensão que tinha em relação às pessoas que trabalhavam consigo, e pela sua sinceridade frente a elas. Conquistou pela confiança dos patrões a direção de um setor que lhe deu experiência em seu serviço e maturidade pessoal.

Casou-se, formou uma bela família, chegando à velhice feliz e respeitado por todos, pelas suas ações, onde por meio de sua sinceridade e honestidade, teve

sempre a oportunidade de ajudar muitas pessoas durante toda a sua vida, sentindo-se recompensado por tudo isso. No final de sua existência, via-se realizado pelo resultado da amizade que tinha alcançado pela ação da sinceridade que teve ao lidar com as pessoas durante todos esses anos.

Pode-se então perceber que a verdadeira sinceridade é aquela onde o ser humano não mente a ninguém, porque aprendeu a respeitar as pessoas em seus pensamentos, suas vontades e seus sentimentos, tendo a sensibilidade para não magoar ao outro, tornando-se autêntico na ajuda que pode dar às pessoas na interpretação de suas necessidades, para que possam aprender e evoluir no decorrer de suas vidas.

## 35 - A MODÉSTIA COMO MODERAÇÃO NA AÇÃO OU APARÊNCIA, EVITANDO A ATENÇÃO IMPRÓPRIA PARA SI

A modéstia, segundo o seu significado e a sua interpretação, é uma ação que pode ser identificada como uma qualidade, onde o ser humano tende a moderar vícios como a vaidade em suas atitudes e comportamento, tornando-se recatado diante das coisas que conquista e comedido na sua aparência, evitando atenção imprópria para si.

A pessoa modesta é aquela que não se ocupa com o luxo, a suntuosidade, nem a ostentação, por serem esses valores que exaltam a vaidade. Do contrário, tem grande capacidade para demonstrar a simplicidade, que é um modo de comportamento espontâneo sem nenhuma pretensão; a temperança, que traz equilíbrio para que ela tenha sobriedade em suas atitudes e decisões; e a decência, que mostra o respeito aos bons costumes, tornando a modéstia uma qualidade virtuosa por ser identificada em consonância com padrões éticos dentro da moral estabelecidos pela sociedade de maneira geral.

Algumas pessoas valorizam o que falam ou mostram uma conquista pessoal, utilizando-se do termo “modéstia à parte” para não serem interpretadas como vaidosas ou pretenciosas. Mas o que acontece em alguns casos é a falsa modéstia, onde a pessoa de forma velada valoriza o que fala ou exalta um

comportamento, esperando ser elogiada, e frustra-se por não ter o reconhecimento pretendido.

Apesar das religiões darem ênfase em seus discursos à característica da modéstia, exaltam mais a forma em que as pessoas devem comportar-se pelo recato, evitando exibicionismos do corpo, e estimulando o pudor e a decência com a moderação de suas vestes, na verdade o mais importante é que elas sejam modestas nas suas atitudes e em seus atos.

A modéstia ao consolidar-se pela simplicidade, mostra-se como um sentimento que se aproxima da humildade, fazendo-nos lembrar de uma história que já li por diversas vezes.

Um homem nascido na Itália, no século 12, filho de um comerciante muito rico, tinha uma vida estável junto a sua família, recebendo educação voltada para os negócios. Já adolescente, entregou-se a uma vida movimentada e mundana. Alguns anos depois, cansado da vida que levava, ao observar pessoas que viviam na maior miséria, converteu-se ao cristianismo e num chamamento espiritual passou a viver em uma completa pobreza no ideal de cuidar dos mais necessitados.

Tempos depois, conseguindo reunir um grupo de discípulos, fundou uma ordem constituindo frades, que com a sua continuidade, juntos, trouxeram renovação à Igreja Católica, pela humildade, fraternidade e caridade que praticavam em favor de pessoas que tinham necessidade daquele local.

Decidido a cumprir com fidelidade os ensinamentos de Jesus, ele e os seus discípulos renunciaram a todas as formas de propriedades, vivendo de doações que recebiam daqueles que admiravam o seu trabalho.

Ao lidar com pessoas carentes, modestamente identificou-se com os problemas de cada uma, na tentativa de ajudá-las no conforto de suas lamúrias. É dele uma prece que ficou famosa até os dias de hoje, a qual retrata o sentimento humanístico de justiça, bondade e caridade, mostrando que é dando que se recebe.

Historiadores ao estudar o seu comportamento modesto e ao mesmo tempo revolucionário, concluíram que na sua visão da natureza, o ser humano enriqueceu a imaginação dos homens daquela época, interagindo com toda a sociedade, constituindo um elemento forte na formação da renascença. Para os grandes conhecedores de sua história, ele é uma das maiores figuras que já apareceram no cristianismo.

Seu nome é Francisco de Assis, canonizado pela Igreja dois anos depois de sua morte, foi mundialmente reconhecido como patrono dos animais e do meio ambiente.

Assim, por essa história, pode-se perceber este grande missionário que usou de toda a sua humildade ao desenvolver um grande trabalho determinado pelo equilíbrio de sua modéstia, não se elevando acima de ninguém, ajudando as pessoas necessitadas numa ação de grande fraternidade, podendo por isso fazer a

caridade que valorizou o seu ato de boa vontade, mostrando o imenso movimento a favor da restauração do cristianismo, que seguiu o seu caminho no progresso moral de toda a humanidade.

## 36 - A ABNEGAÇÃO COMO AÇÃO DE RENÚNCIA E DESPRENDIMENTO A UMA CAUSA OU IDEOLOGIA

A abnegação, conforme definida por estudiosos, é a ação onde uma pessoa renuncia seus desejos, desistindo de algum comportamento ou de alguma coisa, ao aprender a controlar os seus sentimentos, suas paixões e seus pensamentos por meio de uma determinação, para desprender-se das coisas terrenas, em prol de uma causa ou uma ideologia.

Ao renunciar aos desejos das paixões humanas e dos sentimentos mais arraigados da vida terrena, o ser humano, pela abnegação que faz a si, liberta-se exponencialmente do egoísmo, do ódio e do orgulho, deixando para trás a vaidade e a inveja, ao dedicar-se a seus semelhantes espontaneamente, doando-se a uma causa, desprendendo-se de seus valores materiais que poderia ter conseguido por seu esforço, entregando-se à caridade pela compaixão e piedade que passa a ter daqueles que sofrem.

A abnegação e o altruísmo são ações muito parecidas, onde a sua diferença está na renúncia total que uma pessoa abnegada faz de todos os valores da vida ao cuidar de outras pessoas. Um indivíduo altruísta doa-se a outro ou a uma causa, sem por isso renunciar totalmente a todos os valores terrenos. Assim, uma pessoa altruísta pode tornar-se abnegada pela continuidade de sua ação e o seu

desprendimento completo diante dos valores do mundo.

Para ser abnegada, a pessoa tem que desenvolver muitas virtudes, dentre elas a caridade, a compaixão e a piedade humana. É um longo caminho a percorrer, mas que o ser humano poderá trilhar se tiver a vontade e a determinação de se conduzir até esse patamar.

No livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Allan Kardec no capítulo XIII, item 17, coloca uma mensagem de um espírito chamado Michel, onde na parte inicial ele descreve a piedade como uma virtude que se aproxima dos anjos. Sendo irmã da caridade, conduzirá o homem a Deus. Que o coração de todos possa enternecer-se perante as misérias e sofrimentos dos semelhantes. Que as lágrimas de todos sejam um bálsamo a ser derramado sobre as feridas daqueles que sofrem e quando por terna simpatia puder ser levado à esperança e a resignação, que prazer não pode ser experimentado então. Esse prazer traz consigo certo amargor e verdade, pois que nasce ao lado da tristeza, mas se não tem o travo dos gozos mundanos, também não encerra as pungentes decepções do vácuo que eles deixam após si. Há neles uma suavidade penetrante que alegra a alma.

Diz Michel que a piedade, quando bem sentida, é amor. O amor é devotamento; o devotamento – esquecimento de si mesmo. Este esquecimento, esta abnegação pelos infelizes, é a virtude, por excelência, a que foi praticada pelo divino Messias durante toda a sua vida, e que ele ensinou na sua santa e magistral doutrina. Quando essa doutrina for reconduzida à sua primitiva pureza,

quando for admitida por todos os povos, há de trazer à Terra a felicidade, fazendo aí reinar enfim a concórdia, a paz e o amor.

No mesmo livro, capítulo VI, item 8, o Espírito da Verdade dá um importante esclarecimento sobre a abnegação ao dizer que Deus consola os humildes e concede forças aos aflitos que as pedem. Seu poder se estende pela Terra, e em toda a parte, ao lado de uma lágrima, derrama o bálsamo consolatório. O devotamento e a abnegação representam uma prece perene e envolvem um profundo ensinamento. A sabedoria humana reside nessas duas palavras. Pudessem os seres sofredores compreender essa verdade em lugar de se insurgirem contra as dores e padecimentos morais que são o patrimônio de todos. Que sejam adotadas por divisa estas duas virtudes: devotamento e abnegação, e todos serão fortes, porque elas resumem todos os deveres impostos pela caridade e humildade. O efeito do cumprimento desse dever facilitará a todos a tranquilidade de espírito e a resignação. O coração vibrará melhor, a alma se acalmará e o corpo não terá mais desfalecimentos, pois quanto mais o espírito sofre, tanto mais o sofrimento reage sobre o corpo.

Com base nas palavras desse esclarecimento sobre piedade, devotamento e abnegação, as pessoas podem ter uma diretriz do comportamento que devem desenvolver para seguir esse caminho.

Muitas personagens ficaram respeitadas ao longo da evolução da humanidade, pelo seu espírito de abnegação, por meio da renúncia que fizeram, para dedicar-se a trabalhos importantes baseados em causas nobres. Tanto

homens quanto mulheres, abraçaram obras assistenciais, deixando exemplos inesquecíveis da grande vontade que tiveram para auxiliar o próximo em seu sofrimento, tanto nas doenças quanto nas más condições de sobrevivência.

Entre muitos, pode-se ter a lembrança de Albert Schweitzer, um teólogo, músico, filósofo e médico, nascido na Alemanha, na Alsácia, que atualmente é uma região administrativa francesa, no ano de 1875 e desencarnando em 1965.

Formando-se em teologia e filosofia em 1901, por meio da música, tornou-se um dos melhores intérpretes de Bach. Com trinta anos de idade ocupava uma importante posição em uma grande universidade da Europa. Era portador de uma magnífica reputação como músico e religioso, tendo imenso prestígio como pastor da igreja que frequentava. Toda essa bagagem ainda lhe era insuficiente para alcançar o seu espírito, que clamava por mais serviço e dedicação à causa de Deus.

Assim, dando início a faculdade de medicina, ao se formar, seis anos depois, casou-se, e tendo a atenção voltada para a miséria das colônias francesas que se debatiam pela falta de cuidados e a ausência de assistência médica, decidiu partir para Lambarené, no Gabão, no continente Africano, quando teve o conhecimento de uma missão que se dignava a prestar assistência, necessitava de médicos para completar sua equipe.

Já no local para onde foi designado, deparou-se com a falta de recursos iniciais, improvisando um consultório em um antigo galinheiro, atendendo as

peças da comunidade, enfrentando grandes obstáculos pelo ambiente totalmente hostil, com a falta de higiene daquele povo, e a dificuldade de entender o idioma que falavam. Todas essas dificuldades somaram-se a grande ausência de medicamentos e a limitação de instrumentos médicos para cuidar daqueles nativos.

Todos os dias, cuidava de mais de quarenta doentes, e ainda conseguia tempo para ministrar no povoado o Evangelho de Jesus, por meio de uma linguagem apropriada, conseguindo mostrar-lhes exemplos tirados de componentes da natureza para facilitar o entendimento na ação em que poderiam ajudar-se mutuamente.

Com esse atendimento diário, conseguiu debelar uma epidemia de lepra, e com o auxílio dos nativos passou a dedicar-se, no decorrer de sua vida, a minorar o sofrimento daquele povo. Missão essa que começou a ter um grande crescimento no ano de 1924.

Com o decorrer do tempo, no início da primeira guerra mundial, Albert e sua missão foram levados como prisioneiros de guerra para a França, onde ficaram confinados por todo o período em um campo de concentração. Ao final da guerra, retomou o seu trabalho, realizando uma série de conferências que teve o grande intuito de conseguir recursos para a reconstrução de sua obra no Continente Africano.

Depois de algum tempo na Europa, Albert volta a Lambarené acompanhado

de um grupo de médicos e enfermeiros, com disposição para ajudá-lo na nova empreitada. Assim, um hospital é construído em uma área mais conveniente ao trabalho proposto, com auxílio de uma equipe de construtores, onde o perseverante médico pode dedicar um tempo de seus dias para escrever alguns livros, que tiveram a finalidade de angariar fundos que pudessem manter todo o grupo de edificações hospitalares.

Pôde contar também com a ajuda de doações individuais e de instituições filantrópicas que foram de grande valia, uma vez que o hospital possuía 350 leitos e quase a metade era destinada ao tratamento de lepra. O êxito do trabalho de abnegação desse grande missionário teve o reconhecimento ao ser-lhe concedido o Prêmio Nobel da Paz no ano de 1952, pelos seus esforços e dedicação à humanidade.

Dessa forma, Albert Schweitzer deu uma grande mostra pelo seu exemplo de humildade, caridade e compaixão ao ajudar pessoas, podendo ser reconhecido como um homem de grande elevação pela sua ação de abnegação, dedicando-se durante a maior parte de sua vida ao próximo, renunciando a si mesmo diante do sofrimento humano que pode apaziguar.

Na verdade, é necessário que o ser humano seja dotado de um grande amor ao próximo para ser capaz de apartar-se do egoísmo, do ódio e das injúrias alheias, ganhando assim a sensibilidade de que precisa para compenetrar-se do valor de renunciar as coisas da vida material, dando continuidade a esse ato no decorrer de sua existência com espontaneidade em prol de pessoas que passam

necessidade para a sua sobrevivência, encontrando-se também descompensados nas suas ideias e nas suas atitudes. Ao ajudá-las, o ser humano carrega em seu instinto o verdadeiro sentimento da solidariedade humana, o altruísmo e a grande virtude que é a abnegação.

## 37 - A BONDADE COMO DISPOSIÇÃO PERMANENTE DE SE FAZER O BEM

A bondade, conforme encontrado nas literaturas, é identificada como uma qualidade, onde uma pessoa tem a disposição natural em praticar o bem, com base em sua índole, tornando-se uma inclinação pela vontade de ser amável a outras pessoas, por meio de uma ação de benevolência, demonstrada pela tolerância e condescendência, onde o indivíduo pode compreender o outro revelando certo grau de altruísmo e empatia.

A pessoa bondosa não procura vantagens. Sofre pela infelicidade do outro, abraçando-o com honestidade e sinceridade, mostrando a sua grandeza de alma e humildade no coração. Consola, alegra, chegando a esquecer-se de si, podendo contagiar a outra pessoa, por meio do conforto que pode dar, amenizando a sua desgraça ou o seu infortúnio.

Segundo o pensamento de Lao Tsé, a bondade praticada por meio do que uma pessoa fala a outra, pode gerar confiança; ao pensar de maneira bondosa em uma pessoa, o indivíduo cria certa profundidade no seu pensamento; mas se o homem pratica a bondade como uma dádiva, consegue criar o amor em relação às pessoas pela benevolência de seu coração.

Na verdade, a bondade é uma grande virtude onde, por meio dela, o ser humano se capacita ao altruísmo. Abnegado e generoso, pode fazer a caridade

despretensiosamente, de maneira natural, de forma a desenvolver o amor pelo próximo espontaneamente.

Ao falarmos de exemplo de bondade, entre outras pessoas, uma nos vem logo à cabeça, Madre Teresa de Calcutá, responsável por um grande trabalho humanitário, onde desenvolveu a caridade, o altruísmo e a solidariedade humana.

Nasceu no ano de 1910 em Skopje, na Albânia, desencarnando em 1997. Desde pequena percebeu que tinha vocação religiosa. Aos dezoito anos ingressou na ordem das irmãs de Nossa Senhora do Loreto, na Irlanda. O seu grande sonho era o trabalho missionário com os pobres na Índia. Aos vinte anos de idade, tornando-se noviça, fez votos de pobreza, castidade e obediência. Agnes era o seu nome. Recebeu o nome de Teresa partindo para a Índia, chegando a uma cidade, onde as irmãs de Loreto possuíam um colégio.

Tempos depois, deixou a Ordem das Irmãs de Loreto, ao perceber em seu interior a intuição de que deveria dedicar-se à assistência de pessoas pobres, exercendo assim a vocação de que era possuidora. Conforme ampliava o seu trabalho, crescia o amor de Teresa pelo povo da Índia.

Tendo abandonado o hábito da Ordem das Irmãs de Loreto, Teresa passou a adotar um sári branco mesclado em detalhes azuis, fixando no ombro uma pequena cruz, e essa passou a ser a sua vestimenta, mostrando-se de maneira modesta, ao vestir-se como uma mulher indiana.

Passou a dar aulas para algumas crianças em um bairro pobre da cidade, e com o decorrer do tempo, o grupo de alunos foi aumentando. Ministrava também lições de higiene. Depois, ia de abrigo em abrigo levar palavras afetivas e sua ajuda para qualquer trabalho.

No ano de 1948, tendo o trabalho de Madre Teresa um grande reconhecimento em toda a cidade, conseguiu por meio da ajuda de pessoas interessadas no que ela fazia e com doação que vinham de todos os locais, construir um albergue para peregrinos, fundando a Ordem dos Missionários da Caridade, que dava assistência a pessoas necessitadas.

Um ano depois, Madre Teresa formou uma pequena comunidade, desenvolvendo o trabalho de assistência aos pobres de Calcutá, por meio da criação de escolas ao ar livre e centros que cuidavam de cegos, idosos, leprosos e aleijados. A partir de então, a sua congregação começou a expandir-se pela Índia, alcançando várias partes do mundo.

Todas essas ações de bondade, prestando a solidariedade humana a tantas pessoas necessitadas, permitiu que Madre Teresa de Calcutá recebesse o Prêmio Nobel da Paz no ano de 1979, sendo também nomeada, pelo Papa João Paulo II, como embaixadora do Papa em todas as nações, recebendo o título “Honoris Causa” de várias universidades.

Por toda a sua vida pôde ser percebida a grande bondade da missionária Madre Teresa de Calcutá. Por sua ação a tantas pessoas, por meio de gestos em

que a sua compaixão pelos necessitados doentes, mostraram a capacidade de tolerância e compreensão para lidar com eles, dando mostras do desenvolvimento de várias virtudes que a levaram a amar as pessoas desinteressadamente.

A bondade é nata em algumas pessoas que trazem em sua bagagem muitas qualidades para fazer o bem espontaneamente, mas pode ser desenvolvida no indivíduo de boa vontade, de forma que ele possa comunicar-se melhor, e ser mais compassivo, passando a ter uma influência mais positiva na vida dos outros.

Ser bondoso é também preocupar-se com as pessoas próximas, querendo o melhor para elas, reconhecendo e ajudando-as em suas necessidades, podendo assim, por uma ação de compreensão, solidarizar-se com elas, praticando a caridade, e na continuidade de sua atitude, tornar-se uma pessoa bondosa que procura amar o próximo.

## 38 - A GENEROSIDADE COMO CAPACIDADE DE UMA PESSOA DIVIDIR O QUE TEM COM ALGUÉM

O que se sabe sobre a generosidade, observando-se o seu significado em diversas literaturas, é que se trata de uma qualidade ou uma virtude, onde aquele que é portador dela reparte o que tem com aquele que nada possui, em uma atitude de se preocupar com o bem de seu semelhante, seja este conhecido ou não, praticando essa ação com satisfação. A pessoa generosa torna-se desprendida naturalmente pela sua ação de doar alguma coisa sem esperar receber nada em troca, mostrando uma nobreza de caráter, e o faz não só a quem necessita de caridade, mas a qualquer pessoa, denotando um sentimento de satisfação ao ceder para um amigo ou uma pessoa conhecida alguma coisa, por menor que seja, despretensiosamente.

A generosidade é uma virtude onde aquele que a possui, torna-se paciente, sincero e benevolente ao utilizar a sua palavra, evitando ferir o outro ou ser inconveniente, respeitando-o pela preocupação que tem com relação a ele.

Ao conduzir os seus atos de generosidade, o ser humano sofre algumas mudanças, como tornar-se desapegado aos bens materiais ou ter misericórdia com aquele que está lidando, passando em alguns casos a ter compaixão por aquele que precisa de amparo, compartilhando com ele aquilo que precisa, por

meio de uma ação consoladora.

Allan Kardec no livro “Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo XIII, item 3, dá um esclarecimento sobre a generosidade e a caridade, explicando que a beneficência sem ostentação tem um duplo mérito; além da caridade moral, ela poupa a suscetibilidade do beneficiado e o faz aceitar o benefício sem que seu amor próprio sofra com isso, salvaguardando a sua dignidade de homem, porque alguém aceitará um serviço, mas não receberá uma esmola; ora, converter um serviço em esmola pela maneira que é prestado, é humilhar aquele que o recebe, e há sempre orgulho e maldade em humilhar alguém. Conclui Allan Kardec que a verdadeira caridade, ao contrário, é delicada e engenhosa para dissimular o benefício, evita até as menores aparências ofensivas, porque toda a ofensa moral aumenta o sofrimento que nasce da necessidade; ela sabe encontrar palavras doces e amáveis que colocam o beneficiado à vontade em face do benfeitor, a passo que a caridade orgulhosa o esmaga. A excelência da verdadeira generosidade é quando o benfeitor, mudando de papel, encontra o meio de aparecer ele mesmo beneficiado em face daquele a quem presta serviço. Eis o que querem dizer as palavras: não saiba a vossa mão esquerda o que dá a direita.

No item 11 do mesmo capítulo, o espírito de Adolfo, bispo d’Alger, diz que a beneficência dará neste mundo as mais puras alegrias, as venturas do coração, dessas que nunca são perturbadas, nem pelo remorso, nem pela indiferença. Oh, se fosse possível compreender tudo quanto encerra de grandioso e deleitável a generosidade das belas almas, esse sentimento que manda olhar os outros, tal

como se olha para si mesmo, que ordena despir para jubilosamente vestir o outro! Que possam compreender quais são as suas obrigações para com o próximo. Que todos possam ir ao encontro do infortúnio. Que corram em socorro da miséria oculta que é a mais dolorosa. Que possam recordar as palavras de Jesus: “Quando vestirdes um desses pequeninos, é a mim que o fazeis”.

O verdadeiro ato de generosidade, não é quando a pessoa dá o muito que lhe sobra, mas sim quando doa o pouco que possui. E esse é o caso de Adolfo Bezerra de Menezes. Médico, nasceu em agosto de 1831 em Riacho do Sangue, no estado do Ceará, desencarnando em abril de 1900.

Aos sete anos de idade, ingressou na escola pública da Vila do Frade, onde aprendeu os princípios da educação elementar. Com onze anos, sua família mudou-se para uma cidade no estado do Rio Grande do Norte e, em 1846, Bezerra de Menezes aos 15 anos de idade, retornou junto com a família à província do Ceará, fixando-se na capital Fortaleza, concluindo os seus estudos preparatórios para entrar na faculdade. Cinco anos depois, já no Rio de Janeiro, reiniciou os seus estudos entrando para a universidade de medicina, formando-se em médico aos vinte e cinco anos de idade.

Como não tinha dinheiro para montar um consultório, Bezerra de Menezes aliou-se a um colega de faculdade com mais recursos, passando a dividir uma sala no centro comercial do Rio de Janeiro. Durante o tempo em que o consultório ficou aberto, nos primeiros meses, o atendimento a pacientes era esporádico. Mas por essa mesma época começou a atender em casa, as pessoas

mais próximas, como familiares e em seguida a amigos da redondeza, tornando a casa em que morava repleta de doentes. Por causa disso, começou a correr pelo bairro a fama da sua generosidade, por atender, sem cobrar nada, algumas pessoas que não podiam pagar. Posteriormente, um médico, seu amigo, sendo chefe do corpo de saúde do exército, resolveu contratá-lo como médico militar. Assim, Bezerra de Menezes passou a ter um emprego remunerado, mas ainda assim continuava a atender gratuitamente aqueles que não podiam pagar.

Com o decorrer do tempo, sua fama aumentou e o consultório no centro da cidade começou a ficar movimentado por pacientes pagantes, de que passou a usar o dinheiro que recebia no consultório para comprar os remédios dos pacientes necessitados, doando-lhes também roupas e muitas vezes o próprio dinheiro.

Certa vez, uma paciente muito pobre não tinha dinheiro para comprar os remédios de que precisava. Bezerra, em um ato de generosidade, colocando as suas mãos nos bolsos e percebendo que não tinha um centavo sequer, tirou seu anel de formatura do dedo e deu-lhe para que ela pudesse comprar os remédios, mostrando o desapego que possuía pelos bens materiais e o desprendimento de seu espírito diante da pobreza que lhe batia à porta.

Casou-se pela primeira vez em 1858, ficando viúvo cinco anos depois, com dois filhos. Casou-se pela segunda vez algum tempo depois, com a irmã de sua primeira esposa, tendo com esta, sete filhos.

Possuidor de uma carreira bastante diversificada, inicialmente na medicina, logo depois se colocou na vida militar, sendo também escritor e jornalista, seguindo uma importante trajetória política e empresarial, tornando-se filantropo e expoente da doutrina espírita.

Pela grande atuação que teve no movimento espírita da cidade do Rio de Janeiro, Bezerra de Menezes foi considerado um modelo pelos espíritas de todo o Brasil. Sua atuação serviu e serve ainda hoje de exemplo para os seguidores da Doutrina, que se espelham nas suas ações de caridade generosidade, perseverança, e em sua disposição para superar os desafios que se colocavam a sua frente.

Pelo atendimento aos doentes que não possuíam recursos financeiros, foi considerado o médico dos pobres. Em relação ao movimento espírita, foi visto por muitos como o Kardec brasileiro. Mas o mais importante foi o trabalho de benevolência que prestou às pessoas que lhe procuravam, dando-lhes a consolação de que precisavam, doando um pouco de si mesmo, aliviando a dor de muitos com suas ações de sua generosidade.

Até aqui pôde ser observado por essa história a generosidade que uma pessoa despense a outras que precisam de amparo.

A generosidade, no entanto, deve fazer parte do dia a dia do ser humano que muitas vezes passa a praticá-la com um amigo ou um conhecido.

Como exemplo, podemos citar a predisposição de pagar sozinho a conta de

um almoço ao se dividir a refeição com um amigo. Algumas pessoas possuem essa generosidade de arcar com toda a despesa, enquanto outras são capazes de se distrair para que o conhecido possa pagar a conta sozinho. E essa é a diferença de ser generoso naturalmente.

Podemos compreender que se faz de suma importância trabalhar o desprendimento desse comportamento utilitarista presente em muitas pessoas, sendo esse um grande passo para o alcance da generosidade.

## 39 - A CARIDADE COMO UM SENTIMENTO DE AJUDA A ALGUÉM SEM BUSCA DE QUALQUER RECOMPENSA

Em conformidade com as literaturas existentes, a caridade é entendida como um sentimento em que o indivíduo tem em seu interior o desejo de ajudar humanitariamente a outras pessoas por meio de uma ação altruísta, onde a pratica de forma desinteressada sem buscar qualquer recompensa.

A prática da caridade denota um grande indicador de elevação moral do ser humano, ao ser identificada pela compaixão que sente ao minorar o sofrimento alheio, pela ação altruísta em doar sem nenhum interesse, de forma empática. Representa ainda a abnegação, ao desprender-se dos valores terrenos, tornando-se tolerante e condescendente, e pela generosidade, onde tem a satisfação de praticar espontaneamente o amor ao próximo. E é por isso que Allan Kardec no livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo XV item 5, diz: “Não se podendo amar a Deus sem praticar a caridade com o próximo, todos os deveres do homem estão resumidos nesta máxima: ‘Fora da caridade não há salvação’”.

A caridade é um ato de humanitarismo onde o ser humano deve trabalhar em prol do bem-estar da sociedade, por meio do desenvolvimento do amor, auxiliando e respeitando o próximo pela beneficência, complacência e filantropia.

A caridade deve ser vista pelo ser humano como uma ação decorrente da própria natureza, onde as pessoas podem observar que qualquer ajuda prestada ao próximo será um auxílio à própria evolução. E isto acontece porque o ser humano, por meio da reencarnação, sofre pelo resgate de suas faltas. Sendo assim, todos podem ajudar-se mutuamente, amenizando o sofrimento que serve como aprendizado para a melhoria de cada um.

Na Bíblia, no Novo Testamento, na Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 13, itens 1 a 7 e 13, Paulo diz: “Ainda quando eu falar todas as línguas dos homens, mesmo a língua dos anjos, se não tiver caridade, não sou senão como um bronze sonante e címbalo retumbante; e quando eu tiver o dom da profecia, penetrar todos os mistérios e tiver uma perfeita ciência de todas as coisas; quando tiver ainda toda a fé possível, até transportar as montanhas, se não tiver caridade eu nada sou. E quando tiver distribuído meus bens para alimentar os pobres, e tiver entregado meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, tudo isso não me serve de nada”.

“A caridade é paciente; é doce e benfazeja; a caridade não é invejosa; não é temerária e precipitada; não se enche de orgulho; não é desdenhosa; não procura seus próprios interesses; não se melindra e não se irrita com nada; não suspeita do mal; não se regozija com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre. Agora, estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade, permanecem; mas, entre elas, a mais excelente é a caridade”.

É praticando a caridade que o ser humano consegue desenvolver o amor pelo próximo, a solidariedade humana e a fraternidade universal. Aquele que é solidário aprende a compreender melhor o outro. Compreendendo principalmente os mais próximos consegue perdoá-los; perdoando, desenvolve dentro de si o sentimento de bondade. Ao ser bondoso, torna-se fraterno. E pela fraternidade desenvolve o amor universal.

Ao praticar o amor ao próximo, depois de conhecer a solidariedade humana, a compreensão, o perdão, a bondade e a fraternidade, o ser humano consegue debelar dentro de si o egoísmo, o orgulho, a vaidade e o ódio, adquirindo o senso de justiça que lhe permite distinguir o bem do mal.

Tendo aprendido a ser bondoso, por meio do desenvolvimento da caridade ao próximo, pela prática do senso de justiça, o ser humano torna-se sábio, conduzindo-se pela evolução do seu espírito e trilhando o caminho da perfeição para chegar a Deus.

Em “O Livro dos Espíritos”, Livro Terceiro, capítulo XI, questão 886, Allan Kardec perguntando sobre o verdadeiro sentido da palavra caridade, tal como entendia Jesus, obteve dos espíritos a resposta de ser a benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições alheias e o perdão das ofensas.

Sobre essa questão, Allan Kardec esclarece que o amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, porque amar ao próximo é fazer-lhe todo o bem possível, e que desejaríamos que nos fosse feito. Tal é o sentido das palavras de

Jesus: “Amai-vos uns aos outros como irmãos”.

Continuou Allan Kardec que a caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola, mas abrange todas as relações com os nossos semelhantes, quer se trate de nossos inferiores, iguais ou superiores. Ela nos manda ser indulgentes porque temos a necessidade de indulgência, e nos proíbe humilhar o infortúnio, ao contrário do que comumente se pratica. Se um rico nos procura, atendemo-lo com excesso de consideração e atenção, mas se é um pobre, parece que não nos devemos incomodar com ele. Quanto mais, entretanto, sua posição é lastimável, mais devemos temer aumentar-lhe a desgraça pela humilhação. O homem verdadeiramente bom procura elevar o inferior aos seus próprios olhos, diminuindo a distância entre ambos.

Observando o esclarecimento de Allan Kardec, pode ser visto que Jesus deixou a todos diretrizes básicas por meio de atos e exortações com os seus sermões, mas acima de tudo, deixou um exemplo de conduta, humildade e simplicidade, mostrando a importância da prática dos seus ensinamentos na reforma moral do ser humano.

Com base nisso, Allan Kardec afirma no livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo XV, item 3, que toda a moral de Jesus resume-se na caridade e na humildade, ou seja, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho.

Para que se possa ter uma ideia sobre isso, Allan Kardec esclarece que em

todos os seus ensinamentos, Jesus mostra essas virtudes como sendo o caminho da felicidade eterna. Disse ele: “Bem aventurados os pobres de espírito, quer dizer, os humildes, porque deles é o reino dos céus; bem aventurados os que têm puro o coração; bem aventurados os que são brandos e pacíficos; bem aventurados os que são misericordiosos; amai o vosso próximo como a vós mesmos; fazei aos outros o que quereríeis que vos fizessem; amai os vossos inimigos; perdoai as ofensas, se quiseres ser perdoados; fazei o bem sem ostentação; julgai a vós mesmos antes de julgar os outros”. Humildade e caridade, eis o que Jesus não cessa de recomendar, ele mesmo dá o exemplo; orgulho e egoísmo, eis o que não cessa de combater; mas faz mais do que recomendar a caridade, coloca-a claramente e em termos explícitos como condição absoluta da felicidade futura.

Ao ser mencionado anteriormente a compaixão que o cavaleiro teve para ajudar o ancião a atravessar o rio, ou o altruísmo da professora que construiu a escola para ajudar as crianças da comunidade, ou ainda a abnegação de Albert Schweitzer ao cuidar de doentes no continente Africano, lembrando ainda da bondade de Madre Tereza de Calcutá pelo seu trabalho de assistência junto aos pobres na Índia, ou então a generosidade de Bezerra de Menezes ao atender pacientes sem cobrar um centavo, pode-se perceber que todos praticaram a caridade, onde um destacou-se mais em sua ação de benevolência do que o outro. Na verdade, a pessoa caridosa em seu íntimo sente compaixão pelo próximo, é altruísta e abnegada na caridade que pratica, tornando-se

naturalmente bondosa e generosa com todos.

Por isso, entre muitos outros, podemos contar a história da Irmã Dulce, que se destaca por seu trabalho de caridade por meio de sua obra social.

Maria Rita nasceu em Salvador, no estado da Bahia no ano de 1914, desencarnando em 1992. Ainda criança, costumava rezar pedindo sinais para saber se devia casar ou seguir a vida religiosa. Com treze anos, já despertava o desejo de dedicar-se à atividade religiosa. Assim, começou a ajudar pessoas que viviam na mendicância e a doentes, dando-lhes comida e remédios.

Passou a fazer caridade em sua própria residência que ficou conhecida como “A Portaria de São Francisco”, tal era o número de pessoas necessitadas que se juntavam naquele local.

Com dezenove anos de idade, entrou para o convento de Nossa Senhora do Carmo, onde Maria Rita escolheu para si o nome de Irmã Dulce.

Aos vinte e dois anos criou a União Operária São Francisco, dando origem ao Círculo Operário da Bahia, que era um movimento com a finalidade de abrigar doentes que recolhia nas ruas.

No ano de 1949, ocupou um pequeno galpão ao lado do convento transformando-o em um albergue com a permissão de sua superiora, onde abrigou inicialmente setenta doentes. Com o passar do tempo o local fora se transformando, abrigando hoje o Hospital Santo Antonio.

Em 1988, Irmã Dulce foi indicada ao Prêmio Nobel da Paz, e no ano de

2000, depois de morta, foi homenageada pelo Papa João Paulo II, com o título de “Serva de Deus”, pois por mais de cinquenta anos dedicou-se a dar assistência aos pobres, doentes e necessitados.

De forma geral, tem-se a ideia de que a caridade é dar uma esmola. Esse ato já é um começo para se praticar a verdadeira caridade, isso porque na esmola pratica-se a caridade automática sem muito sentimento, onde muitas vezes a pessoa faz para mostrar que está fazendo a caridade.

Quando o ser humano passa a dar a esmola com o sentimento de ajudar realmente, dialogando com a pessoa para procurar entender as suas necessidades, começa a ter uma melhor ideia do seu sofrimento, passando a condoer-se por ela. Neste momento é que está sendo dado início a sua ação caridosa.

A visita a hospitais, orfanatos e asilos, pode ajudar no desenvolvimento de uma sensibilidade mais apurada, onde a pessoa consegue dedicar-se de maneira natural à caridade, alcançando posteriormente, com a continuidade da ação, a compaixão, chegando a uma ação natural de bondade e generosidade, caracterizando a verdadeira caridade que o ser humano pode fazer ao próximo no percurso de seu próprio aprimoramento para chegar a Deus.

## 40 - A CONVICÇÃO COMO A CRENÇA DE UMA CAUSA OU IDEIA BASEADA NA RAZÃO

A convicção, segundo pode ser vista nas literaturas, é a certeza que uma pessoa tem sobre um determinado assunto ou ideia, baseada em provas ou na razão, por meio do aprendizado obtido com experiências, trazendo o seu convencimento, onde passa a acreditar no que julga ser uma verdade.

Essa é a verdadeira convicção que o indivíduo deve ter. No entanto, há pessoas que, por meio do convencimento de outras, formam entre si uma crença, que é o estado psicológico onde elas passam a deter uma proposição para a verdade, acreditando naquela ideia como sendo soberana em relação a qualquer outra. Passam a defender um dogma que nem sempre é baseado na razão, aceitando-o ou sendo persuadidos a aceitar como uma verdade absoluta.

A convicção também pode ser vista por outro ângulo, ao ser compreendida como uma crença que uma pessoa pode ter para modificar o seu comportamento e a sua atitude perante a vida por meio do seu convencimento, motivando a sua transformação interior. Mas também pode ser entendida como a vontade que uma pessoa pode ter para realizar uma missão ou alcançar um propósito. E esta forma de convicção é a mais importante para o indivíduo, porque passa a acreditar no que pode fazer e fica convencido da atitude que deve tomar para a sua realização, que muitas vezes é baseada na razão, e outras na intuição, mas na verdade se tiver o preparo e a qualificação para aquilo que se propõe, terá

certeza do seu sucesso. E se essa for a sua missão terá toda a ajuda da espiritualidade para ser bem-sucedido naquilo que se propõe a fazer.

A convicção vista nesse formato, nos faz lembrar da história de Abraham Lincoln, 16º presidente dos Estados Unidos, que tendo nascido no ano de 1809, em Hodgenville, Kentucky, nos Estados Unidos, morreu assassinado em 1865 com cinquenta e seis anos de idade.

Filho de camponeses, Lincoln quando pequeno morou próximo a uma floresta, em uma casa construída em madeira. Aos nove anos de idade perdeu a sua mãe. Ainda pequeno, trabalhando como engraxate, dizia para as pessoas que seria presidente dos Estados Unidos. Falava com muita convicção, mas as pessoas riam dele.

Com uma infância de muito trabalho e dificuldades, conseguiu chegar à maioridade, conquistando uma educação formal, tendo diversos empregos. Como lenhador, trabalhou em uma serraria. Foi também barqueiro, onde navegava pelos rios Mississipi e Ohio. Foi balconista e chefe dos correios na cidade em que vivia.

Com vinte e três anos, Lincoln junto com um amigo comprou uma pequena loja em New Salem, onde, em pouco tempo, vendeu a sua parte e deu início a sua carreira política alcançando popularidade local, conseguindo eleger-se como deputado pela Assembleia daquela cidade. Nessa época já estudava Direito, formando-se em 1837, começando a trabalhar defendendo as causas dos pobres e

humildes.

Em 1842, aos trinta e três anos de idade, casou-se com Mary Todd. Quatro anos depois, elegeu-se deputado federal passando a trabalhar incansavelmente pelos direitos sociais na política, chegando à presidência da República em 1861 com cinquenta e dois anos de idade.

Durante esse tempo propôs a emancipação gradativa dos escravos, onde seus discursos e debates em torno da escravidão fizeram com que fosse conhecido e popular. Provavelmente, por causa disso, grandes transformações sociais começaram a ocorrer no país, onde Lincoln assumiu a posição antiescravagista, tornando-se o paladino dessa tendência.

Durante o seu governo como Presidente da República teve de enfrentar o separatismo de vários estados escravagistas do sul, sendo firme e prudente, ratificando a soberania nacional sobre os estados rebeldes, convidando-os à conciliação, porém os confederados não concordaram e assim estabeleceu-se grande luta com os republicanos. Em 1864, Lincoln foi reeleito. Um ano depois, os confederados renderam-se aos republicanos.

Apesar de Abraham Lincoln ser considerado conservador, as últimas proposições foram bem modernas ao preparar um programa de educação dos escravos libertados, sugerindo a concessão de voto a uma parcela de ex-escravos e outras atividades.

O trabalho de Abraham Lincoln foi de grande importância para o mundo,

porque tratou dos direitos humanos de homens e mulheres que até então eram escravizados, proclamando a emancipação, que declarava livres os escravos, dando ênfase de que todo o indivíduo independente de raça ou procedência é igual perante Deus, devendo ser respeitado no direito de conduzir-se com a mesma liberdade que qualquer outro na sociedade.

O que determinou o trabalho de Abraham Lincoln foi sua grande convicção trazida do mundo espiritual como bagagem, onde desde criança já conhecia intuitivamente a missão que viria a ter na Terra, como principal responsável da libertação da escravidão.

É muito importante que a pessoa esteja convicta de seus atos e de suas atitudes, para que tenha certeza de que está no caminho certo, seja em uma pequena tarefa ou em uma grande missão.

O grande valor que o indivíduo pode ter para a sociedade, é ser respeitado pela sua convicção por meio da sua conduta moral e pelos exemplos que pode dar a partir de suas atitudes, podendo levar o convencimento a outras pessoas, para ajudá-las a conduzirem-se na sua vida em direção ao bem.

## 41 - A PRUDÊNCIA COMO CAPACIDADE PARA DISPOR A RAZÃO COM CAUTELA NA SOLUÇÃO DE UM ASSUNTO

De acordo com o seu significado, a prudência é uma qualidade do ser humano ou até pode ser considerada uma virtude, onde este se comporta em suas ações e atitudes, evitando o perigo ou uma consequência danosa, denotada pela precaução, atenção e cautela que deve ter, para lidar com os acontecimentos que se interpõem na sua existência.

A precaução permite que o indivíduo tome todos os cuidados antecipadamente, para prevenir algo que pode acontecer fora do esperado. A atenção é uma concentração mental que ele deve ter quando está fazendo alguma coisa específica, e a cautela é o excesso de cuidado que a pessoa toma, com o objetivo de prever algum dano. Essas são as características de um indivíduo prudente.

A prudência no falar ou lidar com os outros é muito importante para que o ser humano possa evitar ofender ou humilhar o outro, principalmente publicamente, tomando cuidado com o que fala, bem como tendo atenção para não desviar-se do assunto pretendido e cautela para não criar um ambiente negativo. Assim, utilizando a prudência, o ser humano poderá ajudar as pessoas por meio de decisões sábias baseadas em princípios morais.

A pessoa prudente costuma preocupar-se com o que é certo ou errado, e isso pode ser alcançado pela construção de uma base moral eficaz, tornando-se uma qualidade, onde passa a ter a noção do que deve ser feito para alcançar um bom resultado.

Para desenvolver a prudência, o ser humano deve ter a consciência da justiça ao sentir empaticamente que deve tratar os outros como gostaria de ser tratado. Deve possuir a temperança, responsável pelo equilíbrio, a parcimônia diante de sua atitude, e a coragem para decidir o que deve ser feito para ultrapassar uma circunstância difícil.

Depois de falarmos de tantas definições sobre a prudência, podemos nos lembrar de como eram realizados os réveillons da praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, onde reuniam-se milhares de pessoas na orla de quase seis quilômetros de extensão.

Em todas as passagens de ano, havia queima de fogos com várias estações distribuídas ao longo da praia, posicionadas na areia próximo do calçadão da praia, na Avenida Atlântica, oferecendo uma visão impactante, espetacular e perigosa, uma vez que os fogos eram lançados e alguns explodiam ainda no solo, podendo atingir pessoas.

Na passagem do ano de 2000 para 2001, aconteceu o inevitável. No lançamento dos fogos na estação localizada entre as ruas Miguel Lemos e Djalma Ulrich, alguns estouraram na areia fazendo mais de quarenta vítimas que

foram feridas por fragmentos de plástico usados nos fogos de artifício. A tragédia terminou com um turista morto.

Este acontecimento fez com que as autoridades repensassem todo o procedimento do espetáculo. Despertando para a prudência, buscando evitar um novo desastre, precaveram-se, estudando novos modelos de lançamento de fogos, acautelando-se ao tomar decisões técnicas dentro de normas de segurança para não trazer mais danos às pessoas.

As autoridades técnicas e responsáveis pela festividade mudaram a estratégia para réveillons que sucederiam, instalando balsas em várias posições por toda a orla da praia com uma distância segura em relação à areia, onde os fogos, que atualmente são colocados em canhões e projetados para o alto, não conseguem chegar até a margem da praia, oferecendo um espetáculo ímpar, em que um ano supera o outro pela sua beleza e técnicas que vão modernizando-se.

Outra medida de prudência tomada pelas autoridades, foi não permitir a tradicional cascata do antigo Hotel Meridien, evitando assim que as faíscas artificiais pudessem provocar algum incêndio no prédio, mostrando o cuidado e a cautela que passaram a ter, onde pôde ser verificado que, passando-se mais de uma década, o réveillon da praia de Copacabana nunca mais teve um acidente dessa natureza, de maneira que, a segurança feita com prudência, tornou-se uma norma, sendo todo o processo finalizado para que toda a instalação da queima de fogos possa ser realizada na mais perfeita ordem.

Hoje, os fogos de artifício da praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, celebram a passagem do Ano Novo. Duram de quinze a vinte minutos. Tempo idealizado para que uma multidão de quase dois milhões de pessoas possa ver o grandioso espetáculo. Transatlânticos lotados de turistas ficam do outro lado das balsas mantendo uma distância segura, podendo também apreciar a queima de fogos da cidade maravilhosa do Rio de Janeiro com toda a segurança em função da prudência que os organizadores estão tendo para evitar que nada aconteça a todos que a assistem.

Ao ser analisado como foi conduzido todo o procedimento que modificou a forma de apresentação do réveillon da praia de Copacabana, pôde ser compreendido que todas as ações foram tomadas a partir de experiências adquiridas, mesmo que negativas, onde puderam ser observadas as falhas de todo o processo anterior, sendo aproveitadas como aprendizado, tendo sido realizadas todas as modificações a partir de critérios baseados em precauções e acautelamentos que visaram a melhor solução, mostrando o desenvolvimento dessa qualidade nas pessoas que têm que decidir sobre o que é mais seguro, tornando-se prudentes em suas posições.

## 42 - A SENSATEZ COMO CARACTERÍSTICA DE UM EQUILÍBRIO E BOM SENSO PARA DEFINIR UM ASSUNTO

A sensatez é uma qualidade vista em diversas literaturas, por meio da qual o indivíduo passa a ter o bom senso para fazer escolhas com cautela e equilíbrio, tendo para isso a habilidade necessária para distinguir o falso do verdadeiro por meio da razão para raciocinar, avaliar e julgar o que acontece com relação a si, a outros ou a algum assunto que tenha que ser apresentado por ele a alguém ou à sociedade.

O bom senso é uma sensibilidade que o indivíduo adquire ao longo da vida, ao precisar fazer escolhas corretas, tendo que aprender a agir de maneira independente e a desenvolver a eficiência para conduzir-se nas suas ações ou atitudes. Algumas pessoas fazem confusão entre bom senso e bom gosto, mas, na verdade, o segundo denota uma sensibilidade relativa do ser humano, que passa ter o gosto de acordo com a cultura, a época ou segmento social, onde faz uma harmonização entre decoração, estilo e cores.

A razão é a faculdade que o ser humano desenvolve de compreender pela capacidade do pensamento indutivo, utilizando a sua inteligência para fazer um julgamento por meio de argumentos e de abstrações, com habilidade para fazer avaliações de forma correta, por meio do juízo que pode fazer de determinado

assunto com bom senso e sensatez, mantendo o equilíbrio do que está falando ou apresentando.

A pessoa sensata é discreta no que fala e reservada nos seus atos e nas suas atitudes, podendo ser equilibrada em suas ideias e agir de forma ponderada, sendo cautelosa na aplicação da razão para julgar, e providente para, no momento certo, abordar um assunto vulnerável ou difícil.

Pode então ser dito que a sensatez é a qualidade onde o ser humano fala, escreve ou age com moderação, utilizando o bom senso e a razão de maneira eficiente no juízo ou julgamento equilibrado sobre determinado assunto.

Ao descrever a sensatez como a razão e o bom senso, temos que obrigatoriamente lembrar de Hippolyte Léon Denizard Rivail, que utilizou o pseudônimo Allan Kardec para escrever as obras da codificação do Espiritismo.

Nasceu em Lion, na França, no ano de 1804, desencarnando em 1869. Estudou na Escola de Pestalozzi, na Suíça, sendo grande discípulo deste. Aos quatorze anos de idade, dava aulas gratuitas de reforço escolar, formando-se quatro anos depois em ciências e letras.

Voltou para a França e algum tempo depois já tinha concluído vários cursos, tornando-se poliglota. Conhecía, além do Francês, também inglês, alemão, holandês, espanhol e italiano. Casou-se com Amelie Gabrielle Boudet, em 1832.

Dois anos depois começou a dar aulas e a escrever várias obras sobre educação, editando-as logo em seguida. Mais tarde, organizou um manual de

aritmética e escreveu vários livros pedagógicos, ficando muito conhecido na França pelas suas obras de educação durante toda a sua carreira de professor e diretor do colégio.

Foi quando, aos cinquenta anos de idade, haveria de começar uma grande mudança em sua vida, a partir da investigação das mesas girantes até o início de seu primeiro livro da codificação em 1857. Um ano depois fundava a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, passando os onze anos restantes de sua vida envolvido com a edição dos demais livros da codificação e, posteriormente, na divulgação do espiritismo.

Em todo o trajeto de sua vida, Denizard Rivail estudou e desenvolveu-se pelo aprendizado que adquiriu, preparando-se para sua grande missão como Allan Kardec, onde teve que lidar com várias situações, tendo a sensatez para conduzir o seu trabalho de maneira eficaz e o bom senso para saber o que era certo e errado diante dos desafios que interpuseram-se à sua frente, executando a sua obra, tendo em vista a razão que adquiriu pelo raciocínio, permitindo analisar o que seria melhor para que a informação da espiritualidade chegasse até aqueles que puderam aproveitar esses ensinamentos no aprimoramento de seu espírito.

Esta sensatez que teve Allan Kardec permitiu que todo o seu trabalho fosse feito com disciplina, perseverança e organização, superando os obstáculos e alcançando o objetivo pretendido. Com essa experiência, pôde sustentar que a fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão face a face em todas as épocas da humanidade, mostrando que por causa desse pensamento, teve

condições de se tornar o grande missionário de Deus para desvendar o desconhecido entre o mundo material e o espiritual.

Ao conhecer a sensatez, o ser humano pode compreender pela ponderação nas suas ações e atitudes, que deve ser cauteloso evitando consequências no que fala por meio de comentários que tragam intrigas ou desentendimentos. Deve afastar-se de situações que o induzam a cometer erros e falhas, agindo com descrição, sem alaridos ou críticas nas decisões que envolvam outras pessoas. Mas, o mais importante para o ser humano diante da sensatez, é saber passar uma informação de forma que ela possa instruir e convencer pela razão e o bom senso que ela está sendo mostrada.

## 43 - A ORGANIZAÇÃO COMO CAPACIDADE DE ESTRUTURAÇÃO DE VIDA DO SER HUMANO

Em concordância com o que se escreve sobre o assunto, a organização é a maneira ordenada que um indivíduo arruma as coisas. Pode estar relacionada à criação de métodos e procedimentos para construir um sistema mais eficiente e eficaz, de forma que, quando for necessário ter o conhecimento de alguma coisa, esta possa ser encontrada a partir de uma ação rápida, ordenada e clara, simplificando todo o processo de metodologia disciplinar pessoal, na realização de um trabalho ou na administração de uma sociedade.

Uma instituição, seja ela de atividade comercial, governamental ou social, só consegue sobreviver se tiver uma metodologia organizacional bem definida e um bom relacionamento entre as pessoas que fazem parte dela. O sucesso da instituição está relacionado ao grau de organização que ela possa ter dentro da sociedade. A ordem e a metodologia de todo o procedimento garante a evolução de uma administração e a eficácia de seu funcionamento podendo alcançar, assim, os objetivos pretendidos.

A organização é fator de suma importância para o ser humano na tentativa de se obter sucesso em suas ações. Muitas pessoas são naturalmente organizadas, outras precisam desenvolver esse hábito.

A limpeza em sua arrumação é um dos primeiros hábitos que o ser humano

deve se apropriar para o seu desenvolvimento, facilitando a criação de métodos em tudo o que faz, passando a ter procedimentos em suas ações que devem ser executados de maneira disciplinar, podendo ganhar a partir de então a eficiência em tudo o que realiza, acostumando-se a fazer as coisas de maneira eficaz e determinando tudo com bastante clareza. As pessoas podem assim ter uma grande ordenação em suas vidas, passando a ter facilidade para tomar decisões e aprimorar a sua metodologia, para que fique mais moderna, promovendo a evolução das suas ações e atitudes por meio da constância e a ordenação de métodos, conseguindo galgar posições nunca alcançadas.

A partir daí, pode-se compreender os quesitos que ajudam uma pessoa a ser organizada em sua vida pessoal ou mesmo coletivamente. Ao pesquisarmos sobre países bem organizados, tivemos o conhecimento de um pequeno país, que na verdade é uma cidade-estado, chamado Singapura. Localizado na ponta sul da Península Malaia no Sudeste Asiático, aproximadamente a cento e quarenta quilômetros do norte da Linha do Equador, o país é constituído por mais de sessenta ilhas, das quais a Inglaterra obteve a soberania completa no ano de 1824. Singapura foi ocupada pelo Japão, na segunda guerra mundial, voltando ao domínio britânico após a guerra. O território uniu-se a outros para formar a Malásia, tornando-se independente ao separar-se dela em 1965. No ano de 2009, a população de Singapura era de cinco milhões de habitantes.

Singapura tornou-se um exemplo de organização urbana. Apresentando uma gastronomia cinco estrelas numa das cidades mais limpas do mundo. Talvez, sua

organização deve-se ao fato de Singapura ter sido colônia britânica, tendo absorvido hábitos e costumes, o que pode ser percebido pela mão inglesa no trânsito de suas ruas, nos cinquenta anos, desde a sua independência, bem como pela introdução do inglês como língua oficial nas escolas, além da criação de leis que multavam quem jogasse lixo nas ruas, e para conseguirem acabar com esse mau hábito de vez, passaram a punir com serviços sociais, quem fosse pego cometendo a infração.

A partir de métodos e procedimentos aprendidos pela reminiscência inglesa, passaram a melhorar as condições de estudo de toda a população, havendo hoje um excelente nível de escolaridade de seus habitantes.

Por causa de sua posição estratégica, a cidade de Singapura tem o porto mais movimentado do mundo pela redistribuição de cargas entre o ocidente e o sudeste asiático, e isso em função da melhor rota desde o Canal de Suez ao Estreito de Malaca, tornando-se o caminho mais curto entre o Oceano Índico e o Pacífico.

A economia de Singapura tem a sua base no capitalismo financeiro industrial, tornando-se líder mundial em diversas áreas, sendo por isso o quarto principal centro financeiro e o terceiro maior centro de refinação de petróleo do mundo. Em vista disso, o Banco Mundial considera a cidade como o melhor local do planeta para negócios, residindo por lá o maior número de famílias com grandes posses.

Em função dessa economia vitoriosa, pode-se compreender que ali houve uma ordenação de métodos e procedimentos, baseados em uma forte disciplina que garantiram resultados eficientes, tornando toda a sua administração clara e eficaz. Assim, puderam traçar diretrizes para criar uma estrutura para manter as ruas e os locais limpos. Organizaram a educação maciça da população, conseguindo por essa ordenação criar uma metodologia inteligente, levando as pessoas, a partir dessa administração, a gerar uma economia estável, onde hoje a cidade é muito bem estruturada em seu trânsito, oferecendo uma ampla rede de metrô. Observa-se um enorme crescimento da cidade por meio de edificações construídas a partir de uma arquitetura bastante moderna, tendo sido criada uma rede hoteleira e diversas atrações que movimentam o turismo na cidade, dando mostras de uma organização implacável por tudo o que a cidade de Singapura pode apresentar para o mundo.

Voltando à organização pessoal, pode-se destacar que para uma pessoa que quer aprimorar a ordenação de seus hábitos, por meio de uma metodologia mais apurada, é necessário que ela faça um planejamento do que deseja fazer, colocando as prioridades bem definidas, otimizando horários para tudo o que tiver que ser executado, tendo em vista o tempo a ser utilizado em cada ação ou compromisso. É sempre importante passar a conviver com pessoas organizadas. No final de tudo, deve ser feita uma avaliação da maneira como a pessoa está se conduzindo. Com o tempo e a constância, tudo se tornará um hábito e posteriormente uma qualidade, onde essa pessoa estará conduzindo-se

naturalmente de modo organizado, e com certeza poderá perceber o resultado positivo que todo esse procedimento pode lhe trazer, podendo então considerar-se uma pessoa organizada.

## 44 - A ASSIDUIDADE COMO FATOR PREPONDERANTE À REGULARIDADE DO SER HUMANO

A assiduidade, segundo pode ser observado em seu significado, é a qualidade que uma pessoa tem para cumprir compromissos com frequência e regularidade, praticando essa ação com zelo e dedicação, dando mostras de constância e diligência por sua atitude disciplinar e responsável.

Em sua forma geral, a assiduidade é compreendida pela ação, em que a pessoa está sempre presente ao compromisso assumido. Apesar de não ter o mesmo significado, a pontualidade tem similaridade com a assiduidade, por denotar disciplina com respeito a normas do horário, estipulado pelo zelo, tendo em vista a consideração e o respeito que a pessoa tem pela outra ou pelo compromisso assumido, e a responsabilidade que tem dentro de si para chegar na hora prevista.

A pontualidade no mundo ocidental é tolerada com base num atraso de cerca de quinze minutos. No entanto, na Inglaterra, por exemplo, o cidadão inglês é pontualíssimo, e esse hábito ficou tão conhecido, que em outros lugares, quando uma pessoa costuma chegar sempre no horário estipulado, geralmente é dito que ela tem uma pontualidade britânica.

A assiduidade a um determinado compromisso que ocorre com relativa

frequência, quando feita com regularidade e diligência, dá ao ser humano mostras de caráter e responsabilidade no que se comprometeu, conquistando respeito de todos pela sua atitude disciplinar, ao dedicar-se no comprometimento daquilo que assumiu.

Temos lembrança de quando éramos jovens, por volta dos quinze anos de idade, estudávamos em uma escola industrial, e na ocasião começamos a participar da banda de música dessa escola, onde aprendemos a tocar trompete, que é um instrumento de solo. Quando terminamos o curso, uns anos depois, saímos da banda e a partir dos conhecimentos adquiridos com a música passamos a tocar o órgão eletrônico.

Aos vinte e cinco anos de idade, depois de já ter participado de alguns grupos musicais, entramos em um novo grupo, conhecendo um músico que tinha grande habilidade no trompete. O grupo apresentava-se em vários locais, sendo bem conhecido na cidade, mas tinha um problema: a assiduidade do trompetista. Em diversas ocasiões, ao sermos contratados para apresentações em bailes em alguns clubes, o músico não comparecia ou chegava atrasado, obrigando que o órgão e o trombone preenchessem o lugar do trompete, desdobrando-se para garantir o espetáculo.

Excelente músico, com muita experiência e grande bossa, mas péssimo profissional. Tinha estado alguns anos antes de nós na banda de música da escola industrial. Mais de quinze anos de profissão. Na época havia uma carência de músicos de trompete. O dono do grupo musical não tinha muita escolha,

sujeitava-se a falta de assiduidade do trompetista que continuava mostrando-se indisciplinado com relação aos horários dos ensaios e das apresentações, denotando uma grande irresponsabilidade frente ao compromisso com o trabalho.

O tempo passou, aparecendo um jovem que tinha pouco tempo de música, não apresentava a grande bossa que o outro, mas o dono do grupo, cansado de aturar o músico irresponsável pela sua impontualidade e falta de assiduidade, tomou a decisão de terminar o contrato com ele, empregando o jovem trompetista.

O grupo musical perdeu um grande músico que se destacava dos outros pela sua bossa, mas ganhou em harmonia, já que o jovem de toque simples, mas constante e regular, mostrou grande dedicação e assiduidade nos seus compromissos, como também na pontualidade, permitindo que o grupo ensaiasse melhor o seu conjunto, melhorando sensivelmente as suas apresentações e passando a ser mais respeitado pela qualidade harmônica com a qual se apresentava.

Isso nos fez ver que muitas vezes a responsabilidade e um compromisso assumido com assiduidade, têm muito mais valor do que a exuberância sem comprometimento, dando mostras à importância que uma pessoa pode ter pela sua frequência, regularidade e pontualidade frente ao seu determinismo de fazer o melhor para alcançar um resultado satisfatório.

A assiduidade é uma grande qualidade que o ser humano pode ter, porque permite que mesmo para aqueles que ainda não têm experiência de vida ou até de profissão, possam por meio da regularidade, da constância e da pontualidade ter a responsabilidade dentro de si para aprenderem pela disciplina com relação ao que estão tratando, e com humildade e muita vontade, podem conquistar tudo o que quiserem e se tornar grandes profissionais naquilo que tiverem escolhido para conduzirem-se na vida, como grandes pessoas que aprenderam a ter compromisso consigo e com a sociedade.

## 45 - A RESPONSABILIDADE COMO CAPACIDADE DE RESPONDER POR SEUS PRÓPRIOS ATOS

A responsabilidade, segundo o que pode ser encontrado nas literaturas produzidas por estudiosos sobre o assunto, é a capacidade que o ser humano pode ter de arcar com o seu próprio comportamento perante alguma ação ou de responder por alguma coisa que lhe foi confiada, assumindo assim a consequência desse ato.

A responsabilidade de uma pessoa pode ser percebida a partir do seu posicionamento diante de uma decisão a ser tomada, em que de alguma forma ela tenha participado, dando a sua opinião ou tendo dado alguma ideia que possa ter alterado o comportamento do assunto a ser decidido.

Mas, na verdade, a responsabilidade, mais do que uma qualidade, é um dever, quando é dado a uma pessoa o encargo para assumir uma missão ou uma tarefa junto à família, frente aos amigos, ou diante de um trabalho, tendo esta pessoa a responsabilidade de acompanhar todos os passos daquilo que lhe foi entregue, passando a tomar todos os cuidados para que nada aconteça de errado em tudo o que lhe foi confiado.

Diante da família, tanto o homem quanto a mulher tem a responsabilidade de garantir o sustento e a administração do seu lar, por meio do trabalho que podem

conseguir, constituindo uma renda para o equilíbrio financeiro e do bem-estar da casa, onde os dois podem trabalhar e cuidar do lar ou dividir essas tarefas. Com a chegada de filhos, passam a ter o dever e a responsabilidade sobre a sua educação e manutenção até a maior idade.

Diante dos amigos, o homem ou a mulher passa a ter a responsabilidade nos compromissos que quiserem assumir com eles diante de uma tarefa, festividade ou parceria. Na verdade, a pessoa que é responsável tem essa qualidade perante qualquer coisa que assuma com alguém, passando a tomar conta daquilo que lhe foi atribuído, de maneira que tudo possa dar certo, garantindo a confiabilidade depositada na sua tarefa por meio da diligência, ordem e assiduidade que uma pessoa responsável deva ter.

Perante o trabalho, tanto o homem como a mulher deve ter a responsabilidade e o dever de realizar as tarefas pelas quais foram contratados, com disciplina, prudência, assiduidade e organização, garantindo a qualidade dos serviços que lhe foram confiados, podendo evoluir profissionalmente pela observância de todas essas qualidades.

Um amigo nosso contou-nos certa vez que trabalhou muitos anos em uma empresa, onde seu chefe era uma pessoa muito responsável. Disse-nos que uns anos atrás havia sido contratado por essa empresa junto com ele. Com o decorrer do tempo, devido a sua dedicação e assiduidade no trabalho, passou a ser responsável por determinado serviço.

A tarefa era pequena, mas o rapaz tomava todos os cuidados necessários para que o serviço fosse entregue correto de forma eficiente. Tendo dominado aquela tarefa, passou a responsabilizar-se por um serviço maior. A experiência do primeiro serviço fez com que ele passasse a organizar-se melhor, tendo com isso o conhecimento de todos os detalhes daquela tarefa.

Sua dedicação ao trabalho, dava mostras de uma grande responsabilidade, a tal ponto que, ao ocorrer algum problema, não descansava enquanto não encontrava a solução para o bom andamento daquele serviço.

Com o tempo, a direção da empresa lhe ofereceu a chefia de um setor que tinha vários serviços em andamento, e como já possuía grande experiência, passou a supervisionar alguns serviços, colocando alguns funcionários mais gabaritados na posição de coordenação para auxiliá-lo com as atividades maiores e mais complexas.

Incansável, estava sempre atento aos detalhes de organização das tarefas, trazendo soluções para os problemas que se apresentavam. Quando não conseguia resolvê-los, determinava que profissionais mais competentes trouxessem resultados para as questões, equacionando o assunto pretendido.

Certa ocasião, a diretoria, promovendo um controle de qualidade na empresa, fez uma avaliação de todos os funcionários, premiando alguns pela sua capacidade profissional. O chefe do setor foi premiado com um diploma como o funcionário de grande responsabilidade, prêmio esse ganho pelo reconhecimento

da diretoria ao funcionário que tantos anos trabalhava na empresa, e nesse período teve disciplina em todas as suas ações, pontualidade em seus compromissos. A assiduidade era o seu ponto forte, que lhe assegurava uma dedicação às tarefas que estavam em seu poder, comprometendo-se com todas as dificuldades encontradas, trazendo resultados nas soluções dos problemas, determinando que todas essas qualidades em conjunto davam ênfase a sua grande responsabilidade em tudo o que fazia, mostrando que isso também acontecia na estrutura de sua vida particular. E isso, disse-nos o meu amigo, é que me fez sempre admirá-lo e respeitá-lo pela grande pessoa que ele se tornou.

Muitas pessoas têm dentro de si a qualidade de ser responsável, que é a preocupação de estar fazendo a coisa certa, tomando o cuidado de corrigi-la quando sentir que há algum erro. Nesse caso, é importante uma sugestão sensata, sempre pensando em buscar uma solução para o problema, tendo sempre em mente que vai resolvê-lo, aproveitando sempre os erros para aprender a fazer certo. Procedendo desta forma, já é um grande passo para que a pessoa torne-se responsável pelo que faz e pelas atitudes que pode tomar diante de sua vida.

## 46 - A CORAGEM COMO CAPACIDADE DE CONFRONTAR O MEDO SEM SE INTIMIDAR

Em consonância com o que é encontrado nas literaturas, a coragem é a capacidade que o ser humano pode ter pela habilidade de enfrentar o medo, suportar a dor ou confrontar-se com o perigo de forma confiante, sem se intimidar, numa atitude de bravura, tornando-se valente pela sua determinação ou a persistência para conseguir o que deseja diante de um desafio ou em situações difíceis que exigem autoconfiança.

A coragem é uma grande qualidade do ser humano quando enfrenta desafios com confiança, mas é importante que mantenha a prudência, para que suas ações sejam pensadas e não realizadas por impulso.

A pessoa corajosa enfrenta o medo e defende aquilo que acredita. Diante do sofrimento, fortalece-se na fé e na esperança, suportando a dor, dando continuidade a sua vida cotidiana, não desistindo de seus objetivos. No enfrentamento de um perigo, a pessoa que tem coragem deve ser prudente e utilizar o bom senso, acreditando que tudo vai dar certo, e que ela fará o que for possível para garantir esse resultado.

Aquele que tem esta capacidade, a coragem, possui a motivação de ir mais além. Confronta-se com os desafios de seu cotidiano, tendo a preocupação de estar conduzindo-se de maneira correta. Apesar do medo se fazer presente, deve

ter o impulso para não desistir do que está fazendo e caminhar sempre adiante. Mesmo nos momentos de maior temor, a coragem aflora no ser humano, auxiliando no enfrentamento daquilo que o causa temência.

É importante ser colocado que para a coragem ser uma virtude, o ser humano deve ter a determinação para tomar uma decisão, muitas vezes com ousadia, mas sempre com prudência para que a sua ação não seja temerária. Algumas vezes deve ser audaciosa, mas sempre com o bom senso, para que possa ser decidida de forma a garantir o bom resultado.

Na Bíblia, no Novo Testamento, em Mateus capítulo 10, versículos 32 e 33, e em Lucas capítulo 9, versículo 26, Jesus disse que: “Todo aquele que der testemunho de mim diante dos outros, também eu darei testemunho dele diante de meu Pai que está nos céus. Mas todo aquele que me negar diante dos outros, também eu o negarei diante de meu pai que está nos céus. Porque se alguém se envergonhar de mim e de minhas palavras, dele se envergonhará o filho do homem quando vier na glória do Pai e dos santos anjos”.

No livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo XXIV, item 15, Allan Kardec diz que a coragem das convicções foi sempre apreciada entre os homens por ter o mérito de afrontar os perigos, as perseguições, as controvérsias a até o sarcasmo aos quais se expõe quase sempre os que receiam participar das ideias que não se acham generalizadas. Nisto, como em tudo, o mérito está na razão direta das circunstâncias e na importância dos resultados. Há sempre fraqueza em recuar diante das consequências da própria opinião, e em renegá-la,

havendo casos em que é grandíssima covardia fugir no momento do combate.

Continua Allan Kardec relatando que Jesus renega essa covardia, através da sua doutrina, dizendo que, se alguém se envergonhasse das palavras, também ele se envergonharia desse tal, e se esse o negasse, também ele o faria diante do Pai, que estás nos céus. Entre outros termos: os que temerem ser discípulos da verdade são indignos de ser admitidos no reino da verdade. Perderão os benefícios da crença por terem a convicção do egoísmo, guardando-a para si e escondendo-a com medo de que ela os prejudique no mundo; enquanto que aqueles que colocam a verdade acima dos interesses materiais e a proclamam abertamente, trabalham ao mesmo tempo pelo seu futuro, como pelos dos outros.

A coragem das convicções fortalece a crença da pessoa naquilo que pode fazer para ajudar outras e até defender um ideal. Isso nos lembra Mahatma Gandhi, nascido no ano de 1869, na cidade de Porbandar, na Índia Ocidental. Morreu assassinado em Nova Déli, em 1948, tendo em vida casado aos treze anos, de acordo com o costume de sua cultura, indo algum tempo depois para a cidade de Londres, na Inglaterra, para estudar Direito na University College. Voltou para a Índia em 1891, e como sua mãe havia falecido, aproveitou a oportunidade para ir para a África do Sul por um período de um ano representando uma empresa hindu.

Ao chegar na África do Sul, Gandhi percebeu a discriminação racial, despertando em si o sentimento de consciência. Como advogado, após resolver um caso difícil, passou a ser conhecido por sua atuação, onde ele mesmo relata

ter aprendido a descobrir o lado bom da natureza humana e entrar no coração dos homens, percebendo que a verdadeira função de um advogado é a de unir partes. Assim, Gandhi permaneceu durante vinte anos na África do Sul defendendo a minoria hindu que lá se encontrava.

De volta à Índia, no ano de 1915, ainda existiam as regras coloniais britânicas, onde Gandhi passou a ter um papel de conscientizador da sociedade hindu e muçulmana. Suas ações eram pautadas num movimento pacífico, que pretendia alcançar a independência indiana, rejeitando a força bruta, declarando que se mantinha solidário pela força do amor, da alma em paz e harmonia com todos.

Na liderança do movimento, Gandhi, pelos dedos, exibia o seu programa de cinco pontos importantes. Falava da igualdade de direitos, a qual deveria pertencer a todos; falava da não utilização do uso de álcool ou qualquer outro tipo de droga; enfatizava a unidade hindu-muçulmana; a importância da amizade entre todos e a igualdade das mulheres diante da sociedade. Eram esses os cinco pontos representados por todos os dedos de sua mão, que se conectavam ao pulso, simbolizando a não violência.

Assim, Gandhi posicionou-se contra a violência, defendendo sempre formas pacíficas de protesto por meio de greves, passeatas e outras atividades, ao liderar esse povo nos seus movimentos libertadores.

Mahatma Gandhi foi um revolucionário pela libertação da Índia do domínio

britânico, lutando pelos direitos dos hindus e muçulmanos. A sua ação denotou um grande ato de coragem ao se deparar e enfrentar tantos perigos, mas ainda assim caminhou adiante, alcançando o resultado pretendido, o qual lhe rendeu um reconhecimento por sua prudência, ao liderar todos esses movimentos com muita determinação, vencendo o medo pela sua ousadia de querer o melhor para um povo. E o fez por meio de um grande movimento pacífico, demonstrando a enorme elevação de sua alma.

A realização de seu objetivo ocorreu em 1947, quando a Índia tornou-se independente da Inglaterra. Devido a sua grandeza, Gandhi foi denominado Mahatma, que quer dizer “grande espírito”, servindo de fonte de inspiração para homens corajosos como Martin Luther King e Nelson Mandela, que lutaram para conseguir a igualdade de direitos para os povos de seus países.

A coragem é essa qualidade que faz o ser humano vencer o medo e ter confiança para enfrentar os desafios colocados a sua frente. E isso acontece a todas as pessoas que lutam para deixarem de ser passivas diante de acontecimentos que, por mais ocasionais que sejam, precisam de posição firme para tirar a humanidade desta corrupção em que as sociedades do mundo acostumaram-se no decorrer do tempo.

Hoje, uma quantidade maior de pessoas deixou de ser morna, porque passaram a ser mais esclarecidas. E isto tem ocorrido, levando em conta que o ser humano está tendo um nível de instrução mais elevado e uma maior intensidade dos conhecimentos morais, provocados pela grande disseminação

dos ensinamentos de amor e justiça trazidos por Jesus, que tem feito as pessoas ficarem mais atentas, tornando-se mais corajosas e mais determinadas para enfrentar os vícios de sociedades acostumadas aos desregramentos sociais, fazendo com que o ser humano lute com maior determinação por diretrizes mais igualitárias dentro de um senso de justiça e moral.

## 47 - A JUSTIÇA COMO EQUILÍBRO DO DIREITO IMPARCIAL, MORAL OU MATERIAL

Segundo o seu significado, a justiça é um sentimento e até uma virtude moral, que inspira o respeito pelos direitos de cada um, por meio de princípios morais que exige conduta justa com respeito ao direito e a equidade do ser humano, podendo ser manifestada como uma ação, onde há uma inteiração de equilíbrio razoável e imparcial de interesses entre as pessoas envolvidas. Nesse caso, há um modo de julgamento daquilo que é correto, havendo um entendimento de dar a cada um aquilo que lhe é devido, buscando a igualdade entre todos.

Em “O Livro dos Espíritos”, no Livro Terceiro, capítulo XI, questões 873 a 879, Allan Kardec tem um interessante esclarecimento dos espíritos sobre a justiça e o direito natural ao ser dito que o sentimento de justiça é de tal modo natural, onde o homem revolta-se ao pensamento de uma injustiça. O progresso moral desenvolve sem nenhuma dúvida esse sentimento, mas não o dá: Deus o pôs no coração do homem; eis porque é encontrado frequentemente entre os homens simples e primitivos noções mais exatas de justiça, do que entre pessoas de muito saber.

Continuam eles, que os homens entendem a justiça que é uma lei natural de maneira tão diferente, em geral porque misturam paixões ao julgamento, alterando esse sentimento, como acontece com a maioria dos outros sentimentos

naturais, e fazem ver as coisas sob um falso ponto de vista, onde um considera justo o que ao outro parece injusto.

Na outra questão, eles esclarecem que a definição da justiça consiste no respeito aos direitos de cada um, onde esses são determinados por duas coisas: a lei humana e a lei natural. Tendo os homens feito leis apropriadas aos seus costumes e ao seu caráter, essas leis estabeleceram direitos que podem variar com o progresso dos conhecimentos. Vejam se as leis dos homens de hoje, sem serem perfeitas, consagram os mesmos direitos que as da Idade Média. Esses direitos superados, que parece ao homem de hoje monstruosos, assemelhavam-se justos e naturais naquela época. O direito estabelecido pelos homens não é, portanto, sempre conforme a justiça. Não regula, aliás, mais do que algumas relações sociais enquanto que, na vida privada, há uma infinidade de atos que são unicamente de competência do tribunal da consciência.

Na questão seguinte, disseram eles, que a base da justiça fundada sobre a lei natural, fora do direito consagrado pela lei natural, o Cristo disse: “Querer para o outro o que quereis para vós mesmos”. Deus pôs no coração do homem a regra de toda a verdadeira justiça, pelo desejo de cada um de ver os seus direitos respeitados. Na incerteza do que se deve fazer para o semelhante, em cada circunstância, que o homem pergunte a si mesmo como desejaria que agissem com ele em semelhante circunstância: Deus não lhe poderia dar um guia mais seguro que a sua própria consciência.

Allan Kardec comenta sobre essa questão, que o critério da verdadeira justiça

é de fato o de se querer para os outros aquilo que se quereria pra si mesmo, e não de querer para si o que se desejaria para os outros, o que não é a mesma coisa. Como não é natural que se queira o próprio mal, tomando o desejo pessoal por norma ou ponto de partida, pode-se estar certo de jamais desejar para o próximo senão o bem. Desde todos os tempos, e em todas as crenças, o homem procurou sempre fazer prevalecer o seu direito pessoal. O sublime da religião cristã foi tomar o direito pessoal por base do direito do próximo.

Em outra questão, os espíritos esclareceram que a necessidade do homem viver em sociedade acarreta para ele obrigações particulares, e a primeira de todas é a de respeitar o direito de seus semelhantes; aquele que respeitar esses direitos será sempre justo. No mundo, onde tantos homens não praticam a lei de justiça, cada um usa de represálias, e é isso que produz a perturbação e a confusão da sociedade. A vida social dá direitos e impõe deveres recíprocos.

Na questão seguinte, disseram que quando o homem iludir-se quanto à extensão do seu direito, ele poderá conhecer os seus limites pelos mesmos do direito que reconhecer para o seu semelhante, em relação a ele, na mesma circunstância e de maneira recíproca.

Mais adiante, esclareceram que os direitos naturais são os mesmos para todos os homens, desde o menor até o maior. Deus não fez uns de limo mais puro que outros, e todos são iguais perante ele. Esses direitos são eternos; os que os homens estabelecem perecem com as suas instituições. De resto, cada qual sente bem a sua força e a sua fraqueza, e saberá ter sempre uma espécie de deferência

para aquele que o merecer, por sua virtude e o seu saber. É importante assinalar isto, a fim de que os que se julgam superiores conheçam os seus deveres e possam merecer essas deferências. A subordinação não estará comprometida quando a autoridade for conferida à sabedoria.

E concluíram o assunto esclarecendo que o caráter do homem que praticasse a justiça em toda a sua pureza seria o verdadeiro justo, a exemplo de Jesus; porque praticaria também o amor ao próximo e a caridade, sem os quais não há verdadeira justiça.

Uma vez nos contaram uma história sobre justiça. Falava sobre um senhor muito poderoso que vivia em uma cidade oriental, em um castelo. Era um homem justo e talvez por isso possuía uma grande sensibilidade para detectar a verdade. Usava uma pulseira toda esculpida em ouro que não tirava nem para dormir.

No castelo, o senhor reunia-se todas as semanas com algumas pessoas de grande responsabilidade para tratar de seus negócios. Havia, dentre eles, um que não tinha muita simpatia por aquele senhor, e ainda por cima cobiçava a pulseira que se apresentava a seus olhos em todas as reuniões.

Em certo encontro, o dono da pulseira, tendo machucado o seu punho, retirou a joia e guardou-a em lugar seguro dentro do salão de reuniões. Absorvido pelos assuntos que estava tratando, esqueceu-se dela, dando oportunidade a que fosse surrupiada por aquele que não gostava daquele senhor.

Todos já tinham ido embora, quando foi dada a falta da pulseira. Sem saber quem poderia tê-la furtado, o senhor ficou sem saber como iria proceder para encontrar aquele que tinha lhe tirado a joia, sem cometer nenhuma injustiça com os outros.

Então, teve a ideia de convocar todos os envolvidos para uma nova reunião, entregando, a cada um, um graveto, mostrando-lhes que tinham o mesmo tamanho, dizendo-lhes que sua pulseira havia sumido e que esses eram gravetos da justiça, possuídos de poder de magia. Deveriam levar para as suas casas e voltar no dia seguinte. O graveto que estivesse com aquele que tivesse a pulseira, cresceria ficando um pouco maior do que os outros, mas que não se preocupassem por esta ação, porque não haveria nenhuma punição ao culpado.

Todos foram para casa tranquilos, pela certeza de não ter pegado a pulseira. Menos aquele que a tinha em seu poder, que não conseguiu fechar os olhos naquela noite, duvidando que o seu graveto pudesse crescer. Tirou a medida diversas vezes. Ficou tão confuso que em determinado momento achou que não tinha mais certeza se ele realmente havia crescido. Aturdido, cortou pequena parte do graveto acreditando que dessa forma ele ficaria do mesmo tamanho que estavam os outros.

No dia seguinte, todos apresentaram os seus gravetos. O daquele que tinha se apoderado da pulseira estava menor, não sendo difícil achar o culpado.

O senhor que tinha feito o seu julgo lhe falou: “É por isso que estes gravetos

de justiça são mágicos. Ao carregar consigo a culpa do seu ato, não consegue escondê-la e acaba fazendo alguma coisa diferente, como cortar o graveto, deixando transparecer que foi o causador daquela ação”.

Assim, por um princípio de justiça, o senhor do castelo conseguiu que o culpado pelo sumiço de sua pulseira fosse descoberto, onde num ímpeto de generosidade deu-lhe nova oportunidade de se redimir, ficando o aprendizado para que não mais cometesse uma ação como aquela.

A justiça é, assim, equitativa, porque permite que as pessoas tenham um senso de equilíbrio ao fazer o que é preciso a um, sem prejuízo de outros, mostrando que se o ser humano tiver respeito pelos direitos do outro, saberá o que deve fazer, tomando como base aquilo que não gostaria para si.

Para que uma pessoa seja justa, é necessário que possa desenvolver a sua capacidade de compreensão e a generosidade. Tenha a convicção dos seus atos, pense com prudência e se torne sensato em suas decisões. Para ter senso de justiça, o ser humano não precisa ser culto, mas deve possuir todas essas qualidades que lhe darão a ideia daquilo que é injusto.

## 48 - A SABEDORIA COMO CAPACIDADE DE JULGAMENTO COM JUSTIÇA E BONDADE

Em concordância com a interpretação apontada nas literaturas, a sabedoria é uma grande qualidade, sendo a capacidade que o ser humano pode ter de assimilar conhecimentos profundos por meio do estudo ou de experiências vividas, envolvendo uma diversificada gama de assuntos, formando conceitos com base em uma retidão de caráter e juízo equilibrado sobre os fatos, demonstrando sensatez e bom senso no seu comportamento, em uma decisão ou alguma ação.

A sabedoria é também uma grande virtude. É o resultado do senso de justiça adquirido por meio do julgamento equânime, que leva o ser humano a entender o que precisa solucionar, diante de certas circunstâncias, por meio do discernimento entre o que está certo e o que está errado, colocando uma dose de benevolência denotada pela bondade, onde a pessoa pode demonstrar tolerância e condescendência.

Uma pessoa sábia também é aquela que consegue discernir o melhor caminho a seguir ou mesmo a mais acertada atitude a tomar diante de diferentes contextos, em diversos momentos de sua vida. A sapiência capacita a pessoa a identificar falhas, tanto suas quanto da sociedade, trabalhando pela correção de ambas, a partir da sua sagacidade, que é a facilidade para um melhor entendimento na decisão de suas ações.

Na Bíblia, no Antigo Testamento, em 1 Reis capítulo 3, versículos 16 a 28, é contada a história do Rei Salomão, conhecido como o homem mais sábio do mundo, que ficou famoso por sua sabedoria.

Certa vez, duas prostitutas foram ao rei e se apresentaram diante dele. Uma das mulheres disse: “Com licença, meu senhor! Eu e esta mulher estamos morando na mesma casa; eu tive um filho enquanto ela estava em casa; três dias após eu ter dado à luz, também esta mulher teve um filho. Estávamos nós duas. Não havia nenhum estranho conosco na casa.”

“Ora, o filho desta mulher morreu durante a noite, pois ela se deitou sobre ele. Aí ela se levantou de noite, enquanto esta tua criada estava dormindo, tirou o meu filho de perto de mim e o colocou no seio dela, e o filho dela, que estava morto, ela pôs no meu seio. De manhã quando me levantei para amamentar o meu filho, vi com surpresa que estava morto; mas quando o examinei mais de perto, reparei que não era o filho que eu tinha dado à luz”.

A outra mulher contestou: “Não é verdade! É meu filho que está vivo e o teu é que está morto!”. Mas a primeira replicou: “Mentira! Teu filho está morto e o meu está vivo!”. Assim discutiam diante do rei.

O rei então falou: “Esta afirma que seu filho está vivo e o da outra está morto; mas a outra afirma que não é verdade, que o filho da outra estaria morto e que o seu estaria vivo”. Então o rei deu a seguinte ordem: “Trazei-me uma espada!”. Depois de ser entregue a espada ao rei, ele lhes disse: “Cortai em dois

pedaços a criança viva e dai metade a uma e metade a outra”.

Então, a mulher cuja criança estava viva sentiu fortemente o amor materno pelo filho e disse ao rei: “Por favor, meu senhor, dai a ela a criança viva e não a mateis”. Mas a outra dizia: “Nem para mim, nem para ela: cortai em dois pedaços”.

Então o rei tomou a palavra e disse: “Dai a primeira o menino vivo! Não o mateis, pois ela é a mãe”. Todo Israel soube da sentença que o rei havia pronunciado, e todos lhe demonstraram profundo respeito, porque viram que no seu coração havia sabedoria divina e capacidade para fazer justiça.

Por essa história, pode-se compreender que para se ter sabedoria é necessário ser justo, mas também bondoso, para adquirir-se a capacidade de julgamento e o sentimento de amor ao próximo.

Ao desenvolver-se a sabedoria, é preciso que as pessoas comecem a reformular o seu caráter, passando a modificar o seu comportamento, espelhando-se nas ideias positivas e relevantes à procura de novidades, aprofundando-se em conhecimentos de diversos assuntos, explorando tópicos interessantes para descobrir situações que lhes possam trazer desafios e experiências no decorrer do tempo. É importante que as pessoas passem a ter o gosto de aprender sobre uma ou várias coisas, fazendo com que essa ação possa tornar-se um hábito.

Em paralelo a esse desenvolvimento, o ser humano para direcionar-se no

caminho da sabedoria deve aplicar-se na prática da tolerância, aprender a perdoar e compreender o próximo, trabalhar a solidariedade humana fazendo a caridade, despertando dentro de si a ponderação e a prudência nos seus atos para que possa tornar-se justo pela sensatez e assim, por meio de toda essa desenvoltura, caminhar para a sabedoria.

## 49 - O DESENVOLVIMENTO DO AMOR PELAS VIRTUDES E OS SENTIMENTOS DO SER HUMANO

De acordo com o que pode ser encontrado em vários escritos, o amor é a capacidade de desenvolver sentimentos como o afeto, a compaixão ou a misericórdia, por meio da continuidade de uma relação afetiva, pelo exercício da fraternidade e da solidariedade humana, ou pela prática do altruísmo e da abnegação, transformando o ser humano naturalmente em uma pessoa bondosa, generosa e caridosa, incondicionalmente, pelo amor que passa a ter no início por algumas pessoas, na continuidade por uma multidão e, mais tarde, por toda a humanidade.

O amor pode também ser desenvolvido entre duas pessoas que tem grande afeto entre si, vencendo barreiras ou situações problemáticas, resistindo a qualquer dificuldade que se interponha no caminho, indo muito além do romantismo e do erotismo, onde o companheirismo, a amizade e a confiança tornam-se fundamentais para uma relação duradoura.

O amor maternal e paternal traz um sentimento instintivo, no interesse da conservação da espécie humana, por meio do devotamento e da abnegação dos pais em relação aos filhos a partir da intuição de afinidade afetiva, criada pela formação de grupos familiares espirituais, que trazem dentro de si o amor

incondicional pelo convívio que tem pela continuidade de outras existências.

No livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo XI, nas Instruções dos Espíritos, Fénelon diz que o amor é a essência divina, e desde o primeiro até o último ser, todos possuem nos refolhos do coração a fagulha desse fogo sagrado. É um fato que já se pode comprovar muitas vezes: o mais abjeto dos homens, o mais vil e criminoso, tem por um ser, ou por um objeto qualquer, uma afeição viva e ardente, resistindo a tudo quanto pudesse diminuí-la e atingindo muitas vezes proporções superlativas.

Em continuidade esclareceu que os efeitos da lei do amor são o melhoramento da raça humana e a felicidade durante a vida terrestre. Os mais rebeldes e viciados deverão reformar-se quando virem os benefícios produzidos pela máxima que manda não fazer aos outros o que não queremos que nos façam, mas ao contrário, fazer todo o bem que estiver ao nosso alcance.

Mais adiante, o espírito de Sanson, antigo membro da Sociedade Espírita de Paris, disse que amar, no sentido profundo da palavra, é ser leal, probo, consciencioso em fazer aos outros o que se quer que faça a si mesmo. É buscar em torno de si o sentido íntimo das dores que acabrunham os semelhantes para lhes levar um consolo. É contemplar a grande família humana como sua, pois o homem encontrará essa família em outro período, em mundos mais adiantados, sendo os espíritos que a compõe filhos de Deus, como os homens na Terra, predestinados a elevarem-se no infinito. Por isso, o homem não deve recusar aos seus irmãos o que Deus lhe outorgou literalmente, pois que por outro lado, o

homem ficaria muito satisfeito se esses irmãos lhe dessem aquilo que tivesse necessidade. Que este dê a todos os sofredores uma palavra de esperança e auxílio, a fim de que ele seja todo amor, todo justiça.

Estes esclarecimentos trazidos pelos espíritos de Fénelon e Sanson dão uma mostra da importância do desenvolvimento do amor no ser humano.

Ao falarmos do amor, podemos lembrar-nos da vida de uma grande personalidade que todos conhecem. Nasceu em uma cidade do oriente, na época quando estava sendo registrado o Censo, ordenado pelo Imperador Ocidental. Sua casa localizava-se em um povoado próximo a mais importante cidade do país.

A sua infância sucedeu de maneira comum, igual aos meninos de sua época. Algumas vezes, e de forma normal, causava aflições a seus pais pela sinceridade e franqueza, o que provocara insatisfação e até comentários preconceituosos entre um povo conservador.

Um profeta conhecido na época tinha vindo anunciar a chegada de alguém mais poderoso. E assim no momento oportuno, batizou-o, dando início a sua missão na Terra.

Nos primeiros passos de seu grandioso trabalho, designou doze apóstolos que iriam lhe ajudar, onde quatro eram pescadores, que logo ao serem convocados abandonaram os seus serviços para segui-lo.

Assim, ele passou a fazer uma série de sermões, incluindo parábolas que são

utilizadas até os dias atuais. Os seus ensinamentos foram embasados em condutas de moral, na revelação divina e na dedicação ao propósito de Deus.

Instruindo o povo para a prosperidade, fez milagres, curas e ressuscitações, trazendo esperança no porvir. Em suas ações, trouxe a fé, mostrando que as pessoas deveriam ter resignação, humildade e tolerância. Teve a ponderação pela maneira como ensinou o povo, o perdão pela compreensão, mostrando que deveriam ter compaixão e tornarem-se solidários, e que pela prática da caridade poderiam desenvolver o amor.

Detentor de grande bondade, generosidade e justiça, mostrou sabedoria no que dizia e também em suas ações, denotando que por todas estas virtudes que possui, tem uma grande capacidade de amor pela humanidade.

Seu nome: Jesus de Nazaré, que trouxe uma proposta para a reforma da humanidade.

Muitas pessoas têm a ideia que o amor é a chama que ilumina a vida. Que é a fonte da vitalidade, da alegria e da felicidade. Isso é uma verdade, onde os grandes benefícios do amor chegam com maior rapidez naqueles que se doam por meio de sentimentos de benevolência e caridade. Então se pode dizer que é dando que se recebe, é consolando que se é consolado, e é amando que se é amado. E é isso que o ser humano deve fazer todos os dias de sua vida para desenvolver esta grande capacidade que é o amor.

## 50 - ENTRE OS VÍCIOS E AS VIRTUDES A TRANSFORMAÇÃO DA HUMANIDADE

O vício de imperfeição mais predominante no ser humano é o egoísmo, onde a partir do orgulho pode ferir por sua raiva a si e a outras pessoas. Mais tarde, pelo sofrimento que lhe é imposto, por tornar-se vítima da própria vida, começa a sentir-se culpado de suas ações, passando a ter tristeza nos seus atos e em um descontrole emocional; sente-se angustiado com tudo e com todos, gerando um sentimento de mágoa como resultado de seu relacionamento com outras pessoas, o qual pode transformar-se em ódio. E isso traz como consequência, a vingança que pode despertar em si, deixando-o em um estado de cólera para consigo mesmo ou contra terceiros.

Depois de muitas experiências pelo sofrimento no resgate de suas faltas, o ser humano passa a ter a necessidade de aceitar a sua transformação pela reforma interior, a qual é obrigado a fazer para sentir-se melhor perante a vida. Começa a desenvolver resquícios de amor, pelo enternecimento e a compreensão que percebe poder ter pelas pessoas que lhe são próximas e que estão em dificuldades. Tem assim a oportunidade de fazer um exercício de autoconhecimento, colocando-se na prática da melhoria de si pela perseverança, obediência e resignação, denotando sentimentos de afabilidade, doçura e paciência com aqueles que lida no dia a dia, tornando-se uma pessoa com mansuetude, brandura e compaixão, passando então a fazer a verdadeira caridade

e aprender a amar o próximo.

Em “O Livro dos Espíritos”, Livro Terceiro, capítulo XII, questão 918, os espíritos dizem que o sinal que demonstra no homem o progresso real, que eleva a sua individualidade na hierarquia espírita, é quando o espírito prova a sua elevação, onde todos os atos de sua vida corpórea constituem a prática da Lei de Deus e quando compreende por antecipação a vida espiritual.

Allan Kardec esclarece então que o verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a lei de justiça, de amor e de caridade na sua completa pureza. Interrogando sua consciência sobre os atos praticados, perguntará se não violou essa lei, se não cometeu nenhum mal, se fez todo o bem que podia, se ninguém teve de se queixar dele, enfim, se fez para os outros tudo o que queria que os outros lhe fizessem.

Continuou dizendo, que o homem possuído pelo sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperança de recompensa e sacrifica o seu interesse pela justiça. Ele é bom, humano e benevolente para todos, porque vê irmãos em todos os homens, sem exceção de raças ou crenças. Se Deus lhe deu o poder e a riqueza, olha essas coisas como um depósito do qual deve usar para o bem, e disso não se envaidece, porque sabe que Deus também poderá retirá-los.

Disse ainda Allan Kardec que se a ordem social colocou homens sob a sua dependência, trata-os com bondade e benevolência porque são seus iguais

perante Deus; usa de sua autoridade para lhes erguer a moral, e não para esmagá-los com o seu orgulho. É indulgente para com as fraquezas dos outros porque sabe que ele mesmo tem necessidade de indulgência, e se recorda destas palavras de Cristo: “Que aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra”. Não é vingativo: a exemplo de Jesus, perdoa as ofensas para não se lembrar senão dos benefícios, porque sabe que lhe será perdoado assim como ele tiver perdoado.

E conclui que ele respeita enfim, nos seus semelhantes, todos os direitos decorrentes da lei natural, como desejaria que respeitassem os seus.

Na verdade, o que ocorre entre os vícios de imperfeição e as virtudes para a transformação do homem do futuro, é que o vício do egoísmo defende o homem na sua origem, conservando-o na proteção de sua família, e por meio das dores e do sofrimento perante a vida, transforma-se na proteção de um grupo, tornando-se solidário a uma multidão.

O orgulho e a vaidade exaltam o homem primitivo promovendo o exibicionismo na liderança, e por meio dos desvarios e das experiências vividas na pobreza, acaba numa humildade forçada, podendo transformar-se em uma pessoa que aprenderá a conduzir um grupo com ordem e disciplina, comprometendo-se com a organização de uma multidão, tornando-se infalível no desenvolvimento da bondade, generosidade e da prática da caridade espontânea e consciente.

O ódio, sendo o resultado da ação do egoísmo, do orgulho e da vaidade, pela

experiência e suas consequências na dor e no sofrimento, leva o ser humano a perdoar e compreender o opressor, podendo gerar um sentimento de compaixão que, com o passar do tempo, pode transformar-se em altruísmo onde este, pela sensatez, torna-se justo e mais adiante, sábio, passando assim a ter dentro de si o amor que se desenvolveu pela prática de todas as virtudes, dando ensejo a grande transformação da humanidade para um mundo melhor, mais benevolente, justo e moralizado.

# BIBLIOGRAFIA

- . ALLAN KARDEC – O Livro dos Espíritos – Editora FEB, 2004.
- . ALLAN KARDEC – O Livro dos Médiuns – Editora FEB, 2004.
- . ALLAN KARDEC – O Evangelho Segundo o Espiritismo – Editora FEB, 2004.
- . ALLAN KARDEC – O Céu e o Inferno – Editora FEB, 2004.
- . ALLAN KARDEC – A Gênese – Editora FEB, 2004.
- . ALLAN KARDEC – Obras Póstumas – Editora FEB, 2004.
- . ALLAN KARDEC – O Que é o Espiritismo – Editora FEB, 2004.
- . ALLAN KARDEC – O Principiante Espírita – Editora FEB, 2004.
- . ALLAN KARDEC – Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita – Editora FEB, 2004.
- . EMMANUEL/ CHICO XAVIER – O Consolador – Editora FEB, 2010.
- . EMMANUEL/ CHICO XAVIER – Fonte Viva – Editora FEB, 1995.
- . EMMANUEL/ CHICO XAVIER – Alvorada Cristã – Editora FEB, 2014.
- . YVONNE PEREIRA – Cânticos do Coração – Editora Leon Denis, 1987.
- . RAMATIS/ HERCÍLIO MAES – O Sublime Peregrino – L. Freitas Bastos, 1976.
- . RAMATIS/ HERCÍLIO MAES – O Evangelho a Luz do Cosmo – L. Freitas Bastos, 1975.
- . ANDRÉ LUIZ/ CHICO XAVIER – Nosso Lar – Editora, FEB 2010.
- . ANDRÉ LUIZ/ CHICO XAVIER – Missionários da Luz – Editora FEB, 1979.
- . ANTONIO PIMENTEL – Revolução do Mundo à Luz do Progresso – Editora Arte & Opção, 2015.
- . ANTONIO PIMENTEL – Intercâmbio com o Mundo Espiritual – Editora Arte & Opção, 2015.
- . A BÍBLIA SAGRADA – O Velho Testamento – Editora Vozes, 2012.
- . A BÍBLIA SAGRADA – O Novo Testamento – Editora Vozes, 2012.
- . ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA GLOBO – Editora Globo, 1977.
- . ENCICLOPÉDIA BARSA – Editora Barsa, 2007.

. WIKIPÉDIA – A ENCICLOPÉDIA LIVRE – [www.pt.wikipedia.org](http://www.pt.wikipedia.org) . DICIONÁRIO INFORMAL –  
[www.dicionarioinformal.com.br](http://www.dicionarioinformal.com.br) . SIGNIFICADOS BR – [www.significadosbr.com.br](http://www.significadosbr.com.br) . SIGNIFICADOS –  
[www.significados.com.br](http://www.significados.com.br) . DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS – [www.dicio.com.br](http://www.dicio.com.br) . PORTAL  
DO ESPÍRITO – [www.espirito.org.br](http://www.espirito.org.br)

## PRECE DE CÁRITAS

“Deus, nosso Pai, que sois todo Poder e Bondade, dai a força àqueles que passam pela provação, dai a luz àqueles que procuram a verdade, ponde no coração do homem a compaixão e a caridade.

Deus! Dai ao viajor a estrela guia, ao aflito a consolação, ao doente o repouso. Pai! Dai ao culpado o arrependimento, ao espírito a verdade, à criança o guia, ao órfão o pai. Senhor! Que vossa bondade se estenda sobre tudo que criastes. Piedade, Senhor, para aqueles que vos não conhecem, esperança para aqueles que sofrem. Que a vossa bondade permita aos espíritos consoladores derramarem por toda parte a paz, a esperança e a fé.

Deus! Um raio, uma faísca de vosso amor pode abrasar a Terra; deixai-nos beber nas fontes dessa bondade fecunda e infinita, e todas as lágrimas secarão, todas as dores se acalmarão.

Um só coração, um só pensamento subirá até vós, como um grito de reconhecimento e de amor. Como Moisés sobre a montanha, nós vos esperamos com os braços abertos, oh! Bondade, oh! Beleza, oh! Perfeição, e queremos de alguma sorte a vossa misericórdia.

Deus! Dai-nos a força de ajudar o progresso a fim de subirmos até vós; dai-nos a caridade pura, dai-nos a fé e a razão; dai-nos a simplicidade que fará das nossas almas o espelho onde se refletirá a Vossa Imagem”.

## Antônio Pimentel

É engenheiro civil e escritor, tendo trabalhado muitos anos como engenheiro de projetos em empresas de usinas hidroelétricas e termoelétricas, desde 1972.

Em 1982, fundou a Fraternidade Espírita Adolpho Bezerra de Menezes, juntamente com sua esposa Analígia S. Francisco, e também trabalhou como diretor da Instituição Espírita Joanna de Ângelis, ambas localizadas em Queimados, no Estado do Rio de Janeiro.

Ajudou com conhecimento técnico de engenharia na construção e ampliação do Centro Espírita Antenor de Paula Carneiro, Sociedade Espírita Estrada de Damasco, Grupo Espírita José Luiz do Espírito Santo e Centro Espírita Jesus e Allan Kardec, localizados em Mesquita, também no Estado do Rio de Janeiro.

É diretor fundador da Sociedade Espírita dos Apóstolos Missionários a Serviço do Senhor desde o início de 1983 e da empresa Arte & Opção desde 1991, ambas localizadas em Mesquita.

Sua vida é moldada na responsabilidade perante o seu trabalho, na fidelidade às suas ideias e no empenho e persistência para a realização de seus objetivos.



Conheça também o livro

## Revolução do mundo à luz do progresso

*Sobre a história da evolução do mundo de forma científica, filosófica e religiosa O livro Revolução do Mundo à Luz do Progresso mostra a evolução da humanidade por meio de vários acontecimentos analisados sob a perspectiva espírita. O leitor acompanhará a trajetória do homem desde o tempo dos primatas passando por inúmeras transformações, a partir do período Neolítico, entrando em nova fase na época de Jesus de Nazaré, quando a humanidade começou a se preparar para novas mudanças no século 15, podendo ter contato com ideologias científicas, filosóficas e religiosas por meio da vinda de várias personalidades que trouxeram conhecimentos reformadores para a humanidade, marcados também pela chegada da Revelação Espírita. Tudo isso evidenciando uma expressiva revolução tecnológica e social, através de grandes inventos modernos de grande importância para o aprimoramento da sociedade atual.*

**[www.osmissionarios.com.br](http://www.osmissionarios.com.br)**

NAS PRINCIPAIS LIVRARIAS



Conheça também o livro

## Intercâmbio com o Mundo Espiritual Sobre a capacidade mediúnica e os Fenômenos extrassensoriais que uma pessoa pode ter.

O livro Intercâmbio com o Mundo Espiritual, oferece ao leitor um pouco de conhecimento sobre as inúmeras faculdades mediúnicas e capacidades extrassensoriais existentes. Nele, são descritos desde os fenômenos de efeito físico, como as mesas girantes, abordadas por Allan Kardec, até os fenômenos extrassensoriais, tais como as premonições e visões por meio do registro do Livro da Vida, pesquisadas por Ernesto Bozzano. Os capítulos esclarecem que os dons mediúnicos ou extrassensoriais são capacidades desenvolvidas por cada indivíduo em seu próprio ser, apresentando-se mais latentes em algumas pessoas e mais afloradas em outras. Por certo, sabemos que no futuro toda a humanidade será possuidora delas.

[www.osmissionarios.com.br](http://www.osmissionarios.com.br)

NAS PRINCIPAIS LIVRARIAS



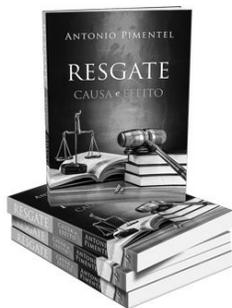
Conheça também o livro

## Resgate - Causa e Efeito Sobre a expiação e a provação que o ser humano é submetido, por uma ação de Causa e efeito, podendo por meio de seu livre arbítrio, fazer o resgate de suas faltas.

Esta obra *Resgate – Causa e Efeito*, de fácil leitura, prende a atenção do leitor do início ao fim pelas elucidações esclarecedoras sobre a lei de Causa e Efeito. Por meio desta obra o leitor compreenderá didaticamente que tanto a dor como o sofrimento, não são punições Divinas, castigos de Deus ou algo nocivo para quem as experimenta, mas sinalizadores de que alguma coisa não está correndo bem com quem as sofre. Ou seja, certamente a pessoa está incorrendo em atitudes errôneas e contrárias à Lei do amor, que diz: “faça ao próximo aquilo que gostaria que a ti fosse feito”. Algumas religiões ensinam que o ser humano sofre por erros pretéritos dos seus progenitores ou também por herança Divina, contraída por erros de Adão e Eva, ao comerem o fruto da árvore proibida. Com essas ideias incorretas, Deus é apresentado pela Bíblia como um Pai vingativo e punitivo, criador de penas eternas no inferno. Apresentando um contraponto a esse olhar, a obra tende a discorrer sobre a necessidade da reforma íntima para a estruturação do homem do futuro, face à proximidade do Mundo de Regeneração, reconhecido pela diminuição de expiações e provas, onde o ser humano estará reabilitando-se por um aprendizado constante entre o bem e o mal, em que ele cansado de se conduzir no mal, irá procurar conviver com o bem.

**[www.osmissionarios.com.br](http://www.osmissionarios.com.br)**

NAS PRINCIPAIS LIVRARIAS



Conheça também o livro

## Deus - Religião e Ciência Sobre a existência e a realidade de Deus pela visão que grande parte das religiões fazem sobre Ele, observando-se a história de cada religião.

Nesta obra, *Deus – Religião e Ciência*, há uma preocupação de que o leitor possa ter o entendimento da existência de Deus bem como da sua realidade enquanto essência divina. Buscando dar ao leitor uma ideia sobre a realidade de Deus, inicialmente são mostrados os conceitos da visão de Deus por meio dos posicionamentos encontrados no Politeísmo, no Monoteísmo e no Panteísmo. A partir da apresentação dessas diferentes visões, é facilitada a percepção da mistura desses conceitos sobre Deus, promovidos pelo Pandeísmo, Panenteísmo e pelo Pantiteísmo. Será visto também a existência de uma disputa conceitual provocada pelo Deísmo e Teísmo em relação ao Ateísmo e o Agnosticismo. Com esta visão de conceitos sobre Deus, a obra se desenvolve expondo a história da maior parte das religiões que existem ou já existiram no mundo, percorrendo a trajetória de cada uma delas, desde as mais antigas religiões, como o Bramanismo, o Judaísmo e o Hinduísmo, passando por outras, como o Cristianismo, o Islamismo e o Sikhismo, e chegando a outras mais recentes, que nasceram no século 20, como o Pentecostalismo, a Umbanda e a Seicho-No-Ie. A partir dessa conjunção de ideias sobre Deus, é apresentada uma inteiração entre religião e ciência, por meio da qual o leitor pode ter o entendimento de que a realidade de Deus é observada pela sua imensidão com relação a pequenez da Terra, dando mostras de que Deus é a essência, onde o universo está contido, sendo a sua ação composta pela infinidade de espíritos que evoluem em direção à perfeição, ou seja, em direção a Deus.

[www.osmissionarios.com.br](http://www.osmissionarios.com.br)

NAS PRINCIPAIS LIVRARIAS

